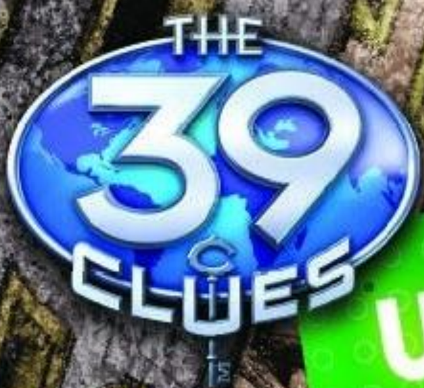


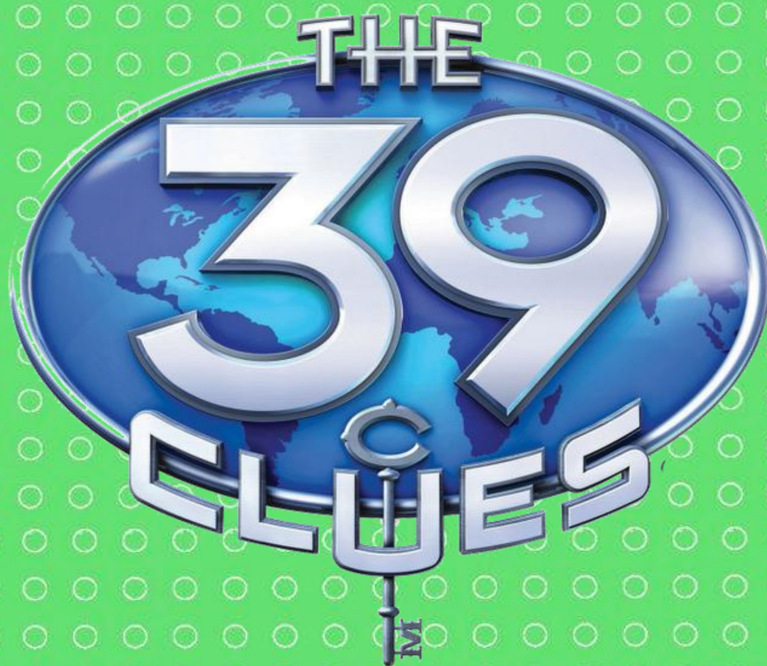
UMA NOTA ERRADA

GORDON KORMAN

LIVRO 2

editora ática

UMA NOTA ERRADA



UMA NOTA ERRADA

GORDAN KORMAN

NUNCA ANTES UMA BUSCA
OFERECEU TANTAS PROMESSAS.

NEM TANTO PERIGO.

DEPOIS DE QUASE MORREREM EM PARIS, Amy e Dan finalmente conseguem a primeira das 39 pistas e uma preciosa dica para chegar à segunda. Mas a disputa está cada vez mais acirrada e os perigos só aumentam.

Na busca pelo tesouro, os irmãos têm de decifrar uma mensagem secreta escondida em uma partitura de Mozart. Eles rumam para Viena, cidade onde viveu o compositor. As charadas os fazem passar também pela romântica Veneza, mas não espere por cenas de amor nos canais da cidade: só a adrenalina faz os corações baterem mais forte nesta aventura, em que grandes segredos serão revelados.

shadow Hunters

Para todas as equipes de
Irmão e irmã, dos Mozart
aos Cahill, com a gratidão
de um filho único.

GK

CAPÍTULO 1

A GREVE DE FOME HAVIA COMEÇADO DUAS HORAS APÓS PARTIREM DE Paris.

Cheio de frescura, Saladin cheirou a lata aberta de comida para gato e torceu o nariz.

— Vamos, Saladin — insistiu Amy Cahill, a garota de 14 anos. — Esse é o seu jantar. Vai ser uma longa viagem até Viena.

O gato, da raça Mau Egípcio, soltou um bufo arrogante que era uma aula em comunicação não verbal: *Você só pode estar brincando comigo.*

— Ele está acostumado a comer salmão — Amy disse em tom de justificativa para Nellie Gomez, *a au pair* dos irmãos Cahill.

Nellie não se comoveu.

— Você faz ideia de quanto custa peixe fresco? Nosso dinheiro tem que durar. Não sabemos quanto tempo vamos ficar correndo de um lado pro outro, à procura das suas preciosas pistas.

Saladin soltou um *Prrr!,* desaprovando.

Dan Cahill, o irmão de Amy, de 11 anos, ergueu os olhos da página de partitura que estava examinando e se pronunciou:

— Eu concordo com o gato. Não acredito que pegamos o trem mais lerdo da Europa. Precisamos chegar logo! A concorrência tem jatos particulares, e nós estamos perdendo tempo no Expresso dos Perdedores.Será

que vamos parar em cada cidadezinha perdida da França?

— Não — disse Nellie com sinceridade. — Daqui a pouco a gente vai parar em cada cidadezinha perdida da Alemanha. Depois em cada cidadezinha perdida da Áustria. Olha, a passagem foi barata, ok? Eu não concordei em ser babá de vocês dois nessa missão...

— Ser nossa *au pair* nessa missão — corrigiu Dan.

— ...pra depois ver vocês desistirem no meio porque torraram toda a grana em salmão e passagens de trem caras — ela concluiu.

— Sua ajuda é muito importante, Nellie — reconheceu Amy. — Nunca conseguiríamos fazer isso sem você.

Amy ainda estava zonza com o vendaval das últimas duas semanas. *Num dia você é órfã; no outro, faz parte da família mais poderosa que o mundo já conheceu!*

Era uma reviravolta incrível para duas crianças que tinham sido largadas na mão de uma tia-avó negligente que, por sua vez, as largava na mão de uma série de *au pairs*. Agora eles sabiam a verdade: eram parentes de Benjamin Franklin, Wolfgang Amadeus Mozart e de vários outros gênios, visionários e líderes mundiais.

Não éramos ninguém. De repente temos uma chance de mudar o mundo...

Tudo graças à busca que a avó Grace instituíra em seu testamento. De algum modo, o segredo do poder ancestral da família Cahill havia se perdido — um segredo que só poderia ser descoberto quando se reunissem as 39 pistas. Essas pistas estavam escondidas por todo o planeta. Ou seja, era uma caça ao tesouro. Mas *que* caça ao tesouro: uma busca atravessando oceanos e continentes, cujo prêmio era nada menos que dominar o mundo.

No entanto, um prêmio tão valioso implicava altos riscos. Os adversários de Amy e Dan não desistiriam tão facilmente até vê-los eliminados. Algumas pessoas já haviam se ferido.

E provavelmente muitas outras ainda vão se ferir...

Amy olhou para Dan no assento em frente ao dela. *Duas semanas atrás, estávamos brigando pelo controle remoto da tevê...*

Ela nunca conseguiria mostrar para Dan como tudo aquilo era bizarro. O irmão dela não via nada de estranho em pertencer à família mais forte e influente da História. Aceitava aquilo sem questionar. Afinal, isso pegava

muito bem pra ele. Dan não via desvantagem alguma em ser um protagonista na grande engrenagem do mundo. O coitado só tinha 11 anos, não tinha pai nem mãe, e até mesmo Grace se fora.

Com toda a agitação da busca, eles mal tinham tido tempo de sofrer pela morte da avó. Não parecia correto. Amy e Grace eram tão próximas. E ainda assim, tinha sido a avó quem os colocara naquela montanha-russa tão perigosa. Às vezes Amy não sabia o que sentir...

Ela sacudiu a cabeça para deixar esses pensamentos de lado e se concentrou no irmão. Dan olhava fixamente para a partitura, à procura de marcas escondidas ou mensagens secretas.

— Conseguiu alguma coisa? — Amy perguntou.

— Nadinha — ele disse. — Tem certeza de que esse tal de Mozart era mesmo um Cahill? Tipo, Benjamin Franklin até quando assoava o nariz deixava uma mensagem em código no lenço de papel. Isto não passa de música chata.

Amy revirou seus olhos verdes.

— *Esse tal de Mozart?* Você nasceu burro assim ou precisou tirar algum diploma? Wolfgang Amadeus Mozart é considerado o maior compositor clássico de todos os tempos.

— Ahã, clássico. Chato.

— As notas musicais também correspondem às letras de A a G — comentou Nellie. — Talvez a mensagem tenha alguma coisa a ver com isso.

— Já pensei nisso também. Até tentei desembaralhar as letras pro caso de as palavras serem anagramas. Vamos admitir, nós quase morremos pra conseguir uma pista que não é pista nenhuma.

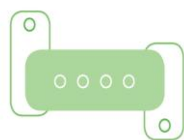
— É uma pista, sim — insistiu Amy. — Tem que ser.

Pistas. 39 pistas. Nunca antes uma busca ofereceu tantas promessas. Nem tanto perigo. Com o poder supremo em jogo, a morte de dois órfãos americanos seria apenas uma nota de rodapé na História.

Mas nós não morremos. Encontramos a primeira pista — após uma turbulenta corrida cheia de obstáculos pela vida de Benjamin Franklin. Amy estava convencida de que Mozart era a chave para a segunda pista. A resposta estava no fim daqueles trilhos de trem, em Viena, onde Mozart vivera e compusera

algumas das maiores músicas de todos os tempos.

Só restava torcer para que a concorrência não chegasse lá primeiro.



— Eu odeio a França — resmungou Hamilton Holt, segurando um minúsculo hambúrguer em sua mão gigante.

— É como se o país inteiro estivesse de dieta.

A família Holt estava de pé no balcão de uma lanchonete, numa pequena estação ferroviária trinta quilômetros a leste de Dijon, na França. Eles pretendiam se passar por uma simples família de férias, embora mais parecessem a linha de ataque de um time de futebol americano. Isso incluía as duas gêmeas, que tinham a mesma idade de Dan.

— Não perca o foco no prêmio, Ham — Eisenhower Holt lembrou ao filho. — Quando acharmos as 39 pistas, poderemos dar adeus a essa ração de fome e nos esbaldar nuns bufês de "coma o quanto aguentar" lá nos Estados Unidos. Mas por enquanto precisamos alcançar aqueles pirralhos dos irmãos Cahill.

Madison deu uma mordida no seu almoço e fez uma careta.

— Tem muita mostarda!

— Estamos em Dijon, sua anta — disse sua irmã gêmea Reagan. — É a capital mundial da mostarda.

Madison deu um soco de surpresa no estômago dela. O golpe teria derrubado um rinoceronte, mas Reagan apenas mostrou a língua num gesto de desafio. Não era tão fácil machucar um Holt.

— Quietas, meninas — advertiu com ternura a mãe, Mary-Todd. — Acho que estou ouvindo o trem.

A família ficou observando enquanto a velha locomotiva a diesel surgia arrastando-se pelos trilhos.

Madison franziu a testa.

— Achei que os trens da Europa fossem rápidos.

— Esses Cahill são traiçoeiros, que nem os pais deles — respondeu o pai. — Pegaram o último trem onde nós suspeitaríamos encontrá-los. Muito bem, pessoal, formação!

A família estava acostumada ao jargão de treinador de Eisenhower. Ele podia ter sido expulso da academia militar em West Point, mas nem por isso deixava de ser um ótimo motivador. E nada os motivava mais que uma oportunidade de acertar as contas com seus parentes esnobes. Aquela busca era a chance de provar que eles eram tão Cahill quanto qualquer outro. Os Holt seriam os primeiros a achar as 39 pistas, mesmo que para isso precisassem transformar todos os outros em purê de batata.

Eles se dispersaram, sumindo no bosque atrás da estação.

O vagaroso trem parou bufando na plataforma, e poucos passageiros desembarcaram. Os funcionários da estação estavam muito ocupados descarregando bagagens e não notaram os cinco americanos bombados subindo no último vagão. Os Holt estavam a bordo.

Eles começaram a vasculhar os vagões, avançando aos poucos pelo trem. O plano era não chamar atenção, o que era um pouco difícil por causa do tamanho king size dos Holt. Ombros e joelhos levaram esbarrões. Pés foram pisoteados. O trem se encheu de caras feias, resmungando xingamentos em várias línguas diferentes.

No terceiro vagão, o poderoso cotovelo de Hamilton derrubou o chapéu de uma mulher, fazendo-a soltar uma gaiola que estava no seu colo. A gaiola caiu no chão fazendo um estardalhaço enorme, e o periquito assustado lá dentro trinou e bateu as asas, agitado.

Isso fez Saladin, seis fileiras à frente, escalar o encosto do assento para investigar. E quando Amy olhou para ver o que estava incomodando o gato...

— Os Ho... Ho... — Situações de estresse sempre despertavam a gagueira dela.

— Os Holt — Dan sussurrou alarmado.

Por sorte, a dona do periquito se agachou para resgatar a gaiola, bloqueando o corredor. Dan rapidamente trancou Saladin e a partitura no compartimento de bagagem.

— Vai logo, tia! — Eisenhower resmungou, impaciente. Então ele

avistou Dan.

O homenzarrão passou atropelando o periquito e a senhora. Dan agarrou a mão de Amy e fugiu para a outra ponta do vagão.

Nellie chutou uma mochila no corredor, bem na frente dos pés de Eisenhower. Ele, que corria, tropeçou e despencou de barriga no chão.

— *Excusez-moi, monsieur* — Nellie disse em francês perfeito, esticando o braço para ajudá-lo a se levantar.

Eisenhower afastou a mão dela com um tapa. Sem ter outra opção, ela sentou em cima dele, apoiando todo o peso entre os ombros do homem.

— O que você está fazendo, sua gringa maluca?

— Ela não é gringa, pai! — Sem fazer o menor esforço, Hamilton tirou a au pair de cima do pai e a jogou sobre o assento. — É a babá dos pirralhos Cahill!

— Eu vou gritar — ameaçou Nellie.

— Se você fizer isso, te jogo pela janela do trem — Hamilton prometeu. Ele falou aquilo com tanta naturalidade que não havia a menor dúvida de que não só seria capaz, como estava disposto a fazer exatamente o que prometera.

Eisenhower a custo conseguiu ficar de pé.

— Fique de olho, Ham. Não desgrude dela nem por um segundo.

Ele saiu em disparada, liderando o rebanho dos Holt, predadores atrás das presas.

Amy e Dan já tinham atravessado a conexão até o vagão-restaurante. Os dois correram entre as mesas, desviando de pratos fumegantes de comida. Dan arriscou olhar de relance para trás. O rosto enfurecido de Eisenhower preenchia a janela da passagem.

Ele cutucou um garçom e apontou:

— Está vendo aquele cara? Ele disse que você colocou esteroides na sopa dele!

Amy agarrou o braço do irmão e o encarou com olhos fixos, assustados, chiando:

— Como você pode fazer piada com isso? Você sabe como eles são perigosos!

Os irmãos Cahill cruzaram a porta aos tropeços e correram para dentro

do vagão seguinte.

— Sei muito bem! — disse Dan, nervoso. — Eu gostaria de caber no compartimento de bagagem junto com Saladin. Eles não têm segurança neste trem? A França deve ter alguma lei contra cinco trogloditas perseguindo duas crianças.

Amy estava apavorada.

— Não podemos falar com os seguranças! Não podemos correr o risco de alguém ficar perguntando quem somos e o que estamos fazendo. Lembre-se de que o Serviço Social ainda está nos procurando em Boston. — Ela abriu a porta do vagão seguinte e empurrou Dan na frente dela.

Era o vagão do correio. Havia centenas de sacos de lona empilhados por toda a parte, junto com pacotes e caixotes de todos os formatos e tamanhos.

— Amy... — Dan começou a empilhar caixas na frente da porta.

A irmã entendeu na hora. Juntos, eles construíram uma barricada de pacotes, enfiando um pernil defumado bem embaixo da maçaneta. Dan testou abrir a porta. Ela não se mexia.

Uma saraivada de gritos veio do vagão do lado. Os Holt estavam quase os alcançando.

Amy e Dan correram em disparada para a conexão seguinte, desviando de malotes de cartas. Amy entrou no corredor e tentou abrir a porta que dava para o próximo vagão.

Estava trancada.

Ela esmurrou o vidro riscado. Do outro lado havia uma sala exclusiva para funcionários, com sofás e beliches, tudo vazio. Ela bateu com mais força. Ninguém respondeu.

Eles estavam encurralados.

Do lado oposto do vagão, o rosto de granito de Eisenhower apareceu na janela. O trem inteiro pareceu tremer quando ele se jogou de ombro na porta.

— Eles são nossos primos. Nunca machucariam a gente de verdade... — Amy disse, sem muita certeza.

— Eles quase nos deixaram ser enterrados vivos em Paris! — Dan retrucou. Do chão ele apanhou um bastão de hóquei embrulhado em papel pardo.

— Você não pode estar falando sério...!

Nesse instante, Eisenhower Holt deu uma carreira e pulou em cima da porta. Com um estrondo gigantesco, ela se abriu e bateu com tudo em Dan. O menino tombou feio e o bastão caiu no chão.

— Dan! — Cega de raiva, Amy apanhou o bastão e o quebrou na cabeça de Eisenhower. O brutamontes absorveu o golpe, cambaleou e despencou em cima de um malote de cartas.

Dan ficou sentado, sem acreditar.

— Nossa! Nocaute!

A vitória durou muito pouco. Os outros Holt invadiram o vagão.

Madison agarrou Amy pelo colarinho. Reagan endireitou Dan com um puxão.

Eles tinham sido pegos.

CAPÍTULO 2

— MEU PUDINZINHO! — MARY-TODD HOLT SE AJOELHOU AO LADO DO marido. — Você está bem?

Eisenhower se sentou, com um galo do tamanho de um ovo brotando no cocuruto.

— É claro que estou bem! — ele conseguiu dizer, com as palavras todas emboladas. — Você acha que um reles inseto consegue me deter?

— Não sei não, pai. Ela acertou você com um taco de beisebol! — disse Reagan, não convencida.

— Um bastão de hóquei — Dan corrigiu.

— Talvez essas sejam suas últimas palavras, pirralho...— A vítima ficou de pé num pulo, então perdeu o equilíbrio e quase caiu de novo.

Sua esposa estendeu o braço para ajudá-lo, porém ele a afastou.

— Estou bem. É só o movimento do trem. Você acha que eu não aguento porrada? Eles disseram isso em West Point, e olhe para mim agora!

— O que vocês querem? — Amy perguntou.

— *Agora* sim essa sua cabeça oca está funcionando — aprovou Mary-Todd. — Nos dê a pista de Paris, e não vai acontecer nada com vocês.

— E vocês bem mereciam que acontecesse — acrescentou o marido, esfregando a cabeça com cuidado.

— Não estamos com a pista — Amy disse a eles. — Os Kabra pegaram.

— Eles pegaram o frasco — corrigiu Madison. — Não se preocupe, em breve eles vão pagar por isso. Vocês ficaram com o papel.

— Que papel? — Dan perguntou em tom de desafio.

Em resposta, Eisenhower agarrou Dan pelo colarinho e o levantou sem dificuldade alguma, como se estivesse erguendo o braço para chamar um garçom.

— Ouça aqui, seu vermezinho fedorento. Você acha que está podendo só porque vocês eram os favoritos de Grace, né? Mas, para mim, vocês dois valem menos que titica de galinha.

Sua mãozona gigante se fechou no pescoço de Dan, esmagando-o como uma prensa de potência industrial. Dan tentou respirar e percebeu que não conseguia. Estava sendo estrangulado.

Seus olhos procuraram os da irmã, mas ele não encontrou ali ajuda alguma, apenas uma imagem espelhada de seu próprio terror. Era fácil tirar sarro dos Holt, com seu físico de halterofilistas, seus jargões de treinador esportivo e seus agasalhos combinando. Aquele foi o momento de alerta vermelho. Eles eram inimigos perigosos. E, por um prêmio tão alto, eram capazes de...

De quê?

Amy não estava disposta a descobrir.

— Pare! Vamos dar tudo o que vocês quiserem!

Madison estava triunfante.

— Eu disse que eles iam arregar se o time inteiro pressionasse.

— Ora, Madison — disse a mãe. — Amy tomou uma atitude inteligente. Nem todos os Cahill são páreo para essa busca.

Amy correu para ajudar Dan, que tinha sido jogado sem nenhuma cerimônia em cima de um malote cheio de cartas. Aliviada, ela percebeu que a cor estava voltando ao rosto do irmão.

Ele estava bravo.

— Você não devia ter feito isso!

— Grace não ia querer a nossa morte — ela sussurrou.

— Vamos achar outro jeito.

Os Holt começaram a fazê-los marchar em direção ao fundo do trem.

— Nem pensem em dar uma de engraçadinhos — Eisenhower murmurou quando um funcionário passou por eles.

Relutantes, eles chegaram aos seus assentos. Hamilton estava sentado ao lado de Nellie, com seu corpanzil de fisiculturista esmagando a *au pair* contra a janela do trem.

Mas Nellie esqueceu o desconforto na hora quando avistou Amy e Dan.

— Eles machucaram vocês? — ela perguntou, aflita.

— Vocês estão bem?

— Estamos — Amy respondeu com voz desanimada.

Para Eisenhower ela acrescentou: — Está no compartimento de bagagem.

Os Holt chegaram muito perto de atropelar uns aos outros no desespero de abrir o compartimento de bagagem. Dando um estridente miado, Saladin pulou para o chão. Junto com ele veio uma chuva de papel rasgado, que era tudo o que tinha sobrado da partitura original escrita pelo próprio Mozart.

— Nossa pista! — Nellie gemeu.

— *Sua* pista? — O rugido que Eisenhower deu não foi exatamente humano. Ele agarrou Saladin, segurou o gato de cabeça para baixo e começou a sacudi-lo.

Com um ruído felino que mais parecia um soluço, Saladin arrotou uma bola de pelos, generosamente salpicada de notas musicais. Não havia nada que pudesse ser salvo. Era tudo confete.

A explosão de fúria de Eisenhower Holt provou que seus músculos se estendiam até as cordas vocais. O berro fez alguns passageiros correrem para os vagões adjacentes. Um instante depois, um condutor de uniforme se aproximou, abrindo caminho entre os viajantes agitados.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou o homem, com forte sotaque francês. — Quero ver sua passagem para este trem.

— Você chama isto de trem? — urrou Eisenhower. — Se fosse nos Estados Unidos, eu não deixaria nem meu hamster entrar nesta geringonça!

O condutor ficou vermelho.

— O senhor vai ter que me entregar seu passaporte, monsieur! Na próxima estação, vai conversar com as autoridades!

— Para que esperar? — Eisenhower jogou o gato nos braços de Amy. —

Pegue esse seu rato. Família Holt... bater em retirada!

Os cinco membros da família saíram correndo pela porta do vagão e se jogaram do trem em movimento.

Amy e Dan acompanharam pela janela a cena dos primos Holt rolando morro abaixo sem desmanchar a formação.

— Uau! — exclamou Nellie. — Não é todo dia que se vê uma coisa dessas.

Amy estava quase chorando.

— Eu odeio eles! Agora perdemos nossa única pista!

— Não era uma pista muito boa, Amy — Dan disse em voz baixa. — Era só uma música. Mesmo sendo de Mozart... grande coisa.

— *Era* uma grande coisa — lamentou a irmã. — Só porque não conseguimos descobrir o que estava escondido na partitura, não quer dizer que não tinha nada.

Eu queria pelo menos tocar as notas num piano. Talvez isso nos dissesse alguma coisa..

Seu irmão parecia surpreso.

— Você quer as notas? Isso é muito fácil. — Ele baixou uma mesinha do encosto do assento, abriu um guardanapo limpo e começou a desenhar.

Amy observou estupefata o irmão delinear a pauta de cinco linhas e a colocar notas nela.

— Você não sabe escrever música!

— Talvez não — ele concordou sem erguer os olhos.

— Mas desde Paris que eu estava olhando para aquela partitura. Ela é assim. Eu garanto.

Amy não discutiu. O irmão tinha memória fotográfica.

A avó deles comentara aquilo muitas vezes. Será que, naquela época, ela já sabia que o talento do menino um dia teria importância vital?

No momento em que o trem cruzou a fronteira com a Alemanha, Dan já tinha reproduzido perfeitamente a partitura, com todos os detalhes.

Ninguém deixou Saladin nem chegar perto.



No momento em que Amy, Dan e Nellie saíram da estação ferroviária Westbahnhof, em Viena, não tinham como saber que estavam sendo espionados.

No assento traseiro de uma elegante limusine preta estacionada em frente à entrada principal, Natalie Kabra espiava com seu potente binóculo, observando cada movimento deles.

— Estou vendo os três — ela disse para Ian, seu irmão, que estava sentado a seu lado sobre o couro macio do interior do carro. Natalie fez uma careta. — Eles estão sempre parecendo indigentes. E cadê a bagagem deles? Uma sacola e umas mochilas. Será que são tão pobres assim?

— Pobres Cahill... — Ian respondeu distraidamente, contemplando um lance de xadrez na tela retrátil da limusine. Desde que haviam saído de Paris, ele estava enfrentando um supercomputador russo em Vladivostok. — Que jogada imbecil — ele murmurou para o adversário. — Achei que os computadores fossem inteligentes.

Natalie estava irritada.

— Ian, você pode prestar atenção, por favor? Não é porque temos inteligência superior que não existe a possibilidade de estragarmos tudo. — O irmão dela era brilhante, mas ninguém era tão brilhante quanto Ian achava que era. Às vezes um pouco de bom senso valia mais que um Q.I. alto. Ele tinha um Q.I. alto. Natalie sabia que era função dela acrescentar um toque de bom senso. Ela respeitava os talentos do irmão, mas precisava ficar de olho nele.

Com uma risadinha arrogante, Ian sacrificou um bispo, planejando

mentalmente um astucioso xeque-mate em sete lances.

— Nós estamos com o frasco de Paris — ele lembrou à irmã. — Nenhuma das outras equipes tem a mínima chance. Principalmente estes sem-tetos dos irmãos Cahill. Já somos praticamente os vencedores.

— Ou não, se ficarmos confiantes demais — sua irmã lembrou. — Olhe! Eles estão entrando num táxi.

— Ela bateu na divisória de vidro. — Motorista, siga aquele carro.

CAPÍTULO 3

QUANDO O ASSUNTO ERAM HOTÉIS, FOR MAIOR NEM SEMPRE significava melhor. Porém, o quarto deles no Hotel Franz Josef não chegava nem a ser um closet. Por outro lado, o preço era bom, e Nellie disse aquilo em letras garrafais, para não deixar dúvidas.

— Ainda acho que devíamos ter ficado no Hotel Bundes — reclamou Dan.

— *Bundes* não é o que você está pensando — disse Nellie. — Se não me engano, quer dizer "da confederação" em alemão.

— Mesmo assim é engraçado — insistiu Dan. — Vou lá ver se consigo pegar uma placa pra minha coleção.

— Não temos tempo para isso — rosnou Amy, pondo Saladin no chão. O gato imediatamente começou a explorar o quarto, como se achasse que talvez houvesse salmão fresco escondido em algum lugar. — Nós chegamos a Viena, mas ainda não temos ideia do que fazer.

Dan abriu a sacola de Nellie e tirou seu laptop.

— Pode ficar olhando notas musicais até seus olhos não aguentarem mais — ele disse, plugando o adaptador e ligando o computador. — Se a resposta está em algum lugar, esse lugar é a internet.

Amy ficou revoltada.

— Você acha que pode procurar no Google a solução para todos os problemas do mundo.

— Não, mas posso procurar Mozart no Google. — Ele arregalou os olhos. — Nossa... 36 milhões de ocorrências! Veja esta aqui: MOZART, O VIENENSE MAIS FAMOSO DE TODOS OS TEMPOS.

— Viena é uma cidade muito bonita. — Nellie disse distraidamente, olhando pela janela. — Vejam a arquitetura... Aposto que alguns destes prédios datam do século XIII!

Amy apontou.

— Acho que aquela é a torre da catedral de Santo Estevão. Deve ser tão alta quanto um prédio de escritórios lá nos Estados Unidos!

Por toda parte, gárgulas e entalhes elaborados decoravam fachadas de pedra, e esculturas folheadas a ouro reluziam à luz do sol. Para além dos telhados mais próximos, uma larga avenida, a Ringstrasse, transportava carros e pedestres de um lado para o outro.

Dan não notou nada daquilo, totalmente concentrado em navegar na internet.

— Veja, Amy. Eu copiei aquela partitura imbecil à toa. Está tudo na internet. Como era mesmo o nome daquela música?

Amy se colocou ao lado do irmão e espiou por cima do ombro dele.

— KV 617... foi uma das últimas coisas que Mozart compôs antes de morrer... Aí está!

Dan deu uma passada de olhos na partitura, franzindo a testa.

— É, é ela mesma... mais ou menos. É igual até aqui... — Ele apontou. — Mas depois...

Amy pegou o guardanapo do trem e o segurou ao lado da tela.

— É diferente?

— Não tudo... Está vendo? Começa outra vez bem aqui. Mas estas três linhas estão faltando na versão da internet. Estranho, né? É quase como se o site tivesse deixado alguma coisa de fora.

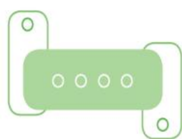
— Ou então — disse Amy, seus olhos dançando de um lado para o outro — Mozart acrescentou três linhas na música que enviou para Benjamin

Franklin em Paris! Dan, talvez esta seja uma mensagem secreta entre duas das pessoas mais famosas da História! Estas linhas a mais são a pista!

Dan não se impressionou.

— Que diferença isso faz? Ainda não sabemos o que significa.

Amy deu um suspiro aflito. Seu irmão era imaturo e irritante. Mas sua característica mais desagradável talvez fosse o fato de que ele geralmente tinha razão.



A Casa de Mozart, na rua Domgasse, número 5, era uma casa-museu dedicada ao famoso compositor. Situada na única habitação preservada de Mozart em Viena, era uma atração turística muito frequentada. Mesmo às nove da manhã, os visitantes formavam uma fila que chegava até a metade do quarteirão.

Dan ficou abismado.

— É Mozart, não é a Disneylândia! O que essa gente toda está fazendo aqui?

A irmã dele revirou os olhos.

— Esta é a casa onde Mozart morou de verdade. Talvez seja até a mesma cama onde ele dormia. A cadeira onde ele sentava. O tinteiro que usou para escrever algumas das maiores obras musicais que já foram compostas até hoje.

Dan fez uma careta.

— Estou esperando na fila para ver uma casa cheia de móveis velhos?

— Sim, está sim — ela disse num tom firme. — Até nós entendermos o que aquela pista significa, nossa missão é aprender o máximo que conseguirmos sobre Mozart. Quem sabe quando vamos achar alguma coisa que pode nos revelar o que estamos procurando?

— Numa cadeira? — disse Dan, duvidando.

— Talvez. Olha, nós sabemos que os Holt estão na nossa cola, e aposto que o outros competidores não devem estar muito longe. Eles são mais

velhos, mais inteligentes e mais ricos do que nós. Não podemos vacilar nem por um instante.

Demorou quarenta minutos até que eles finalmente conseguissem passar pela porta. Dan não gostou nem um pouco de ficar esperando, mas ele teve que admitir que aquela tinha sido a parte mais interessante do passeio.

Ombro a ombro com turistas pentelhos e musicófilos deslumbrados, eles foram avançando pelo apartamento do grande compositor, seguindo uma trilha de cordas de veludo. Um turista australiano ficou tão emocionado que chorou de verdade.

— Não chore, amigo. Já está quase acabando — Dan murmurou entre os dentes. Agora só faltava ele se convencer daquilo.

Os irmãos Cahill foram advertidos em pelo menos seis línguas diferentes a não encostar em nada. Bastava os seguranças olharem para Dan para perceberem na hora que ele era capaz de destruir tudo.

A cada *oh! e ah!* da multidão de apaixonados por Mozart, os ombros de Dan pendiam mais um pouco para baixo. Amy estava tão desconsolada quanto ele, mas por outro motivo. Não saber o que se estava procurando tornava a busca quase impossível. Ela examinou cada pedaço da parede branca, procurando marcas ou códigos, até sua cabeça começar a latejar e seus olhos ameaçarem saltar das órbitas. Mas logo ficou evidente que a Casa de Mozart era exatamente o que parecia: um apartamento com mais de duzentos anos que tinha sido transformado em museu.

O que nós esperávamos encontrar?, ela refletiu, soturna. *Um letreiro em neon escrito: Atenção, irmãos Cahill: pista atrás do espelho?* Na vida real as coisas não eram tão fáceis.

Enquanto eles se encaminhavam para a saída, Dan soltou um *ufa!* bem alto, aliviado.

— Graças a Deus acabou. Pelo menos Benjamin Franklin tinha umas invenções legais. Este cara ficava o dia inteiro sentado escrevendo música. Vamos sair daqui. Essa chatice toda está me sufocando, preciso respirar ar puro.

Amy assentiu com a cabeça, relutante. Não havia nada que servisse para eles naquele lugar.

— Acho que devíamos voltar para o hotel. Será que Nellie conseguiu fazer Saladin comer alguma coisa?

Dan parecia preocupado.

— Acho que vamos ter que vender algumas das joias de Grace pra poder comprar salmão outra vez.

Na mesma hora, Amy deixou escapar uma exclamação e agarrou o braço dele.

— Está bem— consertou Dan. — Fique com o colar...

— Não, olhe. Tem uma biblioteca no porão! Uma biblioteca sobre Mozart!

— Amy, não faça isso comigo! O antídoto para a chatice não é fazer uma coisa ainda mais chata!

Mas quando ela desceu a escada e entrou na biblioteca sombria, empoeirada, ele a acompanhou. Afinal, algumas das melhores dicas que eles tinham conseguido tinham vindo de bibliotecas. Além disso, se eles fossem embora da Casa de Mozart de mãos vazias, Dan teria aguentado tudo aquilo toa.

Não era uma biblioteca circulante. Um único computador de 20 anos continha uma lista do acervo. Quando o visitante decidia o que queria, preenchia um formulário e entregava para uma bibliotecária que parecia ter idade para ser avó de Mozart.

Eles esperaram a vez deles no computador, e Amy assumiu o teclado. Ela trocou a língua de alemão para inglês, então procurou KV 617 e, depois, Benjamin Franklin. Como não encontrou nada que eles já não soubessem, concentrou-se na vida pessoal de Mozart. Foi lá que ela descobriu Maria Arma "Nannerl" Mozart.

— Mozart tinha uma irmã mais velha! — ela disse num sussurro estridente.

— Entendo o sofrimento dele — bocejou Dan.

— Lembro de Grace ter mencionado essa irmã — Amy continuou. — Ela era tão talentosa quanto Mozart, mas nunca recebeu tanta instrução nem exposição porque era menina. — Ela rolou a tela. — E veja! O diário original dela está justamente nesta biblioteca!

Dan ficou mordido. Ele sabia que Amy tinha sido mais próxima da avó do que ele, mas, mesmo assim, não gostava de ser lembrado de o quanto as duas tinham compartilhado.

— Achei que estávamos procurando alguma coisa sobre Mozart, não sobre a irmã dele.

— Se Mozart era um Cahill, Nannerl também era — disse Amy. — Mas tem mais uma coisa. Veja nós dois. Esta manhã inteira passou em branco para você, e eu lembro de todos os detalhes. E se fosse a mesma coisa com Mozart e Nannerl?

— Ótimo. Agora você está chamando Mozart de burro. — Ele ergueu os olhos, injuriado. — E me chamando de burro!

— Burro, não. Mas meninos pensam diferente. Aposto que tem coisas que Nannerl escreveu no diário dela que Wolfgang não teria notado nem em 1 milhão de anos.

Ela preencheu depressa um formulário de solicitação e entregou para a bibliotecária idosa.

A mulher encarou os dois, surpresa.

— Este é um diário manuscrito em alemão. Vocês dois leem em alemão?

— É, bem... — Amy começou a dizer, confusa.

— Precisamos muito ver este diário — Dan falou numa voz firme. — Quando a mulher saiu em busca do volume, ele sussurrou: — Deve ter alguma coisa que a gente consiga entender... talvez um desenho, ou anotações escondidas, como nas coisas de Franklin.

Amy concordou com a cabeça. Mesmo a menor das dicas seria melhor que continuar na estaca zero.

Eles ficaram esperando pelo que pareceu um longo tempo. Então ouviram uma exclamação e um gritinho, e a bibliotecária voltou correndo, de rosto pálido e olhos arregalados. Com as mãos trêmulas ela discou um número de telefone e começou a falar numa voz frenética. Amy e Dan não entenderam, pois ela falava em alemão, mas conseguiram distinguir uma única palavra preocupante: *Polizei.*

— Isso quer dizer polícia! — Amy sussurrou, aflita.

— Você acha que ela por acaso descobriu que estamos sendo procurados

pelo Serviço Social lá em Massachusetts? — Dan perguntou abismado.

— Como é possível? Nós nem dissemos nossos nomes para ela!

A resposta veio da própria bibliotecária agoniada.

— Eu lamento muito! É uma tragédia terrível! O diário de Nannerl desapareceu! Foi roubado!

CAPÍTULO 4

NELLIE GOMEZ NUNCA TINHA SE DADO MUITO BEM COM GATOS. E ISSO foi antes de ela virar responsável por um Mau Egípcio em regime de inanição. Ela desligou o iPod e olhou preocupada para Saladin. Sua expectativa era de que, a essa altura, o gato já tivesse comido. Mas, pelo jeito, Saladin era mais durão do que parecia. Ela ouvira histórias sobre a monumental força de caráter de Grace Cahill. Obviamente, a avó de Amy e Dan tinha conseguido incutir esse traço de personalidade no bicho de estimação.

O que era ainda mais preocupante, Saladin estava coçando compulsivamente o pescoço e as orelhas. Ela o apanhou do chão.

— Que foi, amiguinho? Está com pulgas?

Ela pensou nas pulgas por um instante e pôs o gato de volta no chão com cuidado. Nellie tinha topado dar um tempo na faculdade e acompanhar duas crianças numa fabulosa caça ao tesouro ao redor do mundo. Mas não encarava insetos.

Nellie ouviu o som da chave na fechadura, e Amy e Dan entraram, arrastando os pés.

— Ops. Tiveram uma manhã difícil?

— Ah, foi superdivertido — Dan respondeu com sarcasmo. — Imagine uma casa de 1 milhão de anos, sem videogame, e quando você finalmente

encontra um livro pra olhar, o livro não está lá. Que bando de idiotas! Quase chamaram o exército só por causa de um diário que provavelmente foi comido por cupins cem anos atrás.

— Os cupins comem madeira, não papel — Amy lembrou a ele, cansada e abatida demais para começar uma discussão. Ela ergueu um saquinho. — Enfim, trouxemos o almoço.

Nellie olhou fixo para ela.

— Hambúrguer? Estamos na Áustria, terra do *Schnitzel*, do *Sauerbraten,* do aspargo branco e das melhores confeitarias do mundo, e vamos almoçar fast - food americano? Eu já esperava isso do Dan, mas você, Amy?

Dan pegou um hambúrguer, ligou a tevê e se jogou no sofá.

— Aspargo branco! Como se o verde já não fosse nojento. Parece um charuto molhado.

A televisão acendeu. A imagem tremeu e ficou mais nítida. Três queixos caíram.

Em dose, bem no meio da tela, estava um adolescente bonito, reluzindo na última moda hip-hop. Sorrindo com todos os 32 dentes branquíssimos, ele estava dando uma coletiva de imprensa. Uma penca de repórteres e um enxame de fãs enlouquecidos estavam se esbaldando. O adolescente parecia muito à vontade com a fama, e por que não? Ele tinha o reality show de maior audiência no mundo inteiro, o *single* número 1 na lista dos mais vendidos, uma grife de roupas que estava bombando, uma série de livros infantis, além de bonecos com a imagem dele, uma linha de panelas com seu nome e até sua própria marca de balas.

Era Jonah Wizard: celebridade internacional e milionário, primo dos Cahill, e um dos rivais na busca pelas 39 pistas.

— Jonah! — exclamou Amy, franzindo a testa de preocupação. Ela ficava abatida quando pensava na concorrência. Os outros pareciam ter tantas coisas a seu favor: fama, músculos, experiência, prática e rios de dinheiro. Que chance teriam dois órfãos anônimos de competir com eles? Ela espremeu os olhos para ver a data marcada no canto inferior da tela. — Isso foi gravado ontem! O que ele está fazendo em Viena?

— Está fazendo uma turnê de divulgação — respondeu Nellie. — O

DVD europeu de *Gansgta Life* sai esta semana.

— Isso é só um pretexto! — Dan exclamou. — Ele está aqui porque sabe que a próxima pista tem a ver com Mozart. Talvez Jonah tenha encontrado alguma coisa que nós não vimos em Paris.

— Ou está colaborando com os Holt — acrescentou Nellie. — Eles devem ter descoberto que era o destino final do nosso trem.

Amy olhou seu primo famoso na tevê. Por que aquela rua parecia tão familiar? De repente, ela entendeu.

— Dan... é aquela rua, a Domgasse!

Dan ficou encarando a tela.

— Tem razão! Olha, lá está a Casa de Mozart, uns dois prédios adiante! E veja! É aquela velha bibliotecária, a que chamou a SWAT por causa de um diário que sumiu.

Nellie franziu a testa ao ver a austríaca idosa na escadaria.

— Ela não parece uma fã de hip-hop muito típica.

Amy deu de ombros.

— Acho que qualquer pessoa se interessaria em conferir pessoalmente uma celebridade tão famosa...

— O fôlego dela ficou preso na garganta. — Gente, entendi! E se não foi por acaso que Jonah escolheu esse lugar para a coletiva de imprensa? E se ele fez isso para distrair as pessoas enquanto roubava o diário de Nannerl da Casa de Mozart?

— Isso faria sentido — cogitou Dan —, se não fosse pelo fato de ele estar aparecendo na tela, com vinte câmeras em cima dele, e não estar roubando nada.

Amy fez que não com a cabeça.

— Quando é que nós vimos Jonah sem o pai do lado, falando em dois celulares e fazendo negócios pelo BlackBerry? Então, cadê o papaizinho nessa coletiva de imprensa?

Dan deu um palpite:

— Jonah deu essa coletiva pro pai dele ter a chance de entrar escondido na Casa de Mozart e roubar o diário! Amy, você tinha razão! O diário é mesmo importante!

— Pois é, e agora está com o inimigo.

— Que droga! — concordou Dan. — Se tivéssemos chegado um dia antes... E mesmo assim... — Uma faísca de inspiração brilhou nos olhos dele. — Eles roubaram o diário do museu; por que nós não podemos roubar o diário deles?

— Peraí — Nellie se intrometeu. — Tem uma grande diferença entre procurar pistas e roubar pessoas. Vocês não são trapaceiros.

— Mas Jonah e o pai dele são. Se vamos competir com eles, temos que estar dispostos a fazer o que eles fazem — argumentou Dan.

Nellie não se convenceu.

— Enquanto eu for a babá de vocês...

— Nossa *au pair!* — Dan corrigiu, acalorado.

— ... não vou ficar parada assistindo aos dois passarem pro lado do mal.

— Mas assim nós vamos *perder!* — retrucou Dan.

Amy se pronunciou. Ela tinha uma expressão solene no rosto.

— Por mais que eu odeie concordar com o Dan, o que ele disse faz sentido. Eu sei que roubar é errado, mas essa busca é grande demais para ficarmos tentando ser os mocinhos. Uma chance de influenciar os rumos da humanidade... Nós podemos mudar o mundo inteiro, se vencermos!

— Talvez seja uma chance de mudar o mundo — emendou Nellie. Isso foi o que o senhor Mclntyre disse. Ele também disse pra não confiar em ninguém, nem mesmo nele.

De repente, as lágrimas encheram os olhos de Amy e ela piscou, teimosa, para espantar o choro. Não ia deixar que sua choradeira estragasse uma coisa tão importante.

— Nós mal conhecemos nossos pais antes de eles morrerem. Grace era a única pessoa que tínhamos, e ela também se foi. A busca às pistas é uma coisa séria para todo mundo, mas, para nós, é tudo o que temos. Não podemos fazer isso pela metade. Precisamos ir até o fim. E isso significa procurar as pistas onde quer que elas estejam... até mesmo dentro de um quarto de hotel alheio.

Nellie ficou em silêncio. Amy engoliu o choro com dificuldade e continuou.

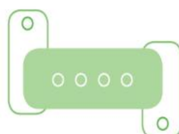
— Você não é da família Cahill, por isso não deveria ter se arriscado tanto. Mas, se você não consegue aceitar o que precisamos fazer, vamos ter que dar um jeito de ir em frente sem você.

Dan encarou a irmã com olhos arregalados. A jornada que eles tinham pela frente ficaria instantaneamente vinte vezes mais difícil, mais complicada e mais perigosa sem Nellie. A cobertura de um adulto era essencial para cada passo que eles davam, cada fronteira que cruzavam, cada quarto de hotel que alugavam. Os dois já eram os azarões daquela busca. Sozinhos, precisariam de milagres só para avançar de um lugar para outro, de um dia para outro.

Nellie ficou olhando os irmãos Cahill. Estava acostumada com a impulsividade de Dan, mas Amy era a menina de 14 anos mais sensata que já conhecera.

De repente, ela foi tomada por uma onda de afeto e orgulho.

— Vocês acham que podem se livrar de mim assim tão fácil? — ela perguntou. — Vão achando. Esta aventura pode ser de vocês, mas ainda sou eu quem dita as regras. Até parece que eu vou deixar vocês roubarem um superstar sem a minha ajuda. Puxem uma cadeira, precisamos planejar um esquema.



O Hotel Royal Habsburg ficava no coração do bairro Landstrasse, em Viena, o centro da poderosa elite da Áustria. Durante o Império Austro-Húngaro, o prédio já tinha sido um palácio real, e os holofotes faziam o mármore branco e as folhas de ouro reluzirem no céu noturno.

— Como vamos saber se o hotel dele é este? — Dan perguntou enquanto eles davam a volta no quarteirão.

— É simples — Amy respondeu. — É o hotel mais sofisticado, mais chique e mais caro da cidade. Onde mais ele poderia estar? — Ela apontou para a suntuosa entrada do hotel, onde havia uma multidão de repórteres e fotógrafos. — Convencido, agora?

— A festa de lançamento do novo DVD do Jonah é às oito horas — disse Nellie. — Ele provavelmente vai descer, falar com os repórteres por uns minutos e, depois, ir direto para a balada que o canal de TV está patrocinando. No jornal, disseram que todas as pessoas importantes vão estar lá.

Dan fez uma careta.

— Achei que você tivesse deixado de ser fã do Jonah Wizard depois que ele te esnobou em Paris.

— Estou ajudando vocês a roubar o cara, não estou? O que estou dizendo é que o momento mais seguro pra entrar no quarto do Jonah vai ser quando ele aparecer aqui embaixo.

Assim que ela acabou de dizer isso, uma limusine encostou na sarjeta e ficou parada ali, esperando seu passageiro VIP. Houve um alvoroço na multidão de jornalistas, e o superstar em carne e osso saiu do hotel, com seu onipresente pai meio passo atrás dele. Flashes de câmeras iluminaram a noite.

— Rápido! — disse Amy. — Ele não pode ver a gente! Os três se agacharam atrás de uma banca de revistas e observaram Jonah atravessar a multidão.

— Yo! Beleza?... Valeu pela presença de vocês... Valeu mesmo... De coração.

Atrás dele, os polegares do pai furiosamente digitavam mensagens de texto em seu BlackBerry, provavelmente compartilhando com o mundo toda a eloquência do filho.

O enxame da mídia começou a disparar perguntas para o superstar.

— Jonah, vai ter alguma surpresa na versão europeia do DVD?

— É verdade esse boato que você está namorando a Miley Cyrus?

— Você ficou sabendo que o golpe de kung fu do boneco Jonah Wizard não passou no teste de segurança?

Jonah respondeu às perguntas do jeito de sempre, de alguma forma conseguindo parecer descolado e camarada ao mesmo tempo.

Amy não gostava dele, mas não podia deixar de admirar a facilidade e a habilidade corri que Jonah lidava com os paparazzi. Ia além de apenas pensar nas coisas certas para dizer. Ele fazia a imprensa amá-lo.

Eu sou exatamente o oposto disso, ela refletiu. A simples ideia de falar com um

monte de gente a deixava apavorada.

— Ei, Jonah! — gritou um repórter. —Com apenas 15 anos Você está no topo do mundo. Você não tem medo de que daqui para a frente seja só ladeira abaixo?

O astro abriu um sorriso

— Pega leve brow. Quem disse que eu tô no topo? Eu nem sou o cara mais VIP desse hotel. Aí, o grão-duque de Luxemburgo também tá ficando aqui. Tipo, não tô dizendo que eu não tô bombando. Mas ser da realeza não é melhor do que ter seu próprio rosto estampado em um pacote de balas?

— Vamos embora — resmungou Nellie. —A modéstia dele está me embrulhando o estômago.

Enquanto Jonah continuava a encantar a multidão, os irmãos Cahill e Nellie dobraram discretamente a esquir0 e entraram escondidos no hotel por uma porta lateral Eles passaram por um monte de elevadores dourados e decorados e passaram sorrateiramente por uma Porta que tinha um aviso em alemão.

— *Apenas funcionários* — Nellie traduziu com um sussurro.

— Você entende tudo em alemão? — Amy cochichou.

— Digamos que eu sei me virar — ela respondeu, dando de ombros. — Vejam, o elevador de carga.

Eles desceram até o porão, onde encontraram um labirinto de corredores.

Amy temia ser abordada em cada canto e atrás de cada Porta. Seu medo lhe dava calafrios, como se alguém tivesse enchido a espinha dela de nitrogênio líquido, O porão era frio, mas nada que justificasse aquela tremedeira toda.

— Por que está tão vazio? — ela perguntou.

— A maioria dos funcionários trabalha no turno do dia — supôs Nellie. — Bingo! — ela acrescentou, conduzindo-os por uma portinha para dentro de um lugar que parecia um vestiário. Nellie tirou um uniforme de camareira de uma prateleira enorme, se agachou atrás de uma divisória e vestiu-se depressa.

— Talvez fosse bom tirar o piercing do nariz — Amy sugeriu timidamente.

— Nada feito — respondeu Nellie. — Os almofadinhas deste lugar

precisam de um pouco de vida. Vamos lá. — Ela jogou suas roupas num carrinho de limpeza, depois enfiou Amy e Dan lá dentro também. Então pôs um punhado de lençóis e toalhas em cima para esconder os passageiros.

— Como vamos saber em que quarto ele está? — Dan sussurrou das profundezas da pilha, enquanto Nellie os empurrava em direção ao elevador.

—Na suíte real, é claro — Nellie murmurou. — Até parece que aquele babaca metido ia aceitar menos que isso. E fiquem quietos. Roupa suja não fala.

O elevador os levou para o último andar, o 17° Nellie seguiu pelo corredor empurrando o carrinho e parou na frente da suíte 1700, a que ostentava uma coroa dourada em cima da porta. Sabendo que os Wizard estavam a caminho da festa, ela audaciosamente tirou o cartão magnético do bolso e o inseriu no leitor junto à porta.

O leitor fez um bipe, uma luz verde se acendeu, e eles entraram.

— Uau! — exclamou a *au pair*. — Então este é o estilo de vida dos ricos e famosos.

O quarto parecia um palácio, com móveis que poderiam estar em museus e peças decorativas — como sofás e divãs — estilo século XIX, macios e ricamente estofados em veludo; delicados abajures e vasos de porcelana; tudo exalando muito luxo.

Ela estendeu os braços e estava prestes a puxar os irmãos Cahill para fora do esconderijo, quando uma voz com sotaque forte perguntou:

— Uma empregada não bate na porta de Sua Alteza?

CAPÍTULO 5

CHOCADA, NELLIE EMPURROU OS DOIS DE VOLTA PARA O CARRINHO com a roupa de cama.

— Oh... sinto muito — ela conseguiu dizer. — Achei que a suíte estivesse vazia. Me mandaram trazer toalhas limpas para o quarto dos Wizard.

— Minha jovem, esta é a suíte de sua Alteza, o grão-duque de Luxemburgo. — O lábio do homem esboçou um sorriso. — O ator de televisão americano está na suíte logo abaixo... e aliás fez um grande estardalhaço por isso.

Nellie começou a recuar com o carrinho em direção à porta.

— Desculpe. Não vou mais incomodar o senhor.

— Um momento, por obséquio. Já que você está aqui, o dormitório de Sua Alteza precisa de higienização.

Nellie continuou andando para trás.

— Bem, eu preciso mesmo descer até o quarto dos Wizard...

— De jeito nenhum. Vai levar apenas um instante. E há vários outros pontos que requerem a sua atenção. Se você fizer a gentileza de me seguir até o banheiro...

— Estou indo! — ela gritou atrás dele. Nellie se curvou dentro do cesto de roupa, enfiou o cartão magnético na mão que estava mais perto e sussurrou: — Quando vocês ouvirem minha voz no cômodo ao lado, fujam

daqui!

— E você? — perguntou Amy.

— Eu me viro. Vocês pegam o diário. Encontro vocês de volta no nosso hotel. Tomem cuidado!

E ela se foi. Um momento depois, eles ouviram Nellie anunciar em voz alta:

— Este banheiro é maior do que o meu apartamento inteiro!

Os lençóis começaram a voar, e Amy e Dan saíram do carrinho e cruzaram a porta para o corredor.

— O quarto de Jonah é no andar de baixo — disse Dan.

Eles correram para as escadas.

A porta da suíte 1600 era idêntica à porta do quarto de cima, tirando o fato de não haver nenhuma coroa.

— Coitado do Jonah — Amy disse em tom de sarcasmo enquanto eles entravam com o cartão magnético. — O quarto dele deve ser uma espelunca.

Se o quarto era menos opulento que os aposentos do grão-duque, Amy e Dan não perceberam a diferença.

A suíte era gigante e decorada com elegância. O chão de mármore brilhava; os luxuosos tapetes eram tecidos à mão. Cada vaso e cada cinzeiro sobre cada mesinha de canto pareciam ter sido postos ali por um artista.

— Tipo, faz nosso apartamento em Boston parecer uma cabana — Dan observou.

Amy deu um suspiro.

— Não ligo para esses luxos. Mas às vezes fico mordida quando vejo como os outros concorrentes são ricos.

— Grace era rica. — A testa de Dan se turvou quando ele se lembrou do incêndio que destruíra a mansão da avó no dia do funeral dela. — De qualquer modo, prefiro ser pobre e normal que ser um rico imbecil que nem o Jonah ou os irmãos Cobra.

— É, mas dinheiro é uma grande vantagem numa busca como essa — a irmã argumentou, desanimada.

— Pode abrir várias portas que para nós estão fechadas. É a diferença de classes, Dan.

— É pra isso que serve roubar. — Ele examinou o vasto salão. — Enfim, se eu fosse um idiota que tivesse a cabeça estampada num pacote de balas, onde esconderia o diário que roubei?

Amy não conseguiu evitar um sorriso.

— É melhor procurarmos por tudo.

Eles começaram a vasculhar a enorme suíte, olhando embaixo das almofadas dos sofás, nas gavetas, atrás de cortinas e dentro de armários.

— Ei, olha isso! — Dan pôs a mão numa caixinha de papelão e tirou um bonequinho de 15 centímetros, Jonah Wizard vestindo jeans e agasalho de plástico. — Não é muito parecido — ele comentou. — Ele é muito mais feio na vida real.

— Ponha isso de volta! — chiou Amy, revirando uma gaveta. — Já basta nós termos entrado no quarto. Não precisamos roubar os brinquedos idiotas dele.

— É pra minha coleção — protestou Dan. — Ele tem uma caixa cheia desses bonecos. Ei, este deve ser o que dá o golpe de kung fu. — Ele apertou o botão e observou o minúsculo punho se fechar com um estalo. — Nossa... não é à toa que estão recolhendo esse boneco das lojas! Dá pra quebrar uma noz com essa coisa!

— Veja! — Os olhos de Amy brilharam de entusiasmo. Ela virou o brinquedo na mão de Dan. Quando o golpe foi ativado, uma sequência de letras e números vermelhos se iluminou atrás da faixa na cabeça do boneco. — GR63K1! — ela leu, perdendo o fôlego. — É algum tipo de código secreto!

Dan deu uma risada arrogante na cara dela.

— Para uma aluna que só tira 10, você às vezes até que é bem burra. É claro que é um código... pra baixar um protetor de tela do Jonah Wizard grátis no site dele! A propaganda está passando em todos os canais lá nos Estados Unidos.

A irmã ficou vermelha.

— Acho que eu não sou tão viciada em tevê quanto você — ela resmungou, envergonhada, voltando a se concentrar na busca do diário. Dan enfiou o boneco no bolso e foi ajudá-la.

A suíte tinha cinco cômodos: a sala de estar, dois dormitórios, um banheiro e a cozinha. Eles vasculharam cada centímetro do lugar, sem resultado nenhum. O dormitório principal tinha um cofre, porém estava destrancado e vazio. Os dois revistaram a cozinha e o minibar, e também não encontraram nada.

— Você não acha que ele ia levar o diário com ele, acha? — Dan perguntou, preocupado.

Amy fez que não com a cabeça.

— Ninguém ia levar uma coisa tão preciosa num lugar onde todas as câmeras de tevê da Europa estão apontadas parei você. O diário está aqui. Só precisamos encontrá-lo.

— Onde vamos procurar? — Dan estava ficando impaciente. — Aliás, está muito escuro! Por que é que esses hotéis chiques põem vinte camadas de cortinas em todas as janelas? — Ele mexeu num interruptor. Um enorme lustre de cristal se acendeu acima da cabeça deles.

Amy e Dan levaram um susto. No centro do complexo aparelho luminoso pendia uma cesta formada por cordas de cristal. Ali, como uma mancha escura no brilho do lustre, via-se a silhueta inconfundível de um livro.

— O diário! eles exclamaram ao mesmo tempo.

Dan correu para pegar uma cadeira.

— Ainda não dá para alcançar! — disse Amy. — Venha me ajudar com a mesa.

Eles levantaram a pesada mesa de vidro e a arrastaram para debaixo do lustre. Dan subiu em cima dela, mas ainda assim era baixo demais.

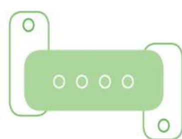
— Me passe a cadeira — ele disse.

Em pouco tempo, Amy estava empoleirada na mesa, segurando a cadeira e o irmão, que estava nas pontas dos pés em cima de duas listas telefônicas sobre o assento.

Fazendo um grande esforço para passara mão por entre as fileiras de cristais, Dan conseguiu sentir a capa de couro.

—Peguei!

Ele tirou do lustre o diário de Maria Anna “Nannerl” Mozart.



Trabalhar como *au pair* dos irmãos Cahill proporcionara a Nellie experiências que ela jamais poderia ter imaginado. Como, por exemplo, aquela: ficar de quatro num banheiro de mármore, escovando a privada de um grão-duque.

Até parece que tem mofo aqui, ela pensou amargamente. Mas talvez a realeza conseguisse detectar manchas que as pessoas comuns não enxergavam, mais ou menos como na história "A princesa e a ervilha".

"O grão-duque e o vaso". Seria um bom título.

Uma coisa era certa: Amy e Dan estavam devendo uma para ela, depois daquilo. Ela se perguntou se eles já teriam conseguido encontrar o diário. Se ao menos houvesse algum jeito de saber que a missão tinha sido cumprida... Então poderia dar com a escova na cabeça do assistente do grão-duque e fugir daquele hospício cinco estrelas.

Ela franziu a testa conforme a imagem em sua mente foi ficando mais sombria: Amy e Dan sendo pegos, presos, ou coisa pior. Como saber que perigos estavam à espreita naquele jogo de tudo ou nada? Os seguranças do hotel já eram bastante assustadores, mas aqueles primos malucos da família Cahill eram capazes de qualquer coisa! O vencedor da caça ao tesouro poderia literalmente dominar o mundo. Um monte de malucos já tinha feito coisas terríveis em busca de um prêmio tão poderoso como aquele. Que chance tinham duas crianças?

Seus pensamentos inquietos estouraram feito uma bolha de sabão quando ela sentiu uma voz hostil dizendo por cima do ombro dela:

— Você não trabalha para nós, *Frãulein*. O que está fazendo nesta suíte?

Com o coração afundando no peito, Nellie se virou. Ao lado do assistente do grão-duque havia um guarda uniformizado.

Ela tentou um blefe:

— É claro que eu trabalho aqui. Ou você acha que eu entro escondida em hotéis pelo simples prazer de limpar privadas de estranhos?

— Você não trabalha aqui — o homem repetiu, sem achar graça.

— Você por acaso conhece todos os empregados? — ela desafiou.

— Não — ele admitiu. — Você tem um brinco no nariz. É contra o regulamento do hotel. Faça o favor de me acompanhar.

Nellie pensou bem. Não sabia direito o tamanho da encrenca em que tinha se metido. Ela era estrangeira naquele país. Se fosse deportada, o que aconteceria com Amy e Dan?

— Está bem, você me pegou. Vim aqui por engano. Eu estava tentando entrar na suíte de Jonah Wizard. Sou a fã número 1 dele. Eu preciso muito conhecer ele! Mas entrei no quarto errado.

Os olhos do homem fixaram-se nos dela.

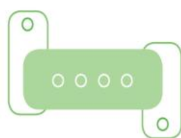
— E você está cometendo este crime sozinha? Ninguém está com você?

— Estou 100% sozinha — ela disse, talvez rápido demais. — E não é um crime amar Jonah Wizard. Acontece que ele é o maior...

Vindo logo do andar de baixo, um estrondo gigantesco fez o prédio tremer.

O segurança encarou Nellie com um olhar fuzilante.

— A suíte dos Wizard! *Fräulein*, é melhor que você não tenha nada a ver com esse tumulto, senão vai conhecer mais da nossa hospitalidade austríaca.



— Dan, você está bem?

Dan estava caído no chão da suíte, entre os destroços da cadeira e da mesa.

Ele gemeu e ficou sentado, segurando o diário nos braços como uma bola de futebol americano.

— O que aconteceu?

— Não sei direito — respondeu Amy, também bastante zonza. Ela ajudou o irmão a ficar de pé e deu uma olhada nele, procurando cortes. — Ou foi a cadeira que quebrou e fez a gente cair na mesa, ou a mesa quebrou

primeiro, e depois quebrou a cadeira. Mas tanto faz. Precisamos sair daqui... metade do hotel deve ter ouvido esse estrondo!

Eles saíram em disparada da suíte 1600, no exato instante em que um segurança surgia na escada, puxando consigo ninguém menos que Nellie.

Não havia como fingir inocência. A porta ainda estava aberta atrás deles, e do corredor se via claramente o estrago dentro da suíte.

Os irmãos Cahill fugiram, dobrando a próxima esquina do andar e sumindo de vista. O guarda se apressou em persegui-los, porém Nellie agarrou o braço dele e o puxou de volta com uma força que quase deslocou o ombro do homem.

— Você não pode ir embora! E se Jonah estiver caído ali dentro, sangrando?

O segurança estava enfurecido.

— Menina burra! Seu herói nem está no prédio! — Ele tirou um walkie-talkie do cinto e começou a despejar um monte de palavras em alemão.

Nellie sentiu um caroço na garganta. O homem estava montando guarda nos elevadores e no térreo de todas as escadarias do hotel.

Amy e Dan estavam encurralados.

CAPÍTULO 6

QUANDO A PORTA DO ELEVADOR SE ABRIU, OS IRMÃOS CAHILL estavam correndo tão depressa que quase passaram batido por ela. Amy freou primeiro, agarrou o irmão e o puxou para dentro do elevador. Ela apertou o botão do térreo. Eles ficaram parados, ofegantes, enquanto desciam. Seus olhos agoniados seguiam a numeração que diminuía no mostrador, a partir do 16.

De repente, Dan esticou o braço e apertou o botão do primeiro andar.

— Podem estar esperando a gente na entrada — ele explicou, tenso.

— Mas é lá que fica a saída! — disse Amy numa voz estridente. — Não dá para sair do hotel pelo primeiro andar!

— É claro que dá. — As portas se abriram, e Dan puxou a irmã para o corredor do primeiro andar, entre salões de baile e salas de conferência.

Ela estava quase histérica.

— Como? — Amy perguntou.

— Pulando.

Amy encarou o irmão.

—Você está ma...?

Eles seguiram até o fim do corredor e depararam com um vidro que ia do teto ao chão, que dava para a rua. Ali, logo abaixo, estava a entrada do hotel.

Dan empurrou as portas envidraçadas, e os dois saíram para uma mureta estreita de pedra.

— De jeito nenhum, Dan! Não vou pular! Nós vamos quebrar as pernas!

— Olhe pra baixo! — ele mandou.

Uns dois metros abaixo se estendia um toldo de lona que cobria toda a entrada principal.

Ele passou a perna por cima da mureta.

— Vai ser moleza — disse o menino, tentando transmitir mais segurança do que de fato sentia. — Uma queda menor que de um trampolim alto de piscina.

— É, mas sem água!

Ele pulou. Amy observou horrorizada, esperando que ele fosse rasgar o tecido e se espatifar no concreto. No entanto, o toldo aguentou.

Sorrindo para ela lá de baixo, ele engatinhou até a beirada da lona, encontrou um suporte de aço, e por ele desceu até a calçada. Dan acenou para Amy lá de baixo, com o diário de Nannerl na mão.

Amy nunca tinha sentido medo de tantas coisas diferentes ao mesmo tempo: medo de ser capturada; medo do que podia acontecer com Nellie; medo pelo irmão maluco que era imbecil demais para saber o que podia e o que não podia fazer; e um medo muito real de pular do primeiro andar de um prédio em cima de um frágil pedaço de pano.

— Depressa! — Dan chamou a irmã, impaciente.

Não consigo fazer isso... Não consigo mesmo...

A onda de vergonha que ela sentiu foi quase tão poderosa quanto seu terror. Que tipo de Cahill era ela? O futuro do mundo inteiro estava em jogo, e ela era incapaz de enfrentar uma queda de 2 metros... nem mesmo após ver seu irmão de 11 anos fazer isso. Talvez fosse melhor deixar que Jonah ficasse com o diário, afinal. Ou então os Holt ou os Kabra. A avó estava enganada a respeito dela. Amy não era páreo para a busca às 39 pistas.

Desculpe, Grace...

Esse pensamento de repente deu um tranco em Amy, fazendo com que tomasse uma atitude impetuosa. Ela já estava caindo no vazio antes que chegasse a decidir de fato.

Amy atingiu o tecido feito uma trapezista de circo caindo numa rede de segurança. Segundos depois, Dan estava ajudando a irmã a descer para a rua.

Os dois só tiveram coragem de abrir a boca quando já estavam dentro de um táxi, a vários quarteirões de distância do hotel.

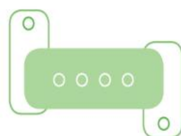
— A Nellie... — Dan começou a dizer.

—Eu sei...

O pequeno quarto deles no Hotel Franz Josef parecia pobre e ainda menor, depois de terem visto os aposentos do Royal Habsburg. A recepção de Saladin não colaborou muito para melhorar o humor deles. O Mau Egípcio ainda se recusava a comer a comida para gato, e tinha espalhado o jantar por todo o carpete. Um cheiro de peixe pairava no ar. Além disso, ele se coçava com mais força do que nunca, e seu pescoço estava começando a ficar todo pelado.

Os irmãos Cahill estavam exaustos, porém nenhum deles conseguiria pensar em dormir. Nellie era a única coisa que importava agora. Os dois estavam tão concentrados nas 39 pistas que não tinham levado em conta os sacrifícios que a *au pair* estava fazendo para continuar junto com eles naquela aventura. Ela tinha largado tudo, viajado milhares de quilômetros para longe de casa, e até debitado várias despesas em seu próprio cartão de crédito. É claro que eles pretendiam reembolsá-la. Amy e Dan tinham joias de Grace que provavelmente valiam uma fortuna. Mas joias podiam ser perdidas ou roubadas, e não havia garantia alguma de que eles venceriam a busca. Não havia garantia sequer de que sobreviveriam a ela.

Agora Nellie estava desaparecida. Tinha sido pega, provavelmente detida. E não havia nada que Amy e Dan pudessem fazer a respeito disso. Nada além do que estavam fazendo: esperar.



Às duas da manhã, eles ainda estavam sentados olhando para a tevê, que apresentava um episódio de A ilha dos birutas dublado em alemão. As batidas repentinas na porta foram um susto tão grande para seus nervos

esfrangalhados que eles quase se atropelaram enquanto corriam para abri-la.

— Nellie! — Amy gritou. — Graças a...

Ali no corredor estava Irina Spasky, a prima russa da família Cahill. Era outra concorrente na busca pelas 39 pistas, e não era de brincar em serviço. Corriam rumores de que ela era uma ex-agente da KGB, impiedosa, eficiente e potencialmente mortal.

Ela foi direto ao ponto.

— Sua babá foi detida pelas autoridades de Viena.

Dan ficou irado.

— Como você sabe disso? — ele disse.

O rosto de Trina se contorceu, esboçando algo que de longe lembrava um sorriso.

— Eu já atravessei um túnel secreto sob o Muro de Berlim carregando plutônio para a fabricação de armas. Acho que sou capaz de olhar pela janela de uma viatura de polícia. Mas se vocês não precisam de ajuda...

Amy gostou da ideia.

— Você pode ajudar Nellie? Como?

Trina pareceu incomodada.

— Faz diferença saber *como* eu posso ajudá-la, desde que eu a traga de volta?

— Não faz diferença nenhuma! — Amy concordou na hora. — Apenas tire ela de lá! Obrigada!

— Palavras não bastam para me agradecer. Quero o objeto que vocês furtaram do quarto de hotel de nosso seboso primo Jonah Wizard.

— De jeito nenhum! — cuspiu Dan.

— Permita que eu lhe dê um conselho — Trina disse a Amy. — Você não devia deixar esse menininho impetuoso falar por você. Talvez fosse melhor nunca deixá-lo abrir a boca. Na KGB usávamos fita adesiva, um método eficiente e econômico.

Amy ficou cabisbaixa. Eles tinham arriscado a vida para pegar o diário. Sem contar que o fato de Irina querer o diário só comprovava a suspeita de que se tratava de algo importante. Mas não podiam deixar que Nellie fosse para a cadeia por culpa deles. Se a prima russa podia libertá-la, eles não tinham

escolha senão aceitar o acordo.

— Eu pego ele para você — Amy concordou, triste.

— Deixa que eu pego — suspirou Dan.

Amy ficou observando, surpresa, enquanto o irmão ia até a mochila dela no criado-mudo. Mas em vez de pegar o diário de Nannerl, ele pôs a mão no bolso da jaqueta e tirou o bonequinho de Jonah Wizard que roubara da suíte 1600.

Ele está tentando dar a coisa errada para ela! Amy lutou para conter seu terror enquanto Dan oferecia o brinquedo a Trina.

A ex-agente da KGB continuou estática não fazendo menção alguma de aceitar.

— Um brinquedo de criança? Você não pode estar falando sério.

Dan deu de ombros.

— Você pediu o que nós pegamos no quarto de Jonah. Foi isto.

Não tente fazer isto! Amy queria gritar. *E se Irina souber o que está procurando*? Ela encarou o irmão com um olhar de súplica.

Dan não captou a mensagem.

— Só parece um boneco comum — ele disse a Trina.

— Mas veja isto.

Ele segurou o brinquedo, fazendo com que a mãozinha do boneco prendesse o dedinho de Irina, e apertou o botão nas costas para ativar o golpe de kung fu.

A ex-espiã não deu um pio com o golpe em seu dedo, mas uma veia em sua testa saltou, como se estivesse prestes a explodir. Seus olhos ávidos fixaram-se no código, iluminado atrás da faixa na cabeça de Jonah.

—Está vendo? — perguntou Dan. — É...

— Não é preciso fazer rodeios numa transação comercial. — Ela agarrou o boneco da mão de Dan e olhou para ele com certo respeito. — Tínhamos um aparelho parecido na KGB — ela admitiu, examinando seu dedo mindinho, que estava inchando depressa. — É grosseiro, mas eficiente. Sua babá será devolvida em breve.

E ela sumiu tão rápido quanto tinha aparecido.

Amy tremia enquanto brigava com o irmão.

— Não acredito que você fez isso! E se Trina soubesse do diário?

— Ela não sabia — retrucou Dan.

— Mas podia saber! Ou se ela soubesse do código! Ela podia ter visto a propaganda na televisão!

Ele estava inabalável.

— Duvido que Trina assista aos canais de desenhos animados.

— Você enganou uma espiã russa! Isso podia ter custado a vida de Nellie, e a nossa também!

Dan ficou indignado.

— Por que você está gritando comigo por uma coisa que não aconteceu? Caso você não tenha percebido, eu fiz uma coisa boa! Ainda estamos com o diário, e Trina vai trazer Nellie de volta. Você acha que vai ser uma verdadeira fuga cinematográfica? É pena que não dá para nós assistirmos.

Amy parecia emburrada.

— Eu sinceramente não quero nem pensar no que uma agente da KGB é capaz de fazer. Esse método que ela vai usar com a polícia de Viena, ela pode usar contra nós a qualquer momento.

Dan não conseguiu conter um sorriso.

— Mas hoje, fomos nós que levamos vantagem em cima dela. Isso merece uma comemoração!

— Quem está comemorando? — veio da porta uma voz cansada.

— Nellie! — Amy deu um pulo e se jogou nos braços da *au pair*. Ela deu um passo para trás, franzindo a testa. — Como a Trina libertou você tão depressa? Não faz nem cinco minutos que ela saiu daqui.

— Ninguém me libertou — Nellie respondeu. — Eles simplesmente me soltaram. Acharam que eu era uma fã desmiolada do Jonah Wizard. Pelo jeito, o hotel está cheio de gente assim. Dois idiotas chegaram a pular da sacada da frente. Vocês conseguem imaginar isso?

— Ao vivo e em cores — disse Amy amargamente.

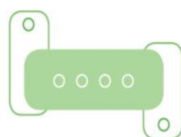
— Aquela rejeitada da KGB, espiã meia-boca! — Dan estava furioso. — Não acredito que ela me enganou... justamente quando eu acreditei que estava enganando ela!

— Enfim, foi uma longa noite — Nellie bocejou. — Aqueles pentelhos

do hotel não queriam abrir mão do precioso uniforme de camareira, por isso os policiais precisaram me arrastar até o porão para procurar minha roupa no carrinho de limpeza.., que tinha sido devolvido junto com outros cinquenta. Depois eu não queria atrair eles até vocês, por isso pedi para me deixarem no Hotel Bundes. De lá eu vim pra cá a pé. Mas não se preocupem, só choveu nos últimos quinhentos metros. — Ela enxugou o cabelo com a manga. — É impressão minha, ou está fedendo peixe aqui?

— Nós pegamos o diário — Amy contou, empolgada.

— Vamos dormir um pouco, e podemos dar uma olhada nele amanhã de manhã. Nós sabemos que os Holt, Irina e Jonah estão na nossa cola. Precisamos avançar depressa se quisermos continuar na vantagem.



Quando Jonah Wizard e seu pai voltaram animados com o sucesso da festa de lançamento do DVD, encontraram uma equipe de funcionários da manutenção varrendo cacos de vidro do chão de mármore da suíte.

Os dois correram e pararam bem embaixo do lustre onde tinham escondido o diário de Nannerl. A silhueta escura não estava mais lá. Umas poucas fileiras de cristais pendiam quebradas.

— Você prometeu segurança extra para o Jonah!

— O senhor Wizard estava espinafrando o gerente do hotel, que tinha acordado só para pedir desculpas ao hóspede VIP.

— Achamos que foi uma invasão inofensiva, *mein Herr*. — O gerente tentou acalmá-lo. — Uma garota apaixonada. Seu talentoso filho produz esse efeito nas mocinhas, não é?

Os Wizard não acreditaram numa palavra daquilo. Não tinha sido uma simples fã que entrara na suíte e roubara o diário de Nannerl Mozart. Aquilo só podia ter sido obra de um de seus concorrentes na busca das 39 pistas. Um serviço interno da família Cahill.

— Aí, mano — o astro de tevê falou com o gerente do hotel. — Dá pra

você descrever essa mina doida que me adora tanto a ponto de invadir meu quarto?

O gerente mostrou uma foto tirada no departamento de polícia de Viena.

O rosto famoso se contorceu. Para quem convivia com a nata de Hollywood e um monte de gigacelebridades, era difícil reconhecer uma pessoa comum, da ralé. E no entanto a mulher na foto parecia familiar. De onde Jonah a conhecia?

Ele notou o piercing no nariz. Era a babá dos irmãos Cahill: Nancy ou Netta, algo assim.

Então Amy e Dan estavam em Viena também. Pior que isso, na verdade estavam um passo à frente dele. Jonah Wizard não gostava de ficar em segundo lugar em nada. Nem nos índices de audiência, nem na lista dos álbuns mais vendidos e, principalmente, não na busca às 39 pistas.

Quando você está por cima, você fica confiante. Estar confiante gera atitude. E atitude é o que faz você continuar por cima.

Uma pontada de inquietude vibrou na parte mais escondida, mais escura de sua mente. Sim, ele era o número 1 nas paradas de sucesso, ele era o cara que dominava quase todas as categorias da indústria do entretenimento. E ele *merecia* esse sucesso. Tinha *trabalhado* por ele. Suor e esforço, cara. Talento. Esse lance mágico dos Wizard.

Mas fica bem mais fácil quando sua mãe é Cora Wizard, que tem uma pá de contatos em todos os ramos artísticos...

O superstar fez uma careta. Era por isso que ele nunca podia baixar a guarda! Bastava um pequeno contratempo, e ele já começava a duvidar de si mesmo.

Se você perder mesmo que seja uma única vez, isso acaba virando um hábito. E antes que você perceba, já virou um perdedor.

Ele não podia permitir que os irmãos Cahill levassem vantagem sobre ele.

Por sorte, Jonah sabia uma coisa sobre o diário que Amy e Dan ainda precisavam descobrir.

CAPÍTULO 7

DAN NÃO ERA MUITO FÃ DE DIÁRIOS — NEM MESMO QUANDO ERAM escritos em inglês e por pessoas por quem ele se interessava. Por isso manteve distância, tentando convencer Saladin a experimentar uma lata de atum, enquanto Nellie e Amy se debruçavam sobre o diário encapado em couro. Nellie estava traduzindo a escrita rebuscada e antiquada de Maria Anna Mozart.

— Conseguiram alguma coisa? — ele perguntou.

— É uma tragédia — respondeu Amy. — Nannerl foi uma das maiores musicistas da época. E, no entanto, pouquíssimas pessoas ouviram falar a seu respeito. Ela era um grande gênio, tão brilhante quanto o irmão. Mas naquele tempo as mulheres eram criadas só para casar, cozinhar, limpar e ter filhos.

Dan não parecia interessado.

— Eu nunca tinha ouvido falar do irmão dela, também. Não antes desta busca. Eu achava que Mozart era só o cachorro daquele filme.

Nellie fez uma careta para ele.

— O cachorro chama Beethoven, não Mozart! E mesmo assim você ia reconhecer várias músicas dele. Estamos falando de algumas das melodias mais famosas de todos os tempos. A melodia de "Brilha, brilha, estrelinha", por exemplo, foi composta por Mozart.

— Só nos resta imaginar como poderia ter sido grande a contribuição de

Nannerl para a música, caso tivessem permitido que ela desenvolvesse seus talentos — Amy acrescentou.

— Que se dane a música! — retrucou Dan. — Ela contribuiu com pistas?

Amy fez que não com a cabeça.

— Não tem anotações rabiscadas nas margens, nem nada desse tipo.

— Tem uma carta do irmão dela colada aqui. Mas parece que ele está falando da vez em que pediu de- missão. Ele disse que queria usar o contrato como papel higiênico.

— É mesmo? — Dan de repente ficou interessado. — Mozart escreveu isso? Me mostra!

— Está em alemão, seu besta — Amy disse a ele. — Eles também têm uma palavra para papel higiênico.

— É, mas não achei que um cara chique como Mozart conhecesse essa palavra.

— Peraí! — Amy pediu numa voz alarmada. Ela virou a página seguinte, examinando atentamente a lombada do caderno. — Estão faltando páginas aqui! Pelo menos duas. Olhem!

Os três examinaram o diário de perto. Amy estava certa. O ladrão tomara muito cuidado para disfarçar o crime: o material que tinha sido retirado havia sido cortado com uma lâmina muito afiada. A incisão era quase imperceptível.

— Você acha que foi Jonah quem fez isso? — Dan perguntou, quase perdendo o fôlego.

— Duvido — respondeu Amy. — Por que ele se daria ao trabalho de esconder o diário no lustre se já tivesse tirado as partes importantes?

— Para nos despistar? — sugeriu Dan.

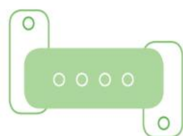
— Talvez, mas lembre que o diário tem mais de 200 anos. Essas páginas podem ter sido arrancadas em qualquer momento entre aquela época e hoje. A própria Nannerl pode ter cortado as páginas simplesmente porque derramou tinta nelas.

— Sem ofensa, pessoal — Nellie se intrometeu —, mas estou convivendo com a família de vocês o suficiente para saber que isto é bem a cara dos Cahill. Nunca vi tantos traíras juntos na minha vida inteira.

— Ela tem razão — admitiu Dan, desanimado. — Sempre que achamos

que estamos progredindo, descobrimos que alguém está um passo à nossa frente.

— Calma — Amy pediu. — A verdadeira pista não é o diário; é a música. E nós somos os únicos que temos a música. Vamos levar a partitura para o saguão. Eu vi um piano lá.



Eles compunham uma cena adorável — a menina americana tocando piano e o irmão mais novo ao seu lado. Teria sido implicância notar que a partitura estava escrita no verso de um guardanapo e que a menina tocava com certa hesitação.

— A boa e velha tia Beatrice — Amy murmurou para Dan — cortou minhas aulas de piano para economizar um dinheirinho.

A tia Beatrice era irmã da avó deles e responsável legal pelos dois. Era graças à tia Beatrice que Amy e Dan eram considerados fugitivos do Serviço Social no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

— Toque a parte nova — sugeriu Dan. — A parte que não está na música de verdade. Talvez se abra um alçapão, ou vamos invocar o gênio dos Cahill, ou alguma coisa assim.

Ela experimentou a parte nova, uma melodia leve, aérea, muito diferente da composição clássica mais pesada do resto da música. De repente uma mulher parou ao lado do piano e ergueu a voz cantarolando. A letra era em alemão, mas era óbvio que se tratava de uma melodia familiar e que estava agradando bastante àquela senhora.

— A senhora conhece esta música! — exclamou Amy. — É do Mozart?

— Nem.., não é do Mozart. É uma antiga canção folclórica da Áustria, chamada *"Der Ort, wo ich geboren war"*. No seu idioma significa "O lugar onde eu nasci". Obrigada por tocar esta música, querida. Fazia muitos anos que eu não a ouvia.

Amy agarrou Dan e o arrastou até um cantinho reservado com uma lareira.

— É isso! Essa é a pista!

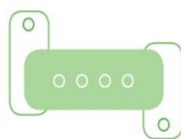
— O quê? Uma música velha?

— Era uma mensagem entre Mozart e Benjamin

Dan ficou com os olhos esbugalhados.

— Certo, mas o que significa a mensagem?

— Diz "venha para o lugar onde eu nasci". Mozart nasceu na cidade de Salzburgo, nos Alpes austríacos. E é para lá que temos que ir.



O carro alugado era um modelo velho. Todas as suas articulações rangiam quando estava na subida, enquanto que, na descida desembestava morro abaixo. Em parte, era culpa de Nellie. Ela nunca tinha dirigido um carro com câmbio manual antes.

— Isso ajuda muito numa viagem às montanhas — reclamou Dan.

— Ei, quer assumir o volante? — Nellie perguntou, ofendida. E Dan aceitou tão prontamente que ela se arrependeu de ter perguntado.

Saladin passou toda a viagem de três horas enjoado com o movimento do carro. Mas, por sorte, como o gato não estava comendo nada, também não tinha nada para vomitar.

A viagem poderia ter sido mais confortável e muito mais agradável num trem. Entretanto, o encontro com os Holt na vinda de Paris os deixara avessos a viagens ferroviárias. Num trem público, era muito fácil avistá-los. Num carro, o anonimato era mais garantido. Como eram os únicos que tinham em mãos a informação mais recente, com certeza todas as outras equipes deviam estar na cola deles.

Apesar da viagem desconfortável, a paisagem era estonteante. A *Autobahn*, o nome alemão para rodovia, serpenteava pelos Alpes austríacos como uma fita se retorcendo entre os pés de gigantes. O pescoço dos três logo estava doendo de olhar pelas janelas, contemplando picos nevados que davam até vertigem.

— Agora sim está bem melhor — aprovou Nellie. — Eu topei a viagem para conhecer o mundo, não para visitar delegacias em Viena.

Até Dan estava impressionado com aquelas montanhas enormes.

— Aposto que, se alguém rolasse uma bola de neve lá de cima, quando ela chegasse aqui embaixo, poderia destruir uma cidade inteira!

Um pouco depois das 14h eles chegaram a Salzburgo, uma pequena cidade de torres reluzentes, arquitetura barroca e jardins pitorescos aninhados em colinas verdejantes.

— Que bonito! — exclamou Nellie.

— É maior do que eu esperava — Amy disse, desanimada. — Não fazemos ideia do que estamos procurando, nem mesmo por onde começar.

Nellie deu de ombros.

— Parece bem óbvio. A canção chama "O lugar onde eu nasci". Vamos arranjar um guia e encontrar a casa onde Mozart cresceu.

O gemido de Dan foi ainda mais alto e mais desesperado do que as queixas constantes de Saladin.

— Ah, não, não faça isso, por favor. Você não vai me arrastar pra outra casa do Mozart. Ainda nem me recuperei da última!

— Cresça — disse Amy, ríspida. — Não somos turistas. Vamos aonde as pistas estão.

— Mas por que é que as pistas nunca estão em lugares legais? — resmungou Dum. De repente ele endireitou o corpo. — *Cuidado!*

Um pedestre atravessou a rua correndo, bem na frente do carro. Nellie pisou fundo no freio, com toda a orça que tinha. As rodas travaram e o carro derrapou, parando a poucos centímetros de atropelar o transeunte idoso.

Nellie ficou furiosa.

— Idiota! — Ela já tinha levantado o braço para sentar a mão na buzina, quando Amy agarrou o pulso dela.

— Não! — ela chiou, tentando se esconder atrás do painel. — Vejam quem é!

CAPÍTULO 8

TRÊS PARES DE OLHOS SE FIXARAM NO HOMEM ASIÁTICO ALTO, DE costas eretas, que atravessava a rua apressado, batendo no chão com a sua bengala de ponta de diamante. Era Alistair Oh, o tio coreano, mais um concorrente daquela caça ao tesouro.

— Burro fui eu que pensei que estávamos em vantagem — observou Dan.

— É, com certeza ele não está aqui por causa do ar puro das montanhas — concordou Nellie.

Eles observaram enquanto o tio Alistair atravessava apressado e embarcava num ônibus estacionado do outro lado da rua.

— Vamos segui-lo — disse Amy, de repente. — Vamos ver para onde ele está indo.

Fazendo uma manobra completamente irregular, Nellie invadiu a pista esquerda e entrou atrás do ônibus. Ela acenou alegre para os motoristas de Salzburgo que xingavam e buzinavam.

— Mas... — Dan pensou em voz alta. — Se queremos descobrir para onde ele está indo, por que simplesmente não perguntamos para ele? Aquela aliança que fizemos com ele em Paris não continua de pé?

— Lembre-se do que o senhor McIntyre disse — respondeu Amy. —

Não confie em ninguém.

— Talvez. Mas o tio Alistair com certeza salvou rios. su pele nas Catacumbas de Paris.

Amy não se impressionou.

— Só porque ele precisava nos ajudar a deter os kabra. Se tem uma coisa que já devíamos ter aprendido é que os Cahill têm brigado uns com os outros há muitos séculos. Ele faria qualquer coisa para nos desviar das 39 pistas.

Eles seguiram o ônibus que ia chacoalhando por cima da Staatsbrücke, a ponte que ficava no meio da cidade. Passageiros embarcaram, mas ninguém desceu. As ruas estavam apinhadas de carros e táxis e havia hordas de turistas em toda parte. Um grupo de colegiais começou a atravessar na frente do automóvel; enquanto isso, o ônibus dobrou a esquina e sumiu de vista.

— Não perca ele de vista! — disse Dan, aflito.

Por fim, o caminho ficou livre e o motor deu um tranco, com Nellie se atrapalhando para mudar de marcha. Eles desceram umas poucas ruas estreitas, mas não havia sinal do ônibus.

— Ali! — Amy apontou.

O ônibus tinha saído da malha de ruas do centro e contornava a encosta de uma colina. Fazendo um forte barulho na troca das marchas, eles partiram em disparada, ganhando velocidade conforme o automóvel fazia a curva. Os três estavam tão concentrados na perseguição que passaram correndo pelo ônibus parado, que estava deixando passageiros num antigo por tão de pedra.

Amy olhou para o agrupamento de construções muito antigas, arrematadas com torres e cruzes.

— Uma igreja? — Dan parecia desconsolado. — Como se Mozart já não fosse chato o bastante.

— A última igreja em que nós estivemos não foi nada chuta — Amy lembrou a ele. — Nós dois quase morremos.

Nellie contornou e parou a uma distância segura atrás do ônibus.

— Arquiabadia de São Pedro — ela traduziu, espremendo os olhos para ler a placa de ferro moldado.

Eles enxergaram a figura alta de Alistair passando pelo portão e começando a subir o caminho.

Nellie franziu a testa.

— Vocês acham que nossa pista pode estar aqui?

— Alistair acha que está — decidiu Amy. — Não podemos ir embora enquanto não soubermos se é verdade. Que tal você achar um hotel e dar uma chance para Saladin se recuperar da viagem?

A *au pair* parecia relutante. Dan se pronunciou.

— Este lugar está cheio de turistas. Não pode ser muito perigoso.

— Tá bom — disse Nellie por fim. — Volto daqui a uma hora. Tentem não morrer.

Em seguida ela partiu.

Eles entraram pelo portão, e Amy pegou um livreto em inglês do mostruário.

— Uau — ela prendeu a respiração. — Este lugar tem mais de 1300 anos. O monastério foi fundado em 696, mas eles acham que os romanos já haviam estado aqui ainda antes disso.

— Romanos? — Dan mostrou um princípio de interesse. — Aquelas legiões romanas eram incríveis na hora da porrada.

— É por isso que tem artefatos romanos espalhados por toda a Europa — explicou Amy. — Os exércitos deles eram tão poderosos que conquistaram a maior parte dos territórios que conheciam.

— Ninguém segurava aqueles romanos — concordou Dan. O menino levantou as sobrancelhas. — Mas o que isso tem a ver com a igreja?

— Ela foi construída mais tarde, no século XII, muito depois de os romanos terem ido embora. Os túmulos mais antigos no cemitério datam dessa época.

— Cemitério? — Dan abriu um sorriso. — Estou começando a curtir este lugar!

Eles ficaram num lugar discreto até que o grupo de turistas do tio Alistair tivesse entrado na igreja, e então passaram agachados pelo arco que levava ao cemitério. Era um cemitério como Dan jamais tinha visto: coberto de vegetação rasteira, e mal se viam túmulos entre a folhagem. Em vez de lápides, as sepulturas eram representadas por placas de ferro forjado com uma escrita rebuscada e antiquada.

— Parece a coleção de colheres ornamentais de tia Beatrice — Dan murmurou para Amy.

O nariz dela ainda estava enfiado no livreto. De repente, Amy agarrou o pulso dele e o apertou com uma força de trincar os ossos.

— Dan... o livreto diz que os restos mortais de Nannerl Mozart estão bem aqui!

Dan arregalou os olhos.

— Nós vamos desenterrar um cadáver? Que demais!

— Xiu! É claro que não!

— Mas e se Mozart plantou uma das pistas na própria irmã?

Amy fez que não com a cabeça.

— Mozart morreu antes de Nannerl. Bem, o que estamos procurando é um mausoléu. O livreto diz que ela está enterrada lá.

— Que é isso? — perguntou Dan. — É tipo um condomínio de mortos?

— Tenha mais respeito. Na cripta dela também está enterrado Michael Haydn, o famoso compositor, e uma das pessoas que mais apoiaram Mozart.

Ele não conseguiu resistir.

— O que ele está fazendo agora, se decompondo?

— Não seja grosseiro! Vamos.

Eles levaram alguns minutos perambulando até encontrar o mausoléu. Comparado a algumas das opulentas e elaboradas câmaras funerárias da arquiabadia de São Pedro, era uma estrutura simples de pedra, em cujas paredes se viam os nomes dos mortos com passagens da Bíblia entalhadas. Não havia sinal de nada que pudesse ser considerado uma pista.

— Você não foi esquecida, Nannerl — Amy sussurrou num tom grave. — As pessoas estão começando a apreciar a sua genialidade.

— Por que você está tão fascinada com Nannerl Mozart? — perguntou Dan. — Tudo bem, ela era tão boa quanto o irmão. E daí?

—Você não vê como isso é injusto? — protestou Amy.

— Ela nunca foi reconhecida, só porque era menina.

— Concordo. Ela foi injustiçada. Mas agora que Nannerl está enterrada nesta cripta há séculos, que diferença isso faz para ela?

— Faz diferença para mim — Amy retrucou. — E se nós dois fôssemos

os irmãos Mozart? Como você acha que eu ia me sentir se você fosse considerado um menino prodígio e eu não fosse ninguém, nós dois sendo igualmente bons na mesma coisa?

O irmão não se abalou.

— Isso nunca poderia acontecer com a gente. Não tem *nada* em que nós dois sejamos bons. Ei, o que é aquilo?

Ele lançou um olhar de estranhamento para fora da entrada da cripta. A abadia se encostava numa parede nua de pedra. A 15 metros do chão, o contorno grosseiro de uma construção tinha sido cavado na montanha acima da abadia.

— Quem constrói uma casa de frente para um precipício? — indagou Dan.

Examinando mais de perto, eles encontraram uma escada rústica esculpida direto na pedra, conduzindo para a entrada da caverna.

Amy examinou o livreto.

— Aqui está. Essa é a entrada das Catacumbas de Salzburgo.

— Catacumbas? — repetiu Dan, tremendo. Por muito pouco eles não tinham se perdido para sempre nas Catacumbas de Paris. O menino não estava muito ansioso para repetir a experiência.

— Bem, pelo menos não é uma catacumba forrada de ossos. Mas aqui no livreto diz que existem túneis naquela colina. Se tiver alguma pista aqui, tenho certeza de que está lá.

Eles avistaram um grupo de turistas, caminhando para a abertura na colina. No meio do grupo estava a figura alta de Alistair Oh.

— E a concorrência acaba de passar na nossa frente — Dan acrescentou.

Assim que o grupo de tio Alistair desapareceu dentro da encosta rochosa, os irmãos Cahill subiram depressa os degraus irregulares de pedra. Amy sentiu uma inquietude sinistra ao pisar dentro da montanha, como se eles estivessem sendo engolidos por alguma coisa ancestral e imutável, uma criatura imensa, silenciosa, tão velha quanto a própria Terra. Amy e Dan trocaram um olhar de puro terror. As Catacumbas de Paris eram forradas de ossos humanos, caveiras grotescas brotando de todos os lados. Esta talvez estivesse num nível mais baixo na escala de nojo, porém a sensação de trocar o conhecido pelo

bizarro e ameaçador era ainda maior ali.

O túnel era úmido e, com certeza, mais de cinco graus mais frio que lá fora.

Dan tateou a mochila e sentiu o volume conhecido da bombinha. Aquele, com certeza, era o pior lugar do mundo para ele ter um ataque de asma.

Relaxa, ele lembrou a si mesmo. Os ataques eram provocados por níveis extremos de poeira e pólen, não por lugares altamente sinistros.

À esquerda dele havia uma pequena capela que parecia tirada dos *Flintstones*. O grupo de tio Alistair estava amontoado ali quando os irmãos Cahill passaram apressados, cobrindo os rostos.

Quanto mais eles se afastavam da entrada, mais escuro ficava. A passagem era iluminada apenas por uma série de lâmpadas elétricas fracas, dispostas uma tão longe da outra que entre elas tudo mergulhava na completa escuridão.

Conforme os dois continuavam avançando, viram outro grupo de turistas que caminhavam na mesma direção em que eles estavam.

Rostos pálidos, iluminados de cima, sumiam na penumbra e ressurgiam de repente dez metros mais perto. Era uma coisa do outro mundo, como se as leis da natureza não mais se aplicassem àquele lugar tão insólito.

— Fiquem à direita — o guia turístico recomendou, conduzindo o grupo de tal modo que eles contornaram OS irmãos Cahill bem de perto.

Cotovelos e ombros esbarraram-se conforme o grupo passava. Alguém pisou no pé de Amy, e ela respirou fundo. Ou talvez ela tenha tomado um susto, quando viu um homem no halo da lâmpada nua.

Ele era velho, mais velho que o tio Alistair, provavelmente tinha muito mais de 60 anos, de pele enrugada, carcomida. Sua roupa era toda preta, e por isso, no escuro, sua cabeça parecia estar pairando no ar.

O coração de Amy bateu com tanta força e tão rápido que ela temeu que ele fosse estourar para fora do peito. A menina agarrou a mão do irmão e começou a rebocá-lo pela passagem.

— Vai devagar! — Dan reclamou.

Amy não parou até ter certeza de que o grupo de turistas não estava escutando.

— Dan... o hom... o hom... — Mesmo sussurrando, ela não conseguia

controlar a gagueira.

— Fica calma — disse o irmão.

— O homem de preto está aqui!

CAPÍTULO 9

DAN FICOU EM ESTADO DE CHOQUE.

— Ele viu você?

— Não tenho certeza, mas não podemos nos arriscar. Quando a casa de Grace pegou fogo, ele estava lá. E quando a bomba explodiu no Instituto Franklin também. Precisamos Sair daqui!

— Não enquanto fluo acharmos o que viemos procurar — retrucou Dan, teimoso. — O tio Alistair junto com o homem de preto? Isso é uma prova dupla de que estamos no caminho Certo!

Amy ficou surpresa com o acesso de admiração que sentiu pelo irmão. Era verdade que Dan era um idiota que não sobreviveria Cinco minutos sem ela. Mas havia momentos, como aquele, em que ele encontrava coragem onde ela só via medo.

Ela engoliu em seco.

— Vamos continuar andando.

Eles se embrenham mais e mais no interior da montanha. O túnel se bifurcou e depois se bifurcou novamente, e eles prestavam muita atenção em todas as curvas e esquinas. Não conseguiam pensar em nada mais apavorante do que se perder ali, a meio caminho entre Salzburgo e o centro da Terra.

Logo os irmãos estavam com a vista doendo de tanto examinar as intermináveis paredes em busca de marcas ou sinais em código, qualquer coisa que pudesse indicar um compartimento secreto ou um esconderijo. Mas só encontraram pedra, e de vez em quando um fiozinho de água corrente.

Dan estava engatinhando no chão, investigando um "entalhe" que na verdade era só um sulco na pedra, quando a fileira de lâmpadas piscou uma vez e em seguida se apagou.

A palavra "escuro" não chegava nem perto de descrever como estava ali. Eles mergulharam num negrume sufocante, na ausência total de luz. Era como se de repente tivessem ficado cegos.

Amy jamais sentira algo parecido com aquele pânico antes. A respiração dela estava entrecortada, cada vez mais rápida, como se o ar que inalava fosse instantaneamente sugado para fora.

Dan tateou a irmã com os braços, tentando tranquilizá-la. Contudo, quando encostou em seu braço, ela deu um grito estridente que ecoou no túnel em todas as direções.

— Calma, sou eu! — ele pediu, embora calma fosse exatamente o contrário do que ele estava sentindo. — Deve ter acabado a luz, só isso!

— E o homem de preto estar aqui é apenas uma coincidência? — Amy gemeu.

Dan fez um esforço para pensar racionalmente.

— Peraí, Amy: se a gente não enxerga ele, ele também não consegue nos enxergar, não é? Quem sabe? Talvez ele esteja tão perdido quanto a gente.

— E talvez ele esteja em algum lugar lá atrás, esperando por nós.

Ele respirou fundo.

— Precisamos arriscar, A nossa única opção é fazer o caminho de volta e torcer para tudo dar certo.

— Será que vamos conseguir encontrar a saída? — ela perguntou com voz trêmula.

Dan tentou visualizar os túneis como apareceriam num mapa: como linhas que se entrecruzavam.

— Você fica com a mão encostada em uma das paredes do túnel. Eu vou ficar com a mão encostada na outra. Assim vamos perceber se tiver uma

curva. — Ele engoliu em seco. — É simples.

Simples. Como Amy sonhava em ter a capacidade que o irmão tinha de reduzir tudo a uma fórmula, uma série de instruções a serem seguidas. Para ela, nenhuma fórmula jamais poderia ser separada do terror brutal daquela escuridão. Ela teve um flashback das Catacumbas de Paris, pilhas de caveiras exibindo sorrisos grotescos. E ao mesmo tempo sabia que ali era pior: a passagem era muito mais estreita, as paredes pareciam se fechar ao seu redor, prendendo-a no ventre rochoso da montanha.

— Dan, acho que não consigo fazer isso — ela gemeu. — Estou muito apavorada.

— É o mesmo túnel — ele tentou acalmá-la. — Nós viemos até aqui, podemos voltar.

Eles começaram a avançar no escuro. Amy tateava o caminho com a mão na parede da esquerda, sabendo que Dan estava fazendo o mesmo na da direita. Eles andavam de mãos dadas para evitar se perderem um do outro e falavam o tempo todo para afugentar o terror que com certeza tomaria conta deles se encontrasse uma única brecha.

— Ei, Amy — disse Dan —, quando foi a última vez que a gente ficou de mãos dadas assim?

— Não lembro. Acho que quando éramos bem pequenos. Quando mamãe e papai ainda estavam vivos.

— Como era mesmo a nossa mãe? — Ele já sabia a resposta. Tinha ouvido pelo menos cem vezes e, no entanto, aquela conversa familiar era reconfortante.

— Ela era alta — respondeu Amy —, de cabelo castanho-avermelhado...

— Que nem o seu? — Era a pergunta de sempre.

— O da mamãe era um pouco mais ruivo. Era fácil vê-la na plateia nas peças da escola. O do papai era mais claro, com... — Ela fez uma pausa. Ficava cada vez mais difícil visualizar os dois. Como nas fotos instantâneas em que a imagem vai sumindo com o tempo.

— Que droga! — resmungou Dan. — Eu não consigo lembrar dos meus próprios pais, mas a nojenta da tia Beatrice é como um letreiro luminoso brilhando na minha cabeça.

— Nós temos Grace — Amy lembrou.

— Grace. O nome saiu como um suspiro. — Eu tenho saudade dela, mas às vezes me pergunto se deveria ter mesmo.

— Grace nos amava.

— Então por que ela não nos contou sobre tudo isso? — ele perguntou. — Os Cahill! A caça ao tesouro!

Ela bem que podia ter nos dado um toque. Tipo: *Olha, hoje você é um menino jogando videogame, mas daqui a uns dois meses você vai estar perdido num túnel na Europa com um assassino maluco.*

Bang!

O clarão foi como uma explosão solar na escuridão. Os olhos deles, escancarados, acostumados ao escuro, ficaram sensíveis com a sobrecarga. Dan conseguiu discernir uma figura que corria no túnel para longe deles. Mas suas mãos automaticamente protegeram o rosto, antes que fosse capaz de identificar quem era. E então a explosão passou, seguida de um ronco que anunciava que o teto estava prestes a desabar.

Amy ouviu o grito do irmão quando uma pedra atingiu o ombro dele. Eles ainda estavam de mãos da- das, por isso ela sentiu quando Dan caiu no chão, enterrado embaixo de pedras e poeira.

— Dan! — Ela segurou o. braço dele firmemente, mesmo enquanto o cascalho chovia em cima dela. Descobrindo uma força em si que desconhecia, Amy deu um puxão de mamute, e o irmão conseguiu ficar de pé a seu lado, cuspindo pó, incapaz de formular uma só palavra.

— Você se machucou? — perguntou ela.

Sem responder, ele estendeu o braço no escuro e tateou o contorno dos escombros. As pedras caídas bloqueavam totalmente a passagem. Dan tentou abrir um buraco na pilha de entulho, mas só conseguiu provocar uma miniavalanche que preencheu o buraco e o enterrou em cascalho até os tornozelos.

— Acho que não conseguimos cavar para sair!

Os pesadelos foram cercando Amy como tubarões nadando em círculos. O que podia ser pior do que ficar perdido no escuro? Ficar preso no escuro, morrer no escuro...

Ela olhou os traços indefinidos do rosto do irmão, na tentativa de focar os olhos verdes dele. Foi então que ela se deu conta.

— Dan, eu consigo enxergar você!

— Isso é impossí... Nossa! Eu estou vendo você, também! Só a sua silhueta. Mas...

— Deve haver luz vindo de algum lugar — raciocinou Amy. — E onde tem luz, tem...

— Uma saída! — Dan gritou.

Era quase imperceptível, insuficiente para iluminar as paredes da passagem. Mas havia com certeza um brilho fraco, cinza-alaranjado.

Ainda estava escuro demais para enxergar, por isso eles avançaram devagar. Dan tropeçou algumas vezes com o chão de pedra ficando mais acidentado, e Amy deu de cara na parede num ponto em que o túnel fazia uma curva inesperada.

Ela mal notou a colisão. Do outro lado, o brilho era mais forte. Ela conseguia ver a silhueta do irmão sem espremer os olhos.

— Bingo! — exclamou Dan. No chão escuro, abriu-se um retângulo estreito de luz. — Uma passagem secreta! — Ele se enfiou na abertura apertada. — Aposto que tem uma escada aqui em algum lugar...

Ao ops! que ele pronunciou, seguiu-se um baque abafado.

— Ou talvez não — ele gemeu lá de baixo. — Desça aqui. Acho que encontrei alguma coisa.

Com muito cuidado, Amy se enfiou no espaço minúsculo, procurando degraus na pedra com os pés. Logo ela descobriu o que seu irmão não percebera: uma série de entalhes esculpidos na parede. Dan ajudou Amy a descer até uma câmara aberta, iluminada por lamparinas a óleo. Depois da escuridão completa do túnel, aquele brilho alaranjado parecia os holofotes de um estádio.

A menina olhou ao redor. Pelo menos metade do cômodo estava cheia de grandes barris velhos, empilhados até o teto.

— Será que isso é uma pista? — Dan perguntou.

Amy deu de ombros, sem saber responder.

— Não tem muita utilidade para a gente se não soubermos o que tem

dentro deles.

Os irmãos Cahill chegaram mais perto. Os barris pareciam muito antigos. Não havia marcas nas tábuas de carvalho.

— Quem sabe podemos pegar um deles e rolar para fora daqui. — Ele colou o ombro em um dos barris e empurrou com toda a força. O barril nem se mexeu.

Amy foi ajudá-lo, e então ela viu. Junto à parede havia uma velha escrivaninha, meio escondida pelas pilhas de barris. Sobre a superfície inclinada, via-se uma única folha de papel.

Os dois correram para examinar. Era um material amarelado e quebradiço, mais parecido com pergaminho. A escrita estava em alemão, numa caligrafia antiquada. Parecia ser alguma espécie de lista, com palavras e números.

— Uma fórmula! — exclamou Amy.

Dan franziu a testa.

— De quê?

— Nossa primeira pista era um ingrediente: solução de ferro — Amy o lembrou. — Talvez esta seja a receita inteira?

Eles ficaram em silêncio enquanto assimilavam a magnitude do que ela dissera. Aquela busca era supostamente uma maratona, não uma corrida de curta distância. Seria possível que eles tivessem desenterrado algum tipo de “cola” antiga, com todas as 39 pistas numa única página? Será que isso significava que já eram os vencedores da busca?

Com delicadeza, ela pegou o pergaminho e o segurou pelas bordas.

— Precisamos levar isto para Nellie. Ela vai nos dizer o que está escrito aqui.

Dan soltou um grito de entusiasmo.

— Quero só ver a cara dos Cobra quando nós aparecermos com todas as 39 pistas e eles ainda estiverem procurando a número 2! E a Irina... Desta vez vou contratar um faixa preta de verdade para dar o golpe de kung fu nela. E os Holt... humm, melhor contratar um exército inteiro de faixas pretas.

— Primeiro temos que sair daqui — a irmã lembrou. Ela olhou ao redor. — Estes barris enormes entraram por uma porta em algum lugar...

— Vamos seguir as lamparinas — sugeriu Dan.

A sala dos barris levava a outros túneis. Após alguns giros e curvas, Amy percebeu que eles estavam perdidos de novo. Ela olhou para a escrita rebuscada em alemão no pergaminho que estava em suas mãos. A frustração era agoniante, ter dado tanta sorte de encontrar o prêmio, mas não conseguir levá-lo até a pessoa que era capaz de ler o que estava escrito.

Ela consultou o relógio de pulso.

— Já estamos atrasados para o encontro com Nellie. Quando ela perceber que não aparecemos, talvez saia à nossa procura.

— Eu espero que ela tenha uma daquelas brocas gigantes de mineração — comentou Dan, observando o chão inclinado. De repente, ele apontou: — Olha!

Do outro lado de uma arcada na interminável passagem, eles conseguiram distinguir um pilar robusto de pedra. Apoiado nele havia...

— Uma escada! — vibrou Amy.

Eles correram até ela e olharam para cima, por uma grade grossa de ferro.

— A luz do sol! — Amy sussurrou. Ela já havia perdido as esperanças de ver o dia ralar outra vez.

Dan escalou os degraus de madeira e empurrou a grade de metal.

— Venha me ajudar.

Amy subiu a escada com ele. Lentamente, os dois conseguiram deslocar a pesada grade, fazendo um barulho alto, como o de um gongo. Eles subiram pela abertura e saíram numa sala.

O grande recinto era forrado com camas baixas dispostas diretamente sobre o chão de pedra. Mas aquilo não era a coisa mais peculiar do cômodo. Ao pé de cada cama havia um monge, de hábito preto e de cabeça quase inteira raspada, apenas com a coroinha no cocoruco.

Quarenta pares de olhos assustados se cravaram nos irmãos Cahill. Quarenta queixos caíram em choque. Os monges beneditinos da arquiabadia de São Pedro encararam Amy e Dan como se não conseguissem acreditar que tais criaturas existissem.

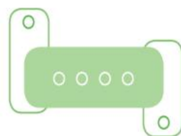
Um monge mais velho, já grisalho, notou o pergaminho que Amy segurava.

E deu um grito que não foi exatamente humano.

CAPÍTULO 10

OS MONGES BENEDITINOS AVANÇARAM EM MASSA NA DIREÇÃO dela, com os braços estendidos para pegar o precioso artefato. Amy ficou paralisada de medo, porém Dan estava pronto para agir. Ele já tinha avistado a única portinha que havia no dormitório. Não sabia ao certo aonde dava, mas se conseguisse apenas sair dali já estava bom demais.

Ele agarrou Amy pelo braço e começou a arrastá-la por entre as túnicas pretas, agachando-se para se esquivar dos braços que tentavam capturá-los. Quando ficou claro que eles estavam quase escapando, a agitação dos monges cresceu. Uma mão agarrou a manga de Amy, e Dan empurrou a irmã com o ombro, como um jogador de futebol americano. Amy pulou por cima de um atacante, e os irmãos Cahill partiram em disparada rumo à saída.



Nellie estava aflita dentro do carro, conferindo o relógio de pulso a cada trinta segundos. Onde eles estavam? Ela nunca deveria ter deixado os dois entrarem num lugar onde um Cahill seboso estava à solta. Se aquele cretino do Alistair

Oh tivesse levantado um dedo contra Amy e Dan, ela o faria engolir aquela bengala enrolada em arame farpado.

Ela se virou para o banco de trás, onde o gato tinha parado de se coçar e agora estava deitado.

— Meia hora de atraso, Saladin. Onde eles podem ter se metido?

E então ela avistou os dois, avançando depressa entre a multidão de turistas. Estavam quase correndo. Pareciam meio descabelados. E assustados. Os olhos dela se fixaram atrás dos irmãos, na onda negra que os perseguia. Dezenas de homens vestindo hábitos de monge corriam atrás de Amy e Dan pelo terreno da abadia.

Ela deu partida no carro e rapidamente abriu a porta do passageiro.

— Entrem! — gritou.

Os ladrões de pergaminho não hesitaram nem um instante. Cruzaram os portões a toda velocidade e se enfiaram no carro, num emaranhado de braços e pernas.

— Tire a gente daqui! — exclamou Dan.

Nellie afundou o pé no acelerador. O carro já estava avançando quando Amy fechou a porta. Dan olhou para o espelho lateral e viu os monges enfurecidos ficarem cada vez menores à medida que o carro acelerava.

A *au pair* estava com os olhos esbugalhados.

— O que aconteceu lá dentro?

— Não é culpa nossa! — Dan balbuciou. — Esses caras são malucos! São tipo Darth Vaders em miniatura, mas sem a máscara!

— Eles são monges beneditinos! — exclamou Nellie. — São homens de paz! A maioria até prestou voto de silêncio!

— É, bem mais, não mais — Dan disse a ela. — Eles até que nos xingaram bastante. Eu não entendo a língua deles, mas algumas palavras não precisam nem de tradução.

— Encontramos uma pista — Amy explicou, resfolegante — e eles não queriam que nós a levássemos. Tenho certeza absoluta de que é alguma coisa importante! — Ela jogou o pergaminho nos braços de Nellie. — Você pode nos dizer o que está escrito?

— Melhor nós nos afastarmos um pouco da abadia primeiro — sugeriu a

au pair, percorrendo as ruas estreitas de Salzburgo. — Como você explicaria para a locadora que o carro deles foi destruído por um exército de monges furiosos?

Dan estava impaciente.

— Vamos comprar a locadora e a abadia também! Desta vez ganhamos na loteria!

Contornando o centro da cidade, Nellie conseguiu fugir do trânsito mais pesado e cruzar a ponte depressa. Eles ainda rodaram por um tempo e depois pararam numa rua tranquila.

— Certo, vamos dar uma olhada nesta pista. — Ela pegou o pergaminho.

— Nós achamos que talvez seja uma espécie de fórmula — disse Amy, empolgada.

Nellie examinou a caligrafia e arregalou os olhos de espanto.

— Oh, meu Deus! Não acredito!

— É tão bom assim, é? — Dan sorriu.

— Mas é uma fórmula de quê? — insistiu Amy.

A *au pair* releu a página várias vezes, como se estivesse tentando se convencer de que era mesmo o que ela sabia que era.

— Seus burros! Isso não é uma pista... é a receita de *Bénédictine!*

— *Bénédictine?* — repetiu Amy. — Tipo aquele licor?

Nellie fez que sim com a cabeça, aflita.

— É uma receita antiquíssima, conhecida só pelos irmãos beneditinos há séculos. É por isso que eles estavam correndo atrás de vocês!

Os irmãos Cahill ficaram desconsolados.

— Nós quase morremos ali — gemeu Dan. — E foi tudo a troco de nada.

— Não é à toa que os monges ficaram revoltados — lamentou Amy. — Devem ter achado que nós roubamos a coisa mais importante que eles possuem.

— Bem, talvez não seja uma pista... — Dan tentou se consolar — Mas esse pergaminho vai ficar muito legal na minha coleção!

— Dan! — Amy explodiu. — Não podemos ficar com isso! Precisamos devolver.

— Boa sorte. — Dan estava amargurado. — Se nós pisarmos de novo naquela abadia, aqueles homens de paz vão arrancar nossa cabeça.

Amy estava irredutível.

— Talvez possamos enviar pelo correio.

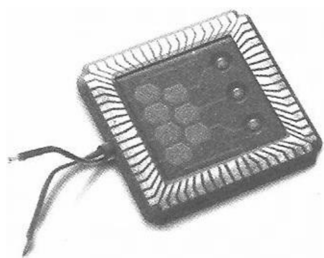
— Mal posso esperar para escrever o endereço: terceira caverna à direita, passe cinquenta túneis, vire à esquerda na estalagmite. Em alemão. — Ele escalou o encosto do assento e foi para junto do gato no banco de trás. — Vou sentar com alguém que não seja maluco... E aí, Saladin, como vai? Ei, ele parou de se coçar.

— Eu ia contar pra vocês, antes de ter que brincar de pega-pega com os monges. Enquanto vocês estavam na abadia, eu levei Saladin numa clínica veterinária.

— Eram pulgas? — perguntou Amy.

Nellie fez que não com a cabeça.

— O veterinário tirou a coleira dele, e vejam só o que saiu. — Ela pôs a mão no bolso e tirou um aparelho eletrônico em miniatura, mais ou menos do tamanho da unha do polegar.



— O médico acha que os cantos estavam cutucando a pele dele. Por isso que o gato não parava de se coçar.

Amy franziu a testa.

— Mas o que é isso?

Dan ficou decepcionado.

— Você nunca assiste tevê? Isso é um microtransmissor. Você planta ele em alguém quando quer rastrear aonde a pessoa vai.

Nellie ficou confusa.

— Mas quem ia querer rastrear um gato?

De repente tudo ficou claro para Amy.

— Não é o gato, somos nós! Nossos adversários fizeram isso! É por isso que não conseguimos avançar na busca. Alguém sempre fica sabendo para onde vamos!

— Isso é bem a cara dos Cobra! — rugiu Dan. — Só duas crianças ricas comprariam um equipamento de alta tecnologia para trapacear, só porque são burras demais para conseguir as pistas sozinhas.

— Ou Irina — disse Amy. — Isso seria moleza para alguém da KGB. Pode ser qualquer um deles... até o senhor Mclntyre. Lembre-se de que ele ficou com Saladin enquanto estávamos em Paris.

— Então o que vamos fazer com o transmissor agora? — perguntou Nellie. — Esmagar?

— Vamos jogar no esgoto — sugeriu Dan. — Deixar os trapaceiros mergulharem para buscar.

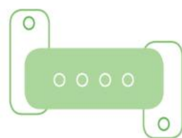
Amy ficou séria.

— Sabem de uma coisa? Talvez esta seja a oportunidade perfeita para despistar nossos concorrentes. Não devemos desperdiçar a chance com uma brincadeira.

Dan fez uma careta.

— Você nunca deixa eu me divertir.

— Ah, vai ser bem divertido — a irmã dele garantiu. — Ouçam...



Alistair Oh caminhava a passos pesados pelos salões da casa onde Mozart nascera, apoiando mais peso do que o normal sobre sua bengala com ponta de diamante. Ele já sabia a localização da próxima dica para a pista principal. Mesmo assim, enquanto estava ali em Salzburgo, fazia sentido visitar o lugar onde a família de Mozart tinha vivido, só para garantir que não tinha deixado passar nada. Todo cuidado era pouco.

Porém, enquanto ele andava por entre instrumentos musicais e móveis do

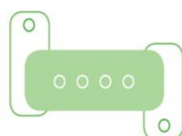
século XVIII, começou a sentir os efeitos do cansaço. Já não era tão jovem como antes, quando fizera fortuna como inventor do burrito para micro-ondas. Bons tempos aqueles... Mas tudo aquilo fazia parte do passado.

Ele se sentou para descansar num banco para visitantes. Tinha gastado quase todo seu dinheiro e juventude. A última coisa de que precisava era uma maratona ao redor do mundo inteiro em busca do pote de ouro de Grace Cahill. Mas que pote de ouro! Riqueza inimaginável, poder sem limites. Reconquistar a glória da época do burrito e muito mais.

Na noite passada mal conseguira dormir. Na verdade, estava com dor na consciência por causa do incidente no túnel no dia anterior. Ninguém o avisara de que o pequeno explosivo causaria um desabamento. O plano era apenas afugentar Amy e Dan. Sim, eles eram adversários, e adversários precisavam ser derrotados. Mas ele nunca se perdoaria se algo terrível acontecesse com os netos de Grace.

Ele tinha ficado acordado até depois das duas da manhã, assistindo ao noticiário. Se tivesse acontecido algum acidente envolvendo duas crianças americanas, com certeza ele ficaria sabendo. A culpa era de Grace e de sua maldita busca ao tesouro, que tinha jogado uns contra os outros...

Ele não chegou a concluir o pensamento. Lutando contra a fadiga e o sono atrasado, permitiu que seus olhos se fechassem só por um instante, e então desabou no banco, dormindo profundamente.



— Outra casa de Mozart. Que alegria.

— Não fui eu que escolhi. Foi o tio Alistair — Amy respondeu ríspida. Nellie tinha telefonado para todos os hotéis e pensões em Salzburgo para descobrir onde Alistair estava hospedado. Após passar duas horas desconfortáveis escondidos atrás de uma lixeira no beco ao lado do Hotel Amadeus, Amy e Dan seguiram seu idoso rival até a casa onde Mozart tinha crescido.

Agora eles estavam escondidos à sombra de um magnífico piano, espiando pelas antigas portas envidraçadas o homem alto sentado no banco.

— Bem, aí está ele — disse Dan amargamente. — Um cara de 1 milhão de anos, que provavelmente não era muito animado nem quando era jovem. Ei, por que é que ele não está se mexendo?

Amy olhou o tio Alistair com a cabeça solta nos ombros, o queixo caído, a boca aberta.

— Acho que ele morreu.

Dan arregalou os olhos.

— *Sério?*

— É claro que não, seu tonto! Ele pegou no sono. Será que conseguimos enfiar o transmissor no bolso dele sem que ele acorde?

— Mas e se ele acordar? — perguntou Dan.

Amy tirou da calça jeans o minúsculo aparelho.

— Temos que arriscar. Espere aqui.

Com cuidado, ela se esgueirou pela porta. Era cedo, e o museu ainda não estava lotado. Os únicos outros visitantes na sala eram um jovem casal com bandeiras da Noruega nas mochilas.

Amy esperou que eles fossem embora. Andando na ponta dos pés, ela se aproximou de tio Alistair, que dormia. Lentamente, estendeu a mão com o transmissor. O braço dele estava atravessado sobre o peito, segurando o paletó abotoado. Não havia margem de erro...

Um som que era uma mistura de ronco e soluço saiu de sua garganta. Amy gelou quando ele se mexeu, se endireitou e voltou a dormir.

Isto não vai dar certo. Se eu encostar nele, ele vai acordar...

Os olhos da menina pousaram na bengala apoiada no banco, junto aos joelhos do coreano. Ela examinou o objeto com os olhos, à procura de um buraco ou reentrância onde pudesse plantar o chip.

Dan estava na porta, gesticulando com as mãos. Ela olhou para ele, impaciente. O que você quer agora, idiota?

Por fim, ela reconheceu o movimento de torção que ele fazia com as mãos. Ela segurou a ponta da bengala e girou. Para sua alegria, a ponta começou a desparafusar.

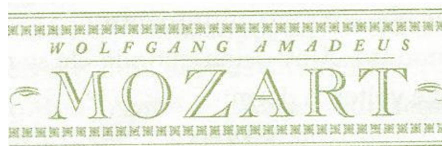
Era perfeito. O topo continha uma abertura onde o diamante tinha sido incrustado. Tinha o tamanho exato do transmissor.

Ela estava prestes a recolocar a ponta quando percebeu que a bengala era oca. Por que não era de madeira maciça? A não ser que...

Amy segurou a parte de baixo da bengala e espiou lá dentro. Tinha alguma coisa ali! Um papel, bem enrolado para caber no tubo estreito.

Aquele era o esconderijo secreto de Alistair!

Ela pinçou um canto da página e puxou o papel para fora. O documento era quebradiço e amarronzado devido à idade, embora não fosse tão arcaico quanto a receita que eles roubaram dos monges beneditinos. Com as mãos trêmulas, ela desenrolou o documento. As palavras impressas não estavam em inglês. Porém, o nome lhe saltou aos olhos, inconfundível:



Aquilo foi tudo o que ela entendeu, mas soube imediatamente que era o que eles estavam procurando nos túneis da arquiabadia de São Pedro.

Então você chegou antes de nós, ela refletiu, observando o homem que cochilava no banco. *Acho que te subestimamos, tio Alistair*.

Um som gutural veio do coreano, e suas pálpebras tremeram.

Agindo depressa, Amy enroscou a ponta de volta na bengala e a devolveu ao mesmo lugar onde estava apoiada no banco.

Alistair continuou dormindo, sem suspeitar que sua vantagem na busca tinha sido roubada bem de dentro da sua bengala.

CAPÍTULO 11

OUTRO DOCUMENTO VITAL; OUTRA LÍNGUA ESTRANGEIRA.

— Não é alemão — anunciou Nellie.

— Não? — Amy ficou confusa. — Eu imaginei que fosse, afinal estamos na Áustria... Então que língua é?

O quarto de hotel em Salzburgo era pequeno, e não muito agradável. Dan estava convencido de que a administração usava lâmpadas fracas para que os hóspedes não percebessem a espelunca em que estavam.

A *au pair* espremeu os olhos para examinar melhor o documento.

— Italiano, eu acho. Essa língua eu não falo.

— Então como você sabe que é italiano? — perguntou Dan.

— Espanhol e italiano são meio parecidos. E esta palavra: Veneza. Tenho quase certeza que significa Veneza, que fica na Itália.

Amy indicou a data: 1770.

— Mozart devia ter 14 anos. Você não se lembra do que vimos no museu? Naquela época, ele se apresentou por toda a Itália. O pai dele o levou para uma turnê pelo país.

Dan franziu a testa.

— Então isto é um cartaz de um show do século XVIII, estrelando Mozart?

— Em Veneza — completou Amy. — É lá que a próxima pista deve

estar escondida.

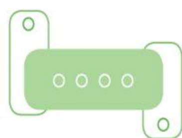
Nellie sorriu.

— Eu sempre quis ir a Veneza. Dizem que é a capital mundial do romance.

— Legal — disse Dan. — Pena que o único “gatinho” que vai aparecer no pedaço é um Mau Egípcio em greve de fome.

A *au pair* deu um suspiro.

— Melhor do que um menino bocudo de 11 anos.



A viagem de carro até Veneza levou mais de cinco horas. Dividindo o banco traseiro com Saladin, Dan quase foi à loucura. E a frustração de ficar implorando para o gato comer o deixava ao mesmo tempo preocupado e com raiva. Tão pouca coisa lhes restava da avó. Era uma dívida que eles tinham com Grace, cuidar direito do seu amado bicho de estimação.

Para atormentá-lo ainda mais, o menino teve que ouvir um longo e severo discurso da irmã, lembrando-o da grande importância da missão e de tudo o que estava em jogo.

— Suas piadinhas não estão ajudando, Dan! Você precisa crescer e levar isso mais a sério!

— Mais a sério? — ele repetiu. — Já estamos afundados em coisas sérias! O que precisamos é relaxar um pouco! A próxima pista pode estar bem debaixo do seu nariz, mas você não enxerga porque está ocupada demais sendo séria!

— Parem com isso! — berrou Nellie. — Vocês vão acabar fazendo eu bater o carro! Eles dirigem na velocidade da luz nessas rodovias!

— Mas você dirige na velocidade da luz até quando está dando ré pra manobrar — retrucou Dan.

— Não estou brincando! Enquanto eu for a babá... — ela olhou feio para Dan — a *au pair,* vocês dois vão ter que se entender. Eu aguento a loucura; eu

aguento seus parentes desmiolados; eu aguento até quando vocês somem durante horas. Mas sem brigas. Entenderam? Vocês estão na mesma equipe. Parem de agir como se fossem inimigos.

Fez-se silêncio, e a discussão terminou tão de repente quanto começara. Com a paz veio um alívio da tensão da aventura em Salzburgo. Nellie quase conseguiu sentir os irmãos despertando novamente, se preparando para os perigos que tinham pela frente. Sim, eles eram Cahill. Provavelmente as duas únicas pessoas decentes em toda aquela raça.

Finalmente, estavam perto de Veneza. Mas, antes que alcançassem a cidade, o trânsito na estrada ficou bem mais lento.

— Ah! — Dan olhou feio para a nuca da irmã no banco do passageiro. Amy nem tinha percebido a lentidão. Estava estudando o anúncio do concerto de Mozart desde que eles tinham partido da Áustria. — O que você está fazendo? Aprendendo italiano por osmose?

Ela ignorou a piada.

— Tem um nome aqui que eu não sei de quem é. Quem é Fidelio Racco?

— Outro músico? — sugeriu Nellie.

Amy fez que não com a cabeça.

— Mozart e a irmã não tocavam com mais ninguém. Nunca li nada que falasse de um terceiro músico nas turnês deles.

— Bem, se isso for mesmo um cartaz de concerto — especulou Dan —, esse tal de Fidelio Racco podia ser, tipo, um empresário.

Sua irmã refletiu a respeito.

— Faz sentido. Mas não um empresário como os que existem hoje. Naquela época, músicos vindos de fora davam concertos particulares em mansões de pessoas ricas. Pode ser que Fidelio Racco tenha hospedado Mozart e Nannerl. Seria bom dar um jeito de descobrir onde ele morou.

— É fácil — disse Dan, sarcástico. — É só procurar na lista telefônica do ano 1770. Moleza.

— Estamos na Itália Nellie lembrou. — Aqui é *mollezza!* Veja a nossa saída — ela acrescentou, deixando a rodovia, passando por uma placa onde se lia VENEZIA e que levava a uma avenida larga. Eles pararam atrás de uma van de um canal de tevê com um símbolo familiar.

Dan apontou.

— Vejam só, é a Eurotainment TV. São os caras que deram aquela festa para o Jonah Wizard lá em Viena.

De repente, a van embicou à esquerda, cortando duas pistas movimentadas, deu uma guinada repentina e começou a seguir uma limusine prateada.

Nellie esmurrou a buzina e latiu:

— Seu louco!

— Siga a van! — Amy mandou.

— Por quê?

— *Vai!* — ela insistiu.

Com o volante dançando nas mãos, a *au pair* conseguiu costurar o trânsito em movimento, ficando bem atrás da van.

— Uhu! Legal! — comemorou Dan. — Perseguição de paparazzi!

Ele tinha razão. A limusine estava tentando fugir da Eurotainment TV Mas não era tão fácil despistar o motorista da van. Nessa brincadeira de pega-pega em alta velocidade, o carro de Amy e Dan seguia sacolejando, passando por carros e faróis em movimento, desviando de pedestres azarados.

— Quando disse que queria ver Veneza, não era bem isso que eu tinha em mente! — reclamou Nellie, debruçada no painel. — Quem será que está dentro do carro? O Brad Pitt? O príncipe William?

— Continue atrás deles! — insistiu Amy. — Tenho uma leve suspeita de que sei muito bem quem é.

Tudo aconteceu num piscar de olhos. A limusine ia a toda velocidade em direção a uma ponte, com a van logo atrás. O carro deu uma guinada, cruzou a rampa e pegou uma rua lateral. O motorista da van tentou fazer o mesmo, mas ficou preso no trânsito. A van desapareceu do outro lado da ponte.

— Quem eu sigo? — perguntou Nellie, aflita.

— A limusine! — disseram Amy e Dan, em coro.

Nellie desviou da ponte e dobrou a esquina. A limusine agora estava avançando em velocidade normal. Os passageiros achavam que a perseguição tinha terminado. Nellie ficou a uma boa distância do veículo.

Eles continuaram atrás da limusine até ela pegar uma rampa, subindo

num longo elevado que passava por cima de uma lagoa ensolarada.

— E agora? — perguntou Nellie.

— Não a perca de vista! — mandou Amy.

— Espere — disse Dan. — Achei que estávamos indo para Veneza. A placa diz... — ele espremeu os olhos — TRONCHETTO. Mandou bem, Amy. Agora estamos indo para a cidade errada.

— Acho que não — disse Nellie. — Vejam!

Diante deles estendia-se uma fabulosa paisagem. Os contornos de uma cidade reluzente de cúpulas e torres erguiam-se da água trêmula.

— Veneza — disse Amy, estupefata. — É igualzinha nas fotos.

Até Dan estava impressionado.

— Bem legal este lugar — ele admitiu. — Pena que não é pra lá que estamos indo.

Nellie dirigia pela ponte comprida, tomando o cuidado de manter alguns carros de distância entre a limusine o tempo todo. Por fim, eles começaram a descer na direção de Tronchetto. Mas, em vez de uma cidade, eles estavam se aproximando de uma ilha baixa e plana, quase totalmente coberta por milhares de veículos.

Dan ficou desnorteado.

— Um estacionamento?

— É tipo o tataravô dos estacionamentos — emendou Nellie.

— Mas quem leva uma limusine para um estacionamento?

Uma placa gigante se erguia à direita. Amy procurou entre as muitas línguas e por fim encontrou o inglês.

— Entendi. Veículos não são permitidos em Veneza! Temos que deixar o carro estacionado aqui e tomar uma balsa para a cidade.

O irmão dela franziu a testa.

— Então como as pessoas vão de um lugar para o outro em Veneza?

— De barco — explicou Nellie. — A cidade é entrecortada por dezenas de canais.

Logo antes da entrada do estacionamento, a limusine parou. Um motorista de uniforme surgiu e abriu a porta de trás. Duas pessoas saíram, uma delas esbelta, a outra mais alta e mais robusta. Usavam bonés de beisebol

com as abas abaixadas e óculos escuros. Mas o jeito "hip-hop" de andar do adolescente era inconfundível.

Jonah Wizard. Com o pai, como sempre.

— É aquele pentelho arrogante? — exclamou Nellie, consternada.

Dan também estava confuso.

— Se nós estamos com o papel que fala de Veneza, como Jonah sabia que tinha que vir para cá?

Amy apenas balançou a cabeça.

Eles observaram os Wizard caminharem até um grupo de pessoas que aguardavam para embarcar numa balsa para a cidade. O motorista voltou para a limusine e partiu com o carro.

Nellie franziu as sobrancelhas.

— O grande magnata do hip-hop esperando na fila junto com simples mortais? Quem poderia imaginar?

Dan sorriu.

— Estou começando a gostar dessa história de proibir carros. Isso iguala as pessoas.

Amy não se convenceu.

— Jonah tem dinheiro para comprar essa balsa inteira e expulsar todo mundo, se ele quiser. Se está pegando um barco público, é porque quer entrar na cidade sem ser notado. Rápido, Nellie, estacione o carro. Vamos ver aonde ele está indo.

O complexo de Tronchetto era enorme, por isso eles tiveram que avançar mais meio quilômetro até conseguirem encontrar uma vaga livre. Nessa hora a balsa já tinha atracado no cais, e os passageiros começavam a embarcar.

— Vamos logo! Dan pegou Saladin nos braços e começou a correr na direção do terminal de embarque. — Se tivermos que esperar o próximo barco, vamos perder Jonah de vista para sempre!

— *Prrr!* — reclamou o Mau Egípcio, descontente com a viagem agitada.

O som profundo e grave de um apito estremeceu Tronchetto, fazendo vários alarmes de carro dispararem. A balsa estava pronta para partir.

Os três atravessaram o estacionamento correndo, com as mochilas balançando loucamente nas costas. Por sorte, a fila de passageiros era longa, o

que atrasou a partida. Dan jogou Saladin na prancha de embarque no instante em que um marinheiro de uniforme fechou a corrente atrás do último passageiro. O gato disparou para o convés, e o tripulante exasperado não teve escolha senão permitir que os irmãos Cahill e sua *au pair* embarcassem junto com o bicho.

A viagem até Veneza levou menos de dez minutos. Amy, Dan e Nellie mantiveram uma boa distância dos Wizard, escondendo-se atrás de uma antepara. Eles nem precisavam ter se dado o trabalho. Jonah e o pai também pareciam determinados a passar despercebidos. Passaram o curto trajeto na amurada, com as cabeças abaixadas, olhando para a água. E, quando a balsa aportou em Veneza, foram os primeiros passageiros a desembarcar, abrindo caminho com pressa pelas ruas de paralelepípedos apinhadas de gente.

Os irmãos Cahill e Nellie os seguiam mantendo uma certa distância.

— Ele pegou transporte público e andou a pé. As duas coisas no mesmo dia — Dan estava maravilhado.

— Se Jonah ficar mais humano que isso, vão ter que parar de vender o porta-balas dele.

Era fácil andar sem ser notado pelos Wizard nas movimentadas ruas principais. Mas, após dobrarem algumas esquinas, Jonah e o pai começaram a descer uma viela deserta, ladeada de lojinhas. Amy puxou Dan e Nellie para se esconderem numa porta recuada.

Na metade do quarteirão, os Wizard entraram numa loja.

Os irmãos Cahill e Nellie esperaram. Dez minutos. Depois vinte.

— O que será que eles estão fazendo ali dentro? — especulou Amy.

Dan deu de ombros.

— Talvez os ricos demorem mais para fazer compras, afinal eles podem comprar mais coisas.

— Vamos olhar mais de perto — Amy decidiu.

Dan entregou Saladin para Nellie, e os dois irmãos se aproximaram cautelosamente da loja.

DISCO VOLANTE, era o que alardeava um letreiro de neon com a imagem dançante de um CD se transformando num disco voador.

Dan fez uma cara estranha.

— Uma loja de música? Jonah é o queridão da indústria fonográfica. Quando quer ouvir alguma coisa, eles transmitem digitalmente para o home theater na mansão dele. Por que ele ia querer comprar seus próprios CDs?

Amy chegou na borda da vitrine e espiou dentro da Disco Volante. Era como qualquer loja de discos nos Estados Unidos: estantes de CDs e discos de vinil antiquados, pôsteres de artistas e capas de álbuns, um funcionário jovem, meio desgrenhado, atrás da caixa registradora. E...

Ela piscou. Era verdade. O funcionário estava sozinho. Amy conferiu outra vez, aventurando-se mais longe na frente da vitrine até ficar bem no meio. A menina procurou em todos os corredores e na cabine de escuta à prova de som nos fundos. Não havia ninguém.

Dan percebeu a expressão de perplexidade no rosto de Amy.

— Que foi? Você está vendo Jonah e o pai dele?

— Eles não estão aqui.

Ele foi para junto da irmã na vitrine.

— Nós acabamos de ver eles entrando!

Amy deu de ombros.

— Também não sei explicar.

Voltando para a porta recuada, eles puseram Nellie a par de suas descobertas.

A *au pair* foi prática.

— 0k, ele pode encantar as garotas, mas não é um mágico de verdade. Ele não pode se teletransportar para fora de urna loja de CD.

— Exatamente — concordou Amy. — Ou Jonah e o pai dele ainda estão ali dentro, ou eles saíram por uma porta secreta. Precisamos entrar e procurar dentro dessa loja.

— É lógico Dan disse. — Mas como vamos fazer isso com o funcionário olhando?

Amy virou-se para Nellie.

— Você pode distrair o funcionário e atraí-lo aqui para fora?

A *au pair* ficou ressabiada.

— Como assim?

— Você podia fingir que está perdida — propôs Dan. — O cara sai da

loja para ensinar o caminho e nós entramos escondidos.

— Essa é a ideia mais machista que eu já ouvi — disse Nellie, ríspida. ---- Eu sou mulher, por isso tenho que ser desorientada. Ele é homem, por isso tem um ótimo senso de direção.

— Finja que você é de outra cidade — Dan sugeriu. — Aliás, você é de outra cidade.

Nellie escondeu as mochilas embaixo de um banco e colocou Saladin sobre o assento, dizendo num tom muito sério:

— Você é o gato de guarda. Se alguém encostar nessas mochilas, libere o seu tigre interior.

O Mau Egípcio examinou a rua, titubeante.

— Prrr.

Nellie deu um suspiro.

— Sorte nossa que não tem ninguém por perto. Está bem, vou entrar lá. Estejam a postos.

O funcionário disse alguma coisa para ela, provavelmente *Posso ajudar?*. Ela deu um sorriso e pediu desculpas por não falar italiano.

— Ah, você é americana. — O sotaque dele era forte, mas ele parecia estar querendo agradar. — Eu te ajudo.

— Ele olhou para o esmalte preto nas unhas dela e o piercing no nariz. — Sua preferência é punk, talvez?

— Mais tipo um punk-reggae — Nellie respondeu, pensativa. — Com um leve toque country. E vocais de ópera.

O funcionário encarou Nellie confuso.

Nellie começou a passear pelos corredores, tirando CDs daqui e dali.

— Ah! Arctic Monkeys, é disso que eu estava falando. E um pouco de Bad Brains também, dos anos 1980. Foo Fighters... Vou levar uns dois desses caras. E não posso esquecer o Linkin Park...

Ele observou espantado enquanto ela fazia uma pilha enorme de CDs.

— Pronto — ela concluiu, pondo o *Frank Zappa's greatest hits* no topo da pilha. — Acho que já está bom para começar.

— Você é mesmo apaixonada por música — disse o funcionário de olhos arregalados.

— Não, eu sou cleptomaníaca. — E ela saiu correndo pela porta.

Ele ficou tão chocado que demorou um instante para começar a correr atrás dela.

Acenando com a cabeça para os estupefatos irmãos Cahill, ela saiu em disparada pela rua de paralelepípedos, carregando o produto do roubo.

— *Fermati!* — gritou o funcionário atrapalhado e sem fôlego, logo atrás.

Nellie deixou cair uns CDs e viu com satisfação, por cima do ombro, o funcionário parar para recolhê-los. A ideia era prolongar a perseguição apenas o suficiente para que Amy e Dan procurassem dentro da loja.

Cruzes, ela refletiu de repente, *estou começando a pensar como um Cahill!*

Se ela era louca o bastante para conviver com aquela família, as coisas só tendiam a piorar.

CAPÍTULO 12

AMY E DAN VASCULHARAM A LOJA INTEIRA, À PROCURA DE alçapões embaixo de mesas, atrás de estantes e no fundo dos armários.

Dan abriu uma cortina, revelando um pequeno escritório. Havia uma escrivaninha bagunçada, uma pia com uma chapa quente e uma cafeteira arcaica, além de um banheiro minúsculo. Não havia saída. Ele tentou abrir a janela. Estava lacrada por inúmeras camadas de tinta.

— Dan — chamou Amy. — Veja isto.

Ela estava na cabine de escuta, atrás de um vidro de isolamento sonoro. Havia um aparelho de som e dois pares de fones de ouvido jogados no banco.

Dan bateu nas paredes. Tudo era sólido.

— Não tem passagens secretas.

Amy franziu a testa ao ver a pilha de CDs no balcão.

— Você não acha que essa seleção de música é meio estranha?

Dan se agachou para ler as caixas dos CDs. Green Day, Rage Against the Machine, Eminem, Red Hot Chili Peppers e... Vejam só! *O crepúsculo de um gênio: as obras posteriores de Wolfgarig Amadeus Mozart.*

Ele tirou o CD da caixa e o entregou para Amy, que o colocou no aparelho de som. Os irmãos puseram os fones de ouvido. Dan estava esperando algum tipo de mensagem secreta, por isso ficou decepcionado quando um quarteto de cordas começou a tocar.

O menino fez uma careta azeda para Amy. Já tinha ouvido bastante Mozart para uma vida inteira. Ele examinou a caixa do CD. As mesmas palavras chatas de música clássica: *cantata, adagio, cadenza.* Amy devia saber o que elas significavam. Ou fingiria que sabia, só para deixá-lo irritado.

Os olhos dele seguiram até o fim da lista: Adágio KV 617 (1791). Lá estava outra vez. Ele apertou o botão de avançar, até chegar à última faixa.

O chão sumiu embaixo dos pés deles: Amy e Dan estavam caindo, escorregando por um túnel de metal. As laterais eram espelhadas e refletiam seus rostos cheios de pavor.

Amy apertou as duas mãos contra a rampa, numa tentativa desesperada de retardar a descida. Não havia atrito nenhum, mesmo quando ela tentou frear com as solas de borracha do tênis. A superfície era perfeitamente lisa e escorregadia.

O que...? Mesmo mentalmente, ela foi incapaz de formular uma frase completa. Ela espremeu os olhos, mas só conseguia enxergar a escuridão lá embaixo.

De repente, duas portas eletrônicas se abriram diante deles, e Amy viu o fundo se aproximando depressa. Era inevitável. Ela se preparou para o impacto...

Porém o impacto não veio. No último minuto, a superfície se nivelou e os depositou delicadamente numa almofada macia com enchimento de isopor. Eles pularam para o chão, estupefatos. Um corredor se estendia sua frente. As paredes branquíssimas estavam cobertas de quadros. Uma música clássica tocava baixinho ao fundo.

— Outra casa de Mozart? — sussurrou Dan.

— Não pode ser — Amy disse. — Algumas destas pinturas são modernas. Parece mais um museu de arte.

Dan estava desconcertado.

— Um museu subterrâneo onde se entra escorregando por uma loja de CD?

Amy observou com atenção um retrato numa velha moldura elaborada. Era um homem com parte do rosto encoberto em sombras, com uma gola bufante branca rodeando seu pescoço.

— Dan, tenho quase certeza de que isso é um quadro do Rembrandt.

O irmão fez uma careta.

— Você me obrigou a devolver pelo correio a receita daqueles monges. Até parece que vai me deixar ficar com um quadro que vale 1 milhão de dólares.

— Se for verdadeiro, uns 50 milhões.

— *Mamma mia!* — Dan olhou boquiaberto para as obras de arte que decoravam as duas paredes do corredor. — Isto tudo deve valer... — Ele engoliu em seco. — Não tem dinheiro bastante no mundo para comprar nem metade disso tudo!

Amy confirmou com a cabeça.

— Mas veja só uma coisa. Grace era fanática por Rembrandt. Tinha um montão de livros com as pinturas dele. Esta aqui eu nunca vi antes.

— Será que é falsa? — Dan sugeriu.

— Acho que não. O estilo é perfeito. E veja... — Ela conduziu o irmão mais adiante no corredor. — Isso com certeza é um Picasso. Mas o quadro também não é conhecido. Talvez esta seja uma galeria secreta de obras-primas desconhecidas.

— O que isso pode ter a ver com Jonah Wizard? — Dan se perguntou.

A música clássica terminou, e uma voz modulada anunciou: — Esse foi o último movimento da Sinfonia Inacabada de nosso caro Franz Schubert. Você está ouvindo a Rádio Janus. Só Janus, o tempo todo. A seguir, uma gravação exclusiva de Scott Joplin tocando na festa de aniversário de Harry Houdini.

Quando o piano começou a tocar um *ragtime* animado, Amy entendeu o que estava se passando.

— Janus! É um dos quatro clãs da família Cahill! Janus, Tomas, Ekaterina e Lucian!

— Eu odeio os Lucian — declarou Dan. — É o clã dos Cobra. E também o da Irina. Lembra quando ela nos atraiu até aquele centro de comando bizarro em Paris?

— Eu acho — sussurrou Amy — que este lugar é do mesmo tipo daquele. Só que pertence aos Janus.

Dan ficou confuso.

— Quem colocaria um centro de comando dentro de uma galeria de arte?

De repente Amy entendeu tudo. Era como se um quebra-cabeça de mil peças tivesse milagrosamente se montado sozinho numa fração de segundo. Onde antes havia apenas confusão, uma imagem completa se descortinava diante dela.

— E se cada clã da família tiver uma habilidade especial? — ela exclamou em voz baixa. — Lembra, os famosos Lucian eram principalmente líderes mundiais, grandes generais, agentes secretos e espiões. O que essas carreiras têm em comum? Estratégia, intriga... Talvez esse seja o talento dos Lucian!

— Certo, mas isso não ajuda nada neste caso. — Dan teve um estalo: — Então você está dizendo que os Janus são artistas?

Ela confirmou enfaticamente com a cabeça.

— Pessoas como Mozart, que foi um grande músico. E Rembrandt e Picasso...

— E Jonah Wizard! — acrescentou Dan, empolgado. — Quer dizer, eu acho a música dele uma droga, mas ele é um grande astro.

— Isso é incrível! Jonah veio aqui por algum motivo. Precisamos descobrir o que ele está procurando e encontrar antes que ele.

— Você não está se esquecendo de nada? Jonah é um Janus. Ele tem permissão para estar aqui. Nós não.

— Grace nunca nos contou a que clã nós pertencemos. Talvez sejamos do Janus. Eu toco piano.

— Sinceramente, Amy. Você é péssima no piano. E eu não consigo desenhar uma linha reta nem com uma régua. Nós somos tão artísticos quanto dois discos de hóquei.

Ela deu um suspiro.

— Vamos tomar cuidado. Eles não precisam saber que estamos aqui.

Os dois avançaram pelo corredor, passando por quadros de vários mestres, de Van Gogh a Andy Warhol. O corredor era curvo, e o chão tinha um declive.

— Que estranho — disse Dan. — É como se estivéssemos descendo em espiral, indo cada vez mais fundo.

— Talvez esse seja o formato da base secreta. Eles no dispunham de

muito espaço, por isso projetaram o lugar como um saca-rolhas. Se eles têm os melhores artistas, devem ter os melhores arquitetos também.

Ele balançou a cabeça concordando.

— É só vender uns quadros de 50 milhões de dólares e você tem dinheiro bastante para construir o que quiser. Dá até para contratar um exército particular. — Ele parecia nervoso. — Você não acha que eles têm um exército particular, né?

Amy não sabia, e apenas balançou a cabeça fracamente. Naquela caça ao tesouro, a única coisa previsível era que a família Cahill continuaria a se mostrar imprevisível.

E nunca subestime o poder das forças que se unem contra você.

O corredor se alargou, e ali estava um caça da Primeira Guerra Mundial em tamanho natural, com hélice, metralhadoras fixas e dois níveis de asas. Havia uma cabeça de índio pintada de cada lado.

Amy olhou perplexa para o avião.

— Será que é algum tipo de arte moderna?

Os olhos de Dan se arregalaram.

— Isto não é uma obra de arte. É a coisa mais legal que eu já vi ao vivo!

— Um avião de verdade?

— Não é um avião qualquer. Este é o caça Nieuport que foi pilotado por Raoul Lufbery! Um dos maiores ases da aviação da Primeira Guerra Mundial! — Ele franziu a testa. — Mas achei que os Janus fossem artistas, e não pilotos de caça.

— Acho que isso depende do que você chama de artista — especulou Amy. Ela apontou para um mostrador na parede, onde estava disposta uma coleção de balestras e rifles. — Arco e flecha, tiro ao alvo, combate aéreo. No alto-falante mencionaram o nome de Houdini, que era um artista da fuga.

— Legal! Estou começando a curtir um pouquinho esses Janus.

— Dan, vem cá — Amy estava segurando as portas abertas de um elevador cromado, atrás de um modelo de cockpit de um caça F-15.

Ele correu para junto dela, entrou no elevador e examinou a lista de andares do centro de comando.

— Agora para onde vamos? Escultura... Filmes... Planejamento

estratégico? Por que alguém ia precisar de planejamento estratégico para um museu de arte?

— Não é só um museu, lembra? — disse Amy. — É uma base de operação para o clã Janus inteiro planejar estratégia.

— Sim, mas estratégia pra quê?

— Bem, por exemplo, para encontrar pistas.

— Ah, até parece! — protestou Dan. — A busca foi anunciada no funeral de Grace. Não é possível que os Janus tenham construído uma base como essa em apenas duas semanas, por mais quadros que tenham vendido.

— A busca *oficialmente* começou no funeral — emendou Amy. — As pistas já existem desde a época de Mozart, talvez até antes. Aposto que os clãs sempre souberam das 39 pistas. E qualquer que seja o prêmio, esse grande segredo, é por isso que eles têm brigado todos esses séculos.

As portas de aço se fecharam com um ruído, e o elevador começou a descida para o ventre da base secreta.

Dan olhou assustado para a irmã.

— Você apertou alguma coisa?

Ela fez que não com a cabeça, aflita.

— Alguém deve ter chamado o elevador!

Amy foi tomada pelo medo. Em poucos segundos, as portas se abririam outra vez, revelando os irmãos a um membro Janus que talvez soubesse que eles não pertenciam ao clã.

Amy começou a apertar os botões do painel do elevador ao acaso, na esperança de interromper sua trajetória antes que ele chegasse ao destino, O elevador parou bruscamente. Será que era um andar seguro?

Quando tivermos certeza, vai ser tarde demais...

Eles ouviram as vozes primeiro, não apenas uma ou duas, mas o burburinho geral de uma multidão.

— Pessoas! — chiou Dan. — Temos que sair daqui!

Mas, nesse momento, os painéis cromados já estavam se abrindo.

CAPÍTULO 13

AMY E DAN PULARAM PARA FORA DO ELEVADOR E SE AGACHARAM atrás do único esconderijo disponível: uma estátua de bronze de Rodin. Eles espiaram pela dobra do braço da figura. Aquele cômodo era maior que os corredores que os irmãos tinham visto até então. Faixas penduradas mostravam os Janus mais proeminentes de toda a História. Ela ficou boquiaberta ao ver os rostos célebres: Walt Disney, Beethoven, Mark Twain, Elvis Presley, Dr. Seuss, Charlie Chaplin, Snoop Dogg... a lista era interminável.

Um aglomerado de umas trinta pessoas passeava pelo cômodo, focando o olhar não nas faixas, mas em três palcos que rodeavam o espaço. Num deles havia uma apresentação de teatro kabuki japonês. Em outro, um grupo de artistas de avental manchado espirrava tinta spray numa tela montada sobre uma roda giratória. No terceiro, espadachins vestindo macacões corta-fogo duelavam com floretes em chamas.

Dan surgiu ao lado da irmã.

— Que planeta é este?

— É incrível — ela respondeu num sussurro rouco.

— Uma sociedade inteira celebrando a arte e a criatividade. Tomara que a gente também seja Janus. O problema é: como vamos passar por toda essa

gente?

Dan refletiu.

— Quando você vai ao cinema, em que você presta atenção, na plateia ou na tela?

— Do que você está falando? — ela franziu a testa.

— Talvez nós possamos nos misturar na multidão e sair escondidos pelo outro lado.

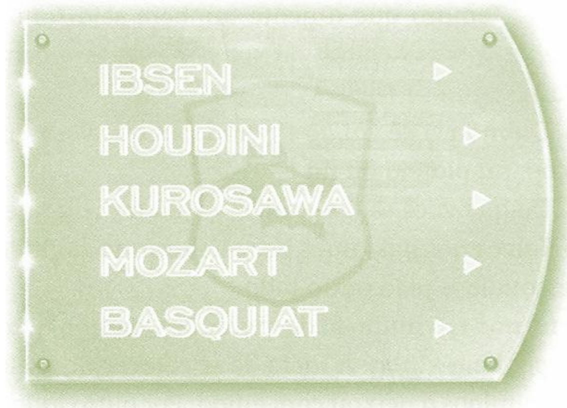
Amy não era muito fã de multidões, mesmo quando era super bem-vinda. A ideia de se colocar no meio de trinta inimigos a deixou com enjoo. Por outro lado, era um plano, o único que eles tinham. Ficar dando sopa ali também seria arriscado. Era apenas uma questão de tempo até que alguém percebesse a presença dos dois intrusos.

— Vamos tentar — ela decidiu.

Eles saíram depressa de trás da estátua, quase correndo, tentando transmitir um ar de quem estava à vontade. Dan avançou até a plateia das espadas de fogo. Amy se juntou ao grupo espalhado em volta dos espirradores de tinta, que estavam retirando da roda sua mais recente criação: uma explosão solar de vermelhos e amarelos.

O *timing* dela foi perfeito. Os espectadores irromperam num aplauso entusiasmado, e Amy bateu palmas junto com eles. O nervosismo virou um profundo bem-estar. Ela tinha conseguido! Tinha se misturado à multidão! Um homem que aplaudia bateu em seu ombro e quase a derrubou.

Ela estava se afastando aos poucos do fã empolgado, quando viu a placa:



Mozart! É claro que o clã dos Janus teria uma seção dedicada a seu músico mais famoso.

Amy atraiu a atenção de Dan, inclinando a cabeça muito de leve para indicar a placa. Ele confirmou com a cabeça. Como de costume, Mozart devia ser a chave.

Com todos prestando atenção nas apresentações, foi fácil os dois saírem escondidos do átrio e seguirem por outro corredor repleto de obras de arte.

Os irmãos passaram por duas galerias laterais dedicadas a Janus de renome antes de chegar a uma porta onde se lia MOZART: WOLFGANG, MARIA ANNA, LEOPOLD.

— Quem é Leopold? — Dan quis saber.

— O pai deles — disse Amy. — Ele também foi um músico famoso. Dedicou a vida a cultivar o talento dos filhos, principalmente o de Wolfgang.

A sala era menor, mas poderia muito bem estar num dos museus que eles tinham visitado, com instrumentos musicais e móveis elegantes do século XVIII.

— Aqui tem mais Mozart do que nas casas de Mozart — Dan observou, examinando uma parede coberta do chão ao teto com mostradores de vidro contendo partituras manuscritas. Ele franziu a testa assim que pousou os olhos em um volume grosso da prateleira de baixo. — O que é isso? Parece que este livro foi escrito pelo pai de Mozart.

— *Método para violino.* No século XVIII, era o manual de violino número 1 no mundo inteiro. — Ela tomou fôlego de repente. — Dan, olhe. É o cravo que Mozart tocava quando tinha 3 anos! Imagine só: você ainda usava fraldas nessa idade, e aquele garotinho estava apertando teclas, procurando "notas que gostam uma das outras".

— Talvez Mozart usasse fraldas também — disse o irmão, na defensiva. — Só porque você é um gênio não quer dizer que sabe usar o penico.

Os olhos de Amy passearam pelos muitos objetos em exposição e pousaram num mostrador de vidro no centro da sala. Montados de pé dentro da vitrine, havia três papéis amarelados, cobertos de uma caligrafia elaborada. A letra era muito familiar...

— São as páginas que faltam! As que foram arrancadas do diário de Nannerl!

Dan surgiu junto ao seu ombro.

— O que está escrito?

Ela olhou exasperada para o irmão.

— Está em alemão, idiota. Precisamos tirá-las daqui e mostrá-las para Nellie.

— Isso vai ser meio complicado — o irmão comentou com desânimo. Ele apontou para um estranho

aparelho conectado ao mostrador de vidro. Havia uma pequena bandeja de porcelana montada sob uma fonte de luz forte. — Já vi isso aqui em fotos. É um leitor de retina. Você coloca o queixo nesse suporte aqui embaixo e a luz lê o seu globo ocular.

Amy digeriu aquilo.

— Talvez nossas retinas passem no teste. São quatro clãs na família. Tem uma chance em quatro de nossas retinas serem Janus.

— E três em quatro de virarmos churrasquinho. Amy, esses caras têm quadros de zilhões de dólares dando sopa na parede, e nós vamos tentar pegar a única coisa que eles protegem com segurança pesada. Eu não entendo direito, mas é óbvio que, se tentarmos roubar essas páginas e formos pegos, a reação deles vai ser terrível.

Amy se afastou do leitor de retina. Não havia dúvida de que os Cahill jogavam para valer. Com o poder supremo como prêmio, será que correr um risco significava pôr a vida deles em jogo?

Seus pensamentos aflitos foram interrompidos por uma voz famosa vindo do corredor, quase em frente à sala de Mozart:

— Yo! Este pico é o que há, mano! Minha mãe nunca me contou que todos esses figuras eram Cahill...

CAPÍTULO 14

DAN FICOU PÁLIDO. ELE SE VIROU PARA A IRMÃ E GESTICULOU COM A boca:

— Jonah!

Amy arrastou o irmão para trás do cravo da família Mozart. Ali eles se agacharam, mal ousando respirar.

— É mesmo impressionante — concordou outra voz, esta com esta com destaque italiano. — É evidente que o nome Janus contribuiu mais para o desenvolvimento das artes do que qualquer outra família na História.

— A gente tem o dom — Jonah se vangloriou.

— Eis aqui uma peça que será de especial interesse para um americano — o homem disse a Jonah. — Talvez a imagem mais copiada de todos os tempos: o retrato do seu primeiro presidente, George Washington, impresso nas notas de dólar há mais de um século. Pintada por Gilbert Stuart, em 1796. A bisavó dele nasceu com o nome Gertrude Cahill.

— Massa — disse Jonah. — Mas achei que essa imagem estivesse no Museu de Belas Artes, em Boston.

A voz do anfitrião irradiou um profundo desgosto.

— Aquela é só o rascunho. A maior parte da tela foi deixada em branco. Esta peça é... como se diz, mesmo?

— O lance verdadeiro? — sugeriu Jonah.

— *Esattamente*. A maioria dos artistas Janus reserva suas melhores obras para nós. Lembrem-me de lhes mostrar a versão *acabada da Noite estrelada* de Van Gogh. O eclipse da lua é particularmente espetacular. Agora, por favor, me sigam...

Amy espiou pela lateral do cravo. Ela viu Jonah e o pai escoltados por um homem alto e magro, com cabelo preto como azeviche, amarrado em um rabo de cavalo.

Eles pararam em frente ao mostrador de vidro com as páginas faltantes do diário.

— Acredito que seja isto o que você procura — anunciou o homem de rabo de cavalo. — Faz parte do diário de Maria Anna Mozart.

Amy e Dan trocaram um olhar estarrecido. Será que tinham chegado até ali apenas para ver Jonah Wizard roubar o prêmio bem debaixo do nariz deles?

Jonah olhou o leitor de retina.

— Segurança da pesada. Esses papéis devem ser o que pegam.

O anfitrião parecia embaraçado.

— Na verdade, não sabemos ao certo por que especificamente estas páginas são tão valiosas. Mas, ao longo dos séculos, elas foram objeto de muita disputa entre os clãs. Era prudente tomar precauções.

O pai de Jonah se pronunciou.

— Jonah não faz leitura de retina. Os olhos dele estão segurados por 11 milhões de dólares. — Ele bateu no BlackBerry, incomodado. — Não tem sinal aqui embaixo.

— Sossega, pai. Uma vez só não vai fazer mal. — Jonah encaixou o queixo no suporte e olhou direto para a luz. Ouviu-se um bipe quando a máquina leu sua retina, e uma voz computadorizada anunciou:

— *Confirmação concluída. Wizard, Jonah; mãe: Cora Wizard, membro, conselho superior Janus; pai: Broderick T. Wizard, não Cahill, autorização Janus parcial.*

O senhor Wizard fez uma careta. Obviamente não gostou de ter sido considerado um cidadão de segunda classe na Januslândia.

O homem de rabo de cavalo vestiu luvas de látex e entregou um par para Jonah. Então abriu uma porta no vidro à prova de balas, retirou as páginas de

Nannerl e as entregou ao jovem astro.

— Você poderá examiná-las no nosso escritório, é claro. Naturalmente, não podemos permitir que elas saiam da base.

— Minha esposa com certeza vai achar interessante saber que vocês administram esta base como se fosse um acampamento militar o senhor Wizard resmungou —, até para o filho dela.

—Sua esposa — disse o guia num tom arrogante — projetou pessoalmente todos os nossos protocolos de segurança.

— Tá tudo bem, pai — Jonah tentou acalmá-lo. — A mãe acha isso tranquilo, e eu também.

Os três saíram da sala de Mozart.

Amy pulou imediatamente com a intenção de segui-los, mas Dan segurou seu braço com força:

— O que você vai fazer? — ele chiou. — Assaltar Jonah Wizard no meio do quartel-general dos Janus?

— Não podemos deixar ele ir embora! — ela retrucou. — Isso seria o mesmo que entregar a busca de bandeja para Jonah Wizard!

— Deixar eles pegarem você não vai adiantar nada! — insistiu o irmão. — Este é o território dele! A gente ia ter que enfrentar uma gangue de artistas malucos, que arrancariam nossa cabeça por causa dessas três páginas. Eles amam essas antiguidades imbecis mais do que a própria vida!

Ela pareceu assustada, e depois decidida.

— Você tem razão! Eles fariam qualquer coisa para proteger as obras de arte! Vamos!

Ela saiu em disparada para o corredor. Dan foi atrás, confuso, mas pronto para agir.

À frente deles, os Wizard e seu anfitrião entraram no átrio, não sem antes fazer uma pausa para observar os pintores e sua roda 9iratória. Em breve eles se perderiam na multidão. Era agora ou nunca.

Amy passou correndo por Jonah, pulou para cima do palco e arrancou um tubo de tinta vermelha de um artista assustado.

Jonah apontou para ela.

— Ei, essa aí não é a...?

Antes que ele pudesse concluir a pergunta, Amy desceu do palco. Em poucos segundos ela seria o centro das atenções, porém seu medo de multidões era a última coisa que lhe passava pela cabeça naquele momento. Cada fibra de seu corpo estava focada no que ela precisava fazer.

O homem de rabo de cavalo se virou para ela.

— Quem é você? Como entrou aqui?

Amy correu em direção ao lendário retrato de George Washington e gritou:

— Parem! — e apontou o pote de tinta para o quadro na parede. — Se vocês derem mais um passo, o George aqui vai ficar vermelhinho!

Os olhos do homem se arregalaram de horror.

— Você não teria coragem de fazer isso!

— Como não? — disse Dan. — Essa é minha irmã! Ela tá pirando!

Jonah rapidamente enfiou as páginas do diário dentro da jaqueta.

— O que vocês querem, manos Cahill?

— Esses papéis que você está tentando esconder dentro da jaqueta. Entregue para mim agora! — ordenou Amy.

— Eles não servem pra nada! — Jonah balbuciou, desacreditando que Amy e Dan tinham conseguido surpreendê-lo ali, na base secreta de seu próprio clã.

— É puro lixo, saca? Eu estava até procurando uma lixeira para jogar fora e...

— Passe os papéis pra cá, Wizard — rosnou Dan.

— Nem sonhando.

Amy brandiu o tubo de tinta a poucos centímetros do rosto do primeiro presidente dos Estados Unidos.

— Eu não tenho medo de usar isto!

— Você está blefando! — acusou Jonah. Porém, por trás de seu ar de bravura, sua confiança estava começando a enfraquecer. Surgiam rachaduras na lendária atitude Wizard.

— Pinta logo, mana — incitou Dan. — Transforma o George num tomate.

Amy hesitou, tomada pela culpa. Aquela era uma obra de arte com valor

inestimável para a humanidade, um tesouro americano, que ela teria de estragar. Se não fizesse isso, eles estavam perdidos. Como as coisas tinham chegado àquele ponto?

Ela respirou fundo e se preparou para o que tinha que ser feito naquele momento.

— Nããão! — O grito que veio do homem de rabo de cavalo soou como uma sirene antiaérea. — Pode ficar com as páginas! Mas não danifique esse quadro!

O pai de Jonah ficou indignado.

— Você não tem autoridade para isso! Este lugar pode parecer um museu, mas não é! Você está querendo entregar informações importantíssimas para o inimigo! Tem muito mais em jogo aqui do que uma simples pintura!

— O senhor não é um Janus! — esbravejou o homem. — Pessoas como o senhor nunca vão apreciar a incomparável e insubstituível força vital de qualquer obra de arte, muito menos uma obra-prima que não tem preço!

— Última chance! — exclamou Dan.

Jonah hesitou.

Ele entendia perfeitamente a angústia do homem.

O retrato de George Washington era parte da história dos Janus. Mas o pai dele sabia que as páginas do diário, assim como a busca pelas pistas, podiam ser o destino do clã. Qual era a escolha certa? O presidente ou Nannerl? O passado ou o futuro? Nervoso, ele se mexia de um lado para o outro, sem saber direito o que fazer, não acostumado à indecisão.

Os olhos de Amy encontraram os do irmão. Eles nunca teriam uma chance melhor. Ela virou o tubo de tinta e esvaziou tudo no rosto do homem de rabo de cavalo e dos dois Wizard.

Enquanto os três cambaleavam, esfregando os olhos que ardiam com a tinta vermelha, Dan deu um pulo.

Ele arrancou do indefeso Jonah as páginas do diário e os irmãos fugiram pelo corredor.

A última coisa que ouviram antes que um alarme ensurdecedor disparasse foi a voz do homem tranquilizando os Wizard:

— Não se preocupem. Eles não vão muito longe.

Amy e Dan avançavam a toda velocidade pelos corredores, seguindo a espiral que penetrava cada vez mais fundo no complexo subterrâneo.

— Não era melhor a gente subir em vez de descer? — disse Dan, enfiando as páginas debaixo do braço, como um jogador de futebol americano.

Amy concordou com a cabeça, sem fôlego, enquanto as sábias palavras do irmão provocaram um curto-circuito na urgência da fuga. Escapar significava achar um jeito de sair da base secreta. Eles estavam correndo na direção errada.

Foi então que ela viu.

Parcialmente escondida por uma instalação de arte moderna com uma pirâmide alta feita de latas de refrigerante, havia uma porta estreita. E depois da porta...

— Uma escada! — Amy agarrou o braço do irmão. — Vamos!

— Ei! — Jonah surgiu de repente na cena, com seu famoso rosto pintado de vermelho. — Vocês nunca vão conseguir sair daqui! Voltem e a gente pode negociar alguma coisa!

Mal se ouviam os gritos dele por cima do alarido da sirene.

O pai dele apareceu do lado, seguido do homem de rabo de cavalo e vários Janus, que não pareciam querer negociar coisa alguma. Raiva, pura e absoluta, era o que irradiava deles.

A mensagem foi transmitida entre os irmãos Cahill como por radar: *Agora!*

Eles se jogaram na pirâmide, desencadeando uma avalanche de latas de refrigerante atrás dos perseguidores. Houve gritos de susto e fúria enquanto Jonah e os Janus escorregavam e tropeçavam em milhares de latinhas vazias.

Com o alarme soando forte em seus ouvidos, Amy e Dan subiram em disparada os degraus de concreto.

— Onde estamos? — Dan resfolegava enquanto eles corriam. — Você faz alguma ideia de como voltar à loja de CD?

Amy fez que não com a cabeça, perdida.

— Deve ter alguma outra saída!

Mas o coração dela afundou no peito assim que eles contornaram o

patamar seguinte.

Cinco metros à frente, no topo do lance da escada, o caminho estava bloqueado por uma barreira de ferro.

Dan se jogou no portão.

— Ai! — Ele rebateu, esfregando o ombro.

Amy cutucou o cadeado.

— Não adianta! — ela disse, ofegante. — Vamos ter que achar outro caminho.

Eles passaram por uma cortina pesada, que dava no único corredor que tinham visto até agora que não estava apinhado de obras de arte.

Dan torceu o nariz.

— Que fedor é esse?

— É lixo. Até os grandes artistas colocam o lixo para fora. Precisam se livrar dele de algum jeito. Deve ter uma saída por perto.

Eles já tinham chegado à metade do corredor quando duas figuras vestindo macacões apareceram na outra ponta.

Amy e Dan espremeram os olhos na penumbra e viram as chamas dançando nas duas espadas de esgrima. Um dos pintores surgiu ao lado deles.

Oh, não!, pensou Amy, desesperada. *Agora a base inteira está atrás de nós!*

Amy e Dan tentaram voltar por onde vieram, entretanto o homem de rabo de cavalo e os Wizard bloqueavam a fuga.

Jonah fez *tsc, tsc* com a cabeça, fingindo compaixão pelos irmãos.

— Eu disse pra vocês, cara. Não tem saída.

Eles estavam prestes a virar sanduíche entre os vários Janus que avançavam em sua direção.

— Tem mais algum milagre na manga? — Dan perguntou por entre os dentes cerrados.

Amy não respondeu.

Ela estava olhando para uma alavanca bem no meio da parede. Não parecia estar ligada a nada. No controle lia-se CÂMARA DE AR, com tradução em várias línguas.

Havia duas posições: LIGAR BOMBA e DESLIGAR BOMBA.

Ela continuou olhando fixamente.

Não fazia ideia do que era aquele aparelho, mas uma coisa estava clara: não havia como piorar ainda mais a situação deles. Amy puxou a alavanca para a posição LIGAR BOMBA.

E então se fez o milagre.

CAPÍTULO 15

UM PAINEL DA PAREDE RECUOU, REVELANDO UMA CÂMARA DE acrílico cheia de água. Com um ronco forte, a água foi sugada para fora da câmara. Uma escotilha com vedação de borracha se abriu com um chiado. Não havia tempo para hesitar. Aquilo podia ser uma armadilha, talvez uma armadilha mortal. Mas com inimigos brotando de todos os lados, parecia ser a única maneira de escapar.

Com Dan na liderança, eles foram subindo por uma escada de metal.

Ele estava confuso.

— De onde veio toda esta água?

— Estamos em Veneza, idiota! — Os braços e as pernas de Amy funcionavam como pistões. — Os canais, lembra? Continue subindo!

— Olhe! — ele exclamou. — A luz do dia!

O sol do fim de tarde brilhava através da grade de uma tampa de bueiro. Amy sentiu um breve instante de pânico. As tampas de bueiro eram de ferro e pesavam centenas de quilos. E se eles ficassem presos?

O medo dela sumiu quando Dan empurrou a grade para o lado com facilidade.

— É de plástico — ele riu, O menino se içou para fora do buraco e puxou a irmã para cima, do seu lado.

Eles viram o lugar onde tinham ido parar. Era um cais estreito de pedra,

num dos famosos canais de Veneza.

Dan olhou ao redor, abismado.

— Nossa! É como se a rua fosse de água! E todo mundo dirige barcos em vez de carros!

Amy confirmou com a cabeça.

— Alguns venezianos quase nunca põem o pé na rua. Pelos canais, eles conseguem chegar a qualquer lugar da cidade.

O momento turístico foi interrompido quando eles ouviram o eco de um sapato batendo na escada de metal e a voz de Jonah:

— Por aqui!

Eles fugiram por uma passarela estreita que unia o cais e que dava em outro cais.

— Opa! — Dan freou bem a tempo. O caminho terminava de repente. Ele, e junto com ele as páginas do diário de Nannerl Mozart, quase tomou um banho inesperado na água suja do canal.

— O que vamos fazer? — Amy gemeu.

Eles viram uma lancha a motor estacionar junto ao pequeno píer onde estavam e ser amarrada a uma estaca. Uma moça pulou para fora da embarcação e entrou correndo na casa que ficava na ponta do cais. Ela obviamente estava com pressa, pois deixou as chaves na ignição e o motor em ponto morto.

Amy percebeu o olhar inspirado que surgiu no rosto do irmão.

— Nós não vamos roubar!

Dan já estava entrando no barco.

— Vamos pegar emprestado. É uma emergência! — Ele puxou a irmã para dentro, tentando recuperar o equilíbrio enquanto a pequena lancha oscilava sob o peso deles. — Segure firme! — ele mandou, empurrando o manete.

Com um ronco ensurdecedor, a lancha se afastou uns cinquenta centímetros do píer e parou de repente, com um tranco e um ruidoso protesto do motor.

— Você esqueceu de desamarrar a corda! — Amy se agachou para soltar a corda amarrada à estaca, e eles foram seguindo o curso estreito da água.

Atrás deles, a falsa tampa de bueiro se abriu outra vez, e de lá saíram Jonah, seu pai e o homem de rabo de cavalo. Os três correram para outro píer e pularam dentro de um barco a motor. Vários Janus estavam na cola deles. Duas outras embarcações partiram na água turva em direção a Amy e Dan.

Dan acelerou, virando em direção à coisa mais parecida com uma pista de ultrapassagem que havia no canal. Gôndolas mais esbeltas oscilavam feito rolhas por onde os dois passavam. Os gondoleiros brandiam os punhos e xingavam.

— Dan, isso é loucura! — Amy disse com voz trêmula. — Você não sabe dirigir um barco!

— Quem disse? É igualzinho no videogame!

Bum! O para-choque na proa da lancha bateu na ponta de um antigo cais de pedrinhas. A pequena embarcação girou como um pião, jogando Amy no convés. Dan precisou se segurar com toda a força no volante do barco para não ser derrubado também.

— Certo, esqueça o videogame. Pense em carrinhos bate-bate! Eu sou ótimo neles! Lembra daquele parque de diversões?

Sua irmã estava no chão do barco, de quatro, agarrando-se na amurada.

— Esqueça o parque de diversões! Pense só em tirar a gente daqui!

Ele seguiu o olhar dela. Eram os Janus, cada vez mais perto. Os Wizard estavam na liderança, costurando entre gôndolas vagarosas.

Dan não conseguiu fazer uma curva fechada. Com um estrondo, a lancha rebateu num esquife e ricocheteou para o meio do canal.

Amy estava apavorada.

— Você vai afogar nós dois!

— Quer que eu pare e deixe os Wizard nos afogar? — ele retrucou.

Bem à frente, a passagem se bifurcava em três direções. O caminho da direita era muito estreito, irregular e inóspito. Talvez os Janus o evitassem.

Dan foi na direção dele.

— Ainda bem que os venezianos de antigamente construíram estes canais!

— Acho que ninguém construiu os canais — Amy disse, ofegante. — Veneza na verdade é um monte de ilhotas pequenas, tão juntas que o espaço

entre elas forma vias aquáticas.

— Bem, enfim, é superlegal. Só queria que esse barco imbecil andasse mais depressa.

Amy olhou para trás, nervosa.

— Acho que nós os despistamos.

O irmão dela não estava muito certo disso.

— Não por muito tempo. Ouça, se Jonah nos alcançar, é melhor que as páginas do diário não estejam com a gente. Precisamos deixá-las em algum lugar.

— Deixar as páginas? Nós quase morremos para tirá-las da base secreta!

— É por isso que temos que escondê-las em algum lugar muito seguro. Depois esperamos a poeira baixar e voltamos para buscá-las.

Amy estava nervosa.

— Nós não conhecemos Veneza! Se escondermos essas páginas, talvez não encontremos nunca mais!

— É mais um motivo para achar um lugar que seja impossível de esquecer.

— Tipo qual?

— Tipo este.

Eles passaram por sob uma ponte baixa, no nível da rua, junto a uma igreja modesta — Santa Lucia. Uma pequena embarcação de passeio estava atracada ali, parcialmente escondida embaixo da ponte. O nome estava pintado na popa: ROYAL SALADIN.

Ele desligou o motor, deixando a lancha deslizar em direção ao outro barco.

— Está muito rápido! — gritou Amy.

A colisão balançou os dois barcos, e Amy por muito pouco não foi jogada para fora. Ela lançou um olhar feio para o irmão.

— Você precisa mesmo dirigir que nem um maluco?

Ele parecia magoado.

— Achei que eu estava indo bem. Certo, segure a lancha no lugar, ok?

Amy agarrou a grade de segurança do Royal Saladin, surpresa ao notar como era preciso pouca força para impedir que a embarcação se afastasse.

Dan pulou para o outro barco e começou a procurar um esconderijo.

— Precisa ser um lugar seco — instruiu Amy. — Se os papéis molharem, vão estragar.

— Entendi. — Havia vários bancos embutidos em volta da proa. Dan abriu o zíper de uma almofada à prova de água do assento, tirou da jaqueta as páginas do diário e as enfiou dentro da capa de vinil.

Mal ele tinha voltado para a lancha, o alarido de motores externos alcançou seus ouvidos. Os três barcos dos Janus fizeram uma curva rápida no canal. Jonah Wizard estava postado na proa do barco da frente, como um enfeite em estilo hip-hop.

— Depressa! — recomendou Amy.

Dan acelerou, e a lancha disparou para a frente em meio a uma nuvem de óleo queimado.

Os irmãos Cahill estavam na vantagem, no entanto, de modo algum conseguiriam avançar mais depressa que seus velozes perseguidores. A única chance deles era despistá-los pelo labirinto de canais. Porém aquilo não chegaria a acontecer. Logo à frente, o canal estreito desembocava numa via aquática mais larga, apinhada de trânsito marítimo.

— O Grande Canal — Amy disse, embasbacada. — E lá está a ponte di Rialto, uma das pontes mais famosas do mundo.

— Não precisamos de um guia turístico! Precisamos de um lugar para sumir!

A lancha saiu no canal aberto. Dan olhou para a popa. Jonah e os Janus estavam uns 500 metros atrás, mas chegando cada vez mais perto.

Foi então que ele viu. Entre as dezenas de barcos que abarrotavam o canal, havia um reluzente iate high-tech parado bem em frente à ponte di Rialto. Primeiro Dan imaginou que o iate estivesse atracado ali, contudo, ao olhar mais de perto, viu que a embarcação estava a uns 5 metros da costa, em repouso na água, oscilando imperceptivelmente para cima e para baixo.

Se conseguirmos entrar atrás dessa coisa...

Ele apontou a proa para o espaço vazio entre o iate e a costa. Amy entendeu.

— Você acha que conseguimos nos esconder? Nunca vamos conseguir

chegar ali a tempo!

Dan acelerou sem dó.

— Vamos sim.

— Como você pode ter tanta certeza?

Dan não tinha certeza de nada a não ser de que aquele era o único plano deles. Só o que lhes restava fazer era tentar.

E rezar.

CAPÍTULO 16

OS OLHOS DE AMY SE CRAVARAM ATRÁS DA POPA, ONDE ELA SABIA que Jonah e os Janus despontariam a qualquer segundo.

No último instante, Dan soltou o acelerador. A lancha deslizou para dentro da sombra do iate bem quando a embarcação de Jonah surgiu no canal aberto.

Postado na proa, o jovem astro varreu com os olhos o Grande Canal, em ambas as direções. Os irmãos Cahill não estavam à vista.

O pai dele desligou o celular com um gesto contrariado de desgosto.

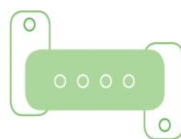
— Tentei todos os nossos contatos nas rádios de Veneza. Ninguém tem um helicóptero de trânsito voando agora.

— O barco deles é devagar — comentou o homem do rabo de cavalo. — Eles não podem estar longe.

Jonah concordou com a cabeça.

— Vamos nos dividir, galera. A gente vai passar por baixo da ponte e procurar naquela direção. Mande os outros irem pro outro lado.

O homem de rabo de cavalo repassou as instruções para seus colegas Janus e os dois barcos partiram em disparada rumo à curva no canal que dava na baía de São Marco. Então ele engatou o motor e passou por baixo dos arcos de pedra sob a ponte di Rialto.



Um olho espiou por cima da amurada da lancha e observou Jonah e companhia sumirem ao longe.

— Eles foram embora — sussurrou Amy. — E agora?

Dan apareceu ao lado dela.

— Não sei. Sinceramente, eu não estava esperando que esse plano fosse funcionar.

— Vamos pegar as páginas do diário e encontrar Nellie — disse Amy num tom de urgência. — Os Janus não vão ficar longe para sempre.

Dan ligou o motor e pilotou a lancha, saindo de trás do iate.

— Acho que estou ficando bom. Faz tipo uns dez minutos que eu não bato em nada.

— Esse é o verdadeiro milagre.

O estrondo de um poderoso motor alcançou seus ouvidos, e a água atrás da embarcação de luxo começou a se agitar.

— Eles estão dando partida — comentou Amy. — Sorte eles não terem se mexido enquanto os Janus estavam aqui.

Conforme a lancha se aventurava no centro do canal, o iate começou a se mexer também, embicando atrás deles. A sombra da proa pontuda assomou sobre a pequena embarcação.

Dan acelerou bastante.

— Melhor irmos mais depressa. Esses caras podem passar por cima da gente e achar que atropelaram um peixinho.

Os dois voltaram pela larga via aquática e pegaram o canal mais estreito, que levava ao Royal Saladin atracado, onde tinham escondido as páginas do diário de Nannerl.

— Dan, olhe!

Os irmãos Cahill ficaram estupefatos, observando o iate high-tech fazer uma exímia manobra e também entrar no canal menor.

— Por que alguém ia querer pilotar um barco enorme que nem esse num canalzinho tão estreito? — perguntou Amy, consternada. — Ele pode entalar.

— Só tem um motivo — concluiu Dan, preocupado. — Ele está seguindo a gente.

— Por quê? Ele não é um Janus.

— Talvez não, mas está bem na nossa cola. — Dan empurrou o manete quase até o fim, porém o iate acompanhou o ritmo sem dificuldade. Não havia dúvida de que a embarcação de luxo podia ultrapassá-los quando quisesse.

Os irmãos Cahill passaram pela velha igreja de Santa Lucia e por sob a pequena ponte onde o Royal Saladin estava atracado. Amy olhou para trás, trêmula, e ficou surpresa ao ver o iate bem atrás, quase parando no meio da água.

— O que eles estão fazendo? — Dan se perguntou. — Nós estávamos no papo!

Foi Amy quem entendeu primeiro.

— A embarcação é muito alta! O convés superior não consegue passar por baixo da ponte!

— É! — Dan fez um gesto deselegante para o iate, que estava voltando de ré pelo canal. — Toma essa, seu trambolhão!

— Não podemos pegar as páginas do diário agora — avisou Amy. — Jonah fluo está nos vendo, mas as pessoas do iate estão.

Dan não soltou o acelerador.

— Sem problema. Vamos só despistar esses caras e voltar para pegar. — Em velocidade máxima, ele pilotou a lancha por afluentes que eram estreitos demais para uma embarcação maior. — Saiam da frente, marinheiros de primeira viagem! O capitão Dan está na área! — A lancha deu um tranco quando eles bateram num píer de pedra. — Ops.

— Espero que você saiba onde estamos — disse Amy, aflita.

— Relaxa. — Dum conduziu a lancha por outro canal apertado, e ali diante deles estava o Grande Canal.

— Assim que chegarmos à via principal, vai ser fácil achar a entrada certa que dá no Royal Saladin.

O motor deu um gemido em protesto, mas Dan não teve dó. Empurrou

o manete até o fim, exigindo tudo o que a pequena lancha podia acelerar. O vento no cabelo dele aumentava seu delírio. Em mais uns poucos segundos, estariam no Grande Canal.

— Rá! —ele comemorou. — Uma canoa de 1 milhão de dólares não é suficiente para vencer um Cahill!

De repente, uma parede de metal brilhante bloqueou a passagem. Apenas um segundo antes, ali reluziam as águas abertas do vasto canal, mas agora todo o comprimento do iate high-tech atravessava o caminho deles.

Desesperado, Dan engatou a marcha a ré, porém não havia como parar. O motor deu um grito e morreu. Os irmãos Cahill continuaram em rota direta de colisão.

Amy ouviu alguém gritando e reconheceu a própria voz. Dan fechou os olhos. Era sua única opção.

A lancha bateu com força no casco de aço e se estraçalhou feito um brinquedo de madeira.

Tudo ficou escuro.

CAPÍTULO 17

AMY NÃO ESTAVA MAIS EM VENEZA.

Estava de pé numa estranha câmara subterrânea esculpida em calcário nativo sob uma igreja no bairro de Montmartre, Paris. Na parede à sua frente havia um mural desbotado retratando quatro irmãos de nome Cahill. Luke, Thomas, Jane e Katherine — os ancestrais dos clãs da família, Lucian, Tomas, Janus e Ekaterina. E ao longe, uma casa em chamas. Mesmo naquela época, séculos atrás... conflito, violência, tragédia.

Ainda estamos estrangulando uns aos outros... Desta vez pelas 39 pistas. Pelo que eles brigavam naquela época?

A imagem mudou para outra casa em chamas. Com uma fisgada de dor, Amy reconheceu o próprio lar de sua infância. Coitados de seus pais, presos lá dentro, no incêndio...

Em meio à angústia, ela lutava por uma lógica. *Como eu posso lembrar disso? Eu não estava assistindo àquele incêndio de fora! Precisei ser resgatada dele!*

Amy e Dan tinham sido salvos. A mãe e o pai...

O golpe de tristeza foi forte demais, como uma ventania que não aceita resistência.

Faz isso parar...

A imagem mudou para uma coisa que ela lembrava muito bem. O funeral

— nuvens escuras, ternos escuros, véus escuros. Lágrimas — tantas, e no entanto não bastavam, nem de longe. Rostos sombrios — Dan com 4 anos, pequeno demais para entender a magnitude da desgraça que se abatera sobre eles; Grace, agora também morta; a terrível tia Beatrice; o senhor Mclntyre, amigo ou inimigo? Não tinha como ter certeza...

Muito além do túmulo, indistinta em meio à neblina, ela mal conseguiu discernir outra figura, toda vestida de preto.

Impossível! Até parece que eu ia lembrar disso!

Porém o inimigo estava entrando em foco. Seus cabelos grisalhos, seus olhos atentos. Seus lábios se mexiam. Ele estava falando com ela. O que estava dizendo?

— Amy...

Ela acordou assustada. Dan estava debruçado sobre ela, sacudindo seu braço de leve. O cabelo e as roupas dele estavam molhados. A camiseta e o jeans dela estavam frios e úmidos, e os dedos de seus pés faziam barulho dentro de meias e tênis ensopados. Ela estava com o corpo doído por causa das inúmeras batidas e pancadas. Os lábios de Dan estavam inchados. Um corte enorme no rosto dele parecia muito recente.

A lancha. O acidente...

Ela se sentou e percebeu que estava num beliche estreito.

— Onde estamos? — O aposento era minúsculo, mas estranhamente luxuoso, com painéis escuros nas paredes, aparelhos de latão brilhante, gavetas e armários embutidos.

— Quieta — sussurrou o irmão. — Acho que estamos no iate.

Trêmula, ela conseguiu ficar de pé. O convés se inclinou um pouco. A água fazia barulho lá embaixo.

— A porta está trancada — informou Dan, ao ver os olhos dela pousarem sobre a maçaneta fechada. — Ouvi vozes lá fora. Mas não acho que um deles seja Jonah.

Amy parecia nervosa.

— Estou com um mau pressentimento, Dan. E se nós escapamos dos Janus só para sermos capturados por alguém ainda pior?

— Pior? — repetiu Dan.

Ela mordeu o lábio.

— Você acha que podem ser os Madrigal?

Na busca pelas 39 pistas, os misteriosos Madrigal eram o curinga. Amy e Dan não tinham informação alguma sobre eles além da funesta advertência do senhor Mclntyre: *Cuidado com os Madrigal.* O advogado se recusara a fornecer mais detalhes, mas seu rosto sombrio e seu tom de urgência diziam muita coisa. Não havia dúvida de que o grupo era extraordinariamente poderoso, e possivelmente fatal.

A porta se abriu de repente.

— O que vocês sabem sobre os Madrigal?

Cabelos escuros, pele morena, belos traços. Amy sempre se sentia culpada por achá-lo bonito. lan Kabra. Sua irmã, Natalie, entrou no compartimento logo atrás dele.

Então não eram os Madrigal, mas era quase tão ruim quanto. De todas as outras equipes, os Kabra eram os mais inescrupulosos. Assim como Irina Spasky, eles eram Lucian, o clã do sangue-frio e da intriga na família Cahill.

Dan fez uma careta.

— Nós sabemos mais sobre eles do que vocês!

Natalie revirou os olhos.

— Ninguém entende os Madrigal. Nem se sabe direito quem eles são.

— Ninguém além de Grace —, cuspiu Dan —, e ela contou pra nós!

— Mentira! — A pele de lan ficou avermelhada.

Dan sorriu.

— Ui, irritadinho! Acho que você não gosta quando alguém sabe alguma coisa que você não sabe.

— Nossos pais nos contam tudo — lan disse num tom arrogante. — Não são como sua querida Grace, que deixou vocês dois no escuro e depois os soltou para estragar a busca!

— Relaxa — Natalie disse para o irmão. — Ele só está tentando provocar você, e está conseguindo. Para alguém mais inteligente que um supercomputador, às vezes você é um verdadeiro imbecil.

— O que vocês querem? — perguntou Amy.

— Só o que vocês roubaram da base secreta dos Janus — Natalie

respondeu num tom razoável.

— Não sei do que vocês estão falando — respondeu Dan, teimoso.

— Não banque o idiota — disse lan. — Embora naturalmente você seja um...

— Nós sabemos que a base secreta tem uma saída para algum lugar na rede de canais — interrompeu Natalie. — Colocamos câmeras de vigilância em toda a cidade de Veneza. Mas quando vimos Jonah perseguindo vocês... Bem, não foi difícil juntar os pontinhos.

— Nós estivemos na base secreta — Amy admitiu—, mas não pegamos nada. Lá embaixo só tem um museu com obras de arte.

— Podem nos revistar, se não acreditam — acrescentou Dan.

— Como se já não tivéssemos feito isso — disse Natalie, num tom exasperado de tédio. — Você perdeu peso, Amy. Acho que a caça às pistas não está fazendo bem para a sua saúde.

Amy ignorou a alfinetada.

— Então vocês sabem que estamos dizendo a verdade — retrucou.

— Vocês dois me dão nojo — lan cuspiu. — Parecem criaturas saídas de um bueiro.

— Nós saímos mesmo de um bueiro! — devolveu Dan em tom defensivo.

— Não teria sido exatamente uma grande perda se vocês não tivessem conseguido escapar daquela explosão no túnel em Salzburgo.

— Foram vocês! — acusou Amy.

lan deu um sopro de desprezo.

— Você acha que foi difícil enganar Alistair, fazê-lo pensar que era nosso aliado? Devíamos ter dado uma bomba maior para aquele varapau. Assim teríamos nos livrado de vocês todos.

Natalie deu um suspiro.

— Esqueça, lan. Eles não têm nada. Capitão! — ela chamou, ríspida.

Um marinheiro musculoso surgiu no corredor.

— Sim, senhorita?

— Estes clandestinos precisam ser imediatamente despejados do iate.

— Nós não somos clandestinos! — protestou Dan. — Vocês afundaram

nosso barco e nos tiraram do canal!

— Tem razão — concordou lan. — Jogue os dois de volta no canal. Sem delicadeza, por favor.

O capitão manteve uma expressão imperturbável no rosto enquanto arrastava os irmãos CahiIl para cima. Ele tinha mãos de ferro, que lembraram a Dan seus encontros com a família HoIt.

A noite caíra e as luzes de Veneza os rodearam. Eles estavam no Grande Canal, a uns seis metros da costa, avançando devagar.

— Vamos, amigo — implorou Dan. — Dá um desconto pra gente.

O homem não deixou transparecer emoção alguma em suas feições.

— Apenas cumpro ordens — ele disse e, num único gesto, jogou Dan por cima da amurada. O menino dobrou os joelhos e caiu na água feito uma bala de canhão. Segundos depois, Amy atingiu a superfície a poucos metros de distância, agitando os braços e lutando para respirar.

Nenhum dos dois estivera consciente durante a batida da lancha, por isso não lembravam da sensação da água. Ela estava gelada e provocou um tranco em ambos os corações, que começaram a bater em velocidade de britadeira. Movidos pela adrenalina, eles se debateram até a margem e escalaram para fora.

Dan se sacudiu como um cachorro molhado.

— Certo, vamos pegar nossas páginas do diário.

— Não podemos. — Amy cruzou os braços para controlar a tremedeira. — Não vamos encontrar as 39 pistas se nós dois tivermos hipotermia. Precisamos de Nellie e de roupas secas.

Dan lançou um olhar de rancor para o iate que se afastava ao longe.

— Um lançador de granadas também seria legal.

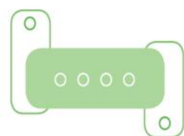
— Ignore os Cobra. O melhor jeito de se vingar deles é vencendo a busca.

— Nisso eu concordo — Dan disse. — Mas onde vamos procurar Nellie? Aquela loja de CD parece ter ficado cem anos pra trás.

— Não importa — disse Amy, confiante. — Ela é fiel. Não vai embora sem a gente. O nome da loja era Disco Volante. Espero que os taxistas aquáticos tenham ouvido falar.

Dan pôs a mão no bolso ensopado.

— Espero que os taxistas aquáticos aceitem euros molhados.



Nellie Gomez jamais tinha ficado tão preocupada. Ela estava curvada no banco de madeira, espremendo os olhos sob a luz fraca do poste em frente à Disco Volante. O funcionário em quem ela tinha dado uma canseira havia fechado a loja e ido embora uma hora atrás, sem perceber que ela ainda estava ali, rondando a área.

Onde estavam Amy e Dan? Como duas crianças podiam entrar em uma loja de CD e não sair mais?

— Prrr — foi o comentário de Saladin no colo dela.

— É fácil falar — respondeu Nellie. — Não é você que está tomando conta daqueles dois malucos.

Já haviam se passado quase quatro horas. Quatro horas para ruminar um único e simples dilema: quando seria o momento de chamar a polícia?

Eles nunca haviam discutido esse assunto porque sempre parecera impensável. Chamar a polícia significava serem descobertos, o que mais cedo ou mais tarde colocaria as crianças sob custódia do Serviço Social. Eles ficariam fora da busca para sempre. Mas agora estava começando a parecer que "polícia" queria dizer "resgate", ou seja, salvar a vida dos dois, não importava onde eles fossem parar.

— Espere aqui — disse a Saladin, como se o gato tivesse alguma escolha. Nem ela sabia ao certo o que estava planejando fazer. Jogar um tijolo pela janela, provavelmente, e vasculhar a loja. Agora ela podia ser presa em duas cidades da Europa, em vez de apenas uma.

Conforme ela chegou mais perto da loja, duas figuras envoltas em sombras viraram a esquina. Ela se escondeu no recuo de uma porta, espiando os recém-chegados que se aproximavam da Disco Volante, arrastando-se, cansados. Um menino e uma menina, pelo tamanho não eram adultos...

Quando ela reconheceu Amy e Dan, correu até eles e os apertou com

abraços.

— Vocês dois! Graças a Deus! Eu estava prestes a... Credo, por que vocês estão molhados assim?

— É uma história muito comprida — Amy disse, cansada. — Precisamos vestir roupas secas, depois temos que buscar uma coisa.

— Nós explicamos no caminho — prometeu Dan.

Eles encontraram um canto que oferecia alguma privacidade. Amy e Dan estavam tão gelados que trocar de roupa ao ar livre foi pura agonia. Mas eles sentiram a circulação voltar quando vestiram a roupa seca. Agora vinha a parte difícil: localizar a igreja de Santa Lucia a pé, e não pelos canais. Eles rodaram por um tempo antes de encontrar um quiosque para turistas com um mapa da cidade.

— Incrível! — admirou-se Amy enquanto eles traçavam o trajeto. — Os fundadores de Veneza pegaram um agrupamento de rochas e transformaram numa das cidades mais bonitas do mundo.

— Vou estar mais a fim de saber a história da cidade quando estivermos com as páginas do diário de Nannerl nas mãos — anunciou Dan.

Percorrer as ruelas estreitas e tortuosas de Veneza os fez sentir como ratos num labirinto. Várias vezes eles enxergavam o lugar aonde queriam ir, mas não conseguiam alcançá-lo porque havia um canal no caminho. Além disso, o céu de Veneza é repleto de cúpulas e campanários, e eles estavam procurando no escuro. Depois de mais de uma hora, os três pararam ao lado de uma pequena igreja de pedra.

— É esta — disse Dan. — Estão vendo? Olha a ponte lá atrás.

A noite estava tranquila, ouvia-se apenas o som distante de barcos a motor. Nellie e Saladin se postaram nos degraus da frente da igreja, enquanto Amy e Dan contornaram a construção e chegaram ao canal.

Amy apontou.

— Olhe!

Uma antiga escada de pedra conduzia à água. Eles desceram correndo e gelaram.

Ali estava o píer embaixo da ponte.

O Royal Saladin não estava mais lá.

CAPÍTULO 18

O AMY TOMOU UM SUSTO TÃO GRANDE, QUE PARECEU QUE HAVIAM lhe sugado todo o ar.

— Ok. Não entre em pânico... — ela ordenou a si mesma.

— Por que não? — ele perguntou, amargo. — Se existe uma hora boa para entrar em pânico, é agora! O que aconteceu com o barco?

— Ai, Dan! Por que você tinha que esconder as páginas de Nannerl numa coisa que podia dar a partida e ir embora?

Dan ficou indignado. Angústia, decepção e frustração revolviam em seu estômago, uma mistura borbulhante, tóxica.

— Eu não tive muita escolha, senhorita Perfeita! Eu estava numa lancha a motor com metade do clã Janus atrás de nós! E como minha querida irmã estava ajudando? *Ai, você não sabe dirigir um barco!* É sempre só isso que eu ouço você dizer: não pode; melhor não; é impossível! Eu salvei a nossa pele lá atrás!

— Não é questão de salvar a nossa pele — disse Amy. — O que importa são as pistas, ou seja, as páginas do diário.

— Que os Cobra teriam roubado de nós se eu não tivesse escondido no Royal Saladin! — Dan retrucou. — Você acha que eu sou um moleque burro, imaturo demais para entender o que está em jogo! Mas é você que não entende! Uma busca, uma *caça ao tesouro*: quem é melhor nesse tipo de coisa, você ou eu? Ela fez uma careta para ele.

— Não é a mesma coisa que bombardear a vizinhança com foguetes de garrafa.

— Você está me tratando que nem criança outra vez! — ele explodiu. — Eu sei que eu gosto de foguetes de garrafa! E balões de água! E bombas! Eu lambo pilhas! Eu experimento!

— Praticamente uma madame Curie.

— Pelo menos eu tento fazer as coisas — ele insistiu. — É melhor que ficar sentada roendo as unhas, perguntando Devo ou não devo?

A irmã deu um suspiro infeliz.

— Está bem. Desculpa. Mas isso ainda não responde à pergunta de 1 milhão de dólares: o que vamos fazer agora?

Ele deu de ombros. Não estava pronto para aceitar o pedido de desculpas, mas de nada adiantaria continuar discutindo.

— Vamos esperar. Que mais podemos fazer? O barco atracou aqui uma vez. Talvez ele volte.

Ela pronunciou as palavras que ele estava temendo, a terrível possibilidade que o enchia de pavor.

— E se o barco só parou aqui uma vez? E se perdemos as páginas para sempre?

Dan não tinha resposta. De uma vez só, sentiu no corpo o ritmo alucinante de tudo aquilo. Cinco horas de viagem no carro apertado, a perseguição à limusine, a Disco Volante, a base secreta dos Janus, a fuga no canal, os Cobra.

E agora aquilo.

Ele sentiu vontade de desabar na passarela de pedra e dormir por um ano. Era uma exaustão esmagadora, que sugava a força de cada célula de seu corpo. Ele se sentiu um velho de 11 anos.

Amy deve ter percebido isso, pois colocou o braço no ombro dele num gesto de apoio, enquanto eles voltavam à igreja para contar à Nellie a mais recente desgraça que se abatera sobre eles.

— Pode ser que a gente tenha que esperar um tempão — Amy disse a ela. — Talvez fosse melhor você achar um hotel e dormir um pouco.

— Se vocês acham que vou deixar os dois sozinhos por um minuto que

seja, então vocês beberam água do canal — disse a au pair num tom severo. — Vão lá esperar. Eu fico aqui.

— Prrr — acrescentou Saladin, sonolento.

A boa e velha Nellie. Aquela demonstração de apoio aliviou um pouco o clima. A ideia de ter alguém tomando conta deles — uma pessoa mais velha, mesmo que fosse só alguns anos — era quase parecida com a sensação de ter pais. Era apenas uma luzinha num vazio abissal. E no entanto fazia muito tempo que Amy e Dan Cahill não viam nada naquela escuridão.

Mas, quando os irmãos se acomodaram atrás da igreja, a funesta realidade começou a se mostrar para eles. Se não conseguissem recuperar os papéis que estavam escondidos na almofada de vinil no assento do Royal Saladin, estariam num beco sem saída.

Amy e Dan tinham apostado tudo naquela busca. Se fossem eliminados, seriam apenas fugitivos do Serviço Social de Massachusetts. Órfãos sem lar, sem passado nem futuro, perdidos a meio mundo de distância de qualquer pessoa ou coisa que lhes fossem familiar.

Os minutos demoravam a passar como meses, como se o próprio tempo tivesse sido desacelerado pela gravidade de buraco negro da situação deles. Os dois se abraçaram para enfrentar a umidade pegajosa da noite, ainda mais fria pelo medo e pela incerteza.

Amy contemplou as luzes de Veneza refletidas nas águas do canal.

— É estranho que tantas coisas ruins possam acontecer num lugar tão bonito, né?

Mas Dan não estava na mesma sintonia que ela.

— Talvez a gente pudesse roubar outro barco. Assim pelo menos poderíamos percorrer os canais. O Royal Saladin deve estar em algum lugar. — Ele fixou na irmã um olhar intenso. — Desistir não é uma\opção.

— Mas como garantir que o Royal Saladin não vai voltar um minuto depois de partirmos? Já estamos aqui, e aqui vamos ficar.

Para Dan, aquela situação era especialmente torturante. Fazer alguma coisa — mesmo que fosse a coisa errada — era mais tolerável que ficar sentado, esperando. A primeira hora foi um martírio. A segunda, uma dor física de verdade. Na terceira, eles estavam amortecidos, afundados em

desespero, enquanto os sons da cidade e o barulho dos motores dos barcos diminuíam; restando somente o barulho da água e uma música de acordeão ao longe.

Eles sempre souberam que vencer a busca seria improvável. Porém nenhum dos dois estava preparado para que a derrota fosse daquela forma, por causa de uma escolha infeliz: colocar papéis importantíssimos num esconderijo motorizado que foi embora.

Ambos se inclinaram para a frente no caminho de pedra. A música estava mesmo ficando mais alta?

A melodia jovial encorpou, e um barco dobrou a esquina do canal, iluminado feito uma árvore de Natal. A popa aberta estava apinhada de foliões, dançando e comemorando loucamente.

Amy e Dan também sentiram vontade de festejar. Era o Royal Saladin.

Dan ergueu o olhar das sombras.

— Uma festa?

— Não é uma festa — Amy conseguiu dizer. — É um casamento!

Os noivos estavam abraçados junto à casa do leme, enquanto damas de honra faziam chover pétalas de rosa sobre eles. As risadas corriam soltas. Tilintavam brindes de champanhe. Deviam ser umas 15 pessoas espremidas na pequena embarcação, incluindo o tocador de acordeão, precariamente equilibrado numa plataforma de mergulho.

Dan fixou os olhos na almofada do assento, onde sabia que as páginas de Nannerl estavam escondidas.

— Tem 5 mil barcos em Veneza, e eu tinha que escolher justamente o do túnel do amor! O que nós vamos fazer? Essa palhaçada pode durar a noite inteira.

— Acho que não. Está vendo?

Dois homens de smoking faziam tentativas desajeitadas de amarrar o Royal Saladin ao píer da ponte. Foram necessárias várias, e por muito pouco o pai da noiva não despencou dentro do canal por cima da amurada. Finalmente, eles conseguiram atracar, e os convivas do casamento começaram a desembarcar.

Amy e Dan se agacharam atrás de um muro baixo enquanto os

convidados subiam a escada até a igreja de Santa Lucia. O padrinho era o último da fila. Antes de sair do Royal Saladin, ao som do acordeão, ele agarrou a almofada do banco, a abraçou e começou a dançar com ela, como se fosse sua parceira.

Os irmãos Cahill sentiram o coração subitamente parar. Era a almofada que continha as preciosas páginas do diário de Nannerl.

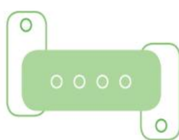
Os outros davam risadas e vivas enquanto o padrinho valsava com a almofada em direção aos degraus.

Uma fina película de suor se formou na testa de Dan. O que este palhaço está fazendo? Será que ele é idiota o bastante pra levar uma almofada num casamento?

No último instante, o homem jogou a almofada de volta no Royal Saladin e seguiu o resto dos convidados escada acima.

Amy e Dan ficaram ali agachados, em silêncio, enquanto todos atravessavam o pátio e entravam na igreja de Santa Lucia. Mesmo quando eles ouviram a porta pesada se fechar com uma batida, permaneceram imóveis e escondidos. Depois das várias reviravoltas da sorte que tinham vivenciado naquele dia, estavam à espera de que um meteorito despencasse do céu e os aniquilasse caso ousassem se mexer. Por fim, Dan ficou de pé.

— Vamos. Vamos pegar essas páginas antes que elas acabem indo no cruzeiro da lua de mel.



O hotel deles em Veneza era barato, principalmente porque não tinha vista para a água. Essa tinha sido a única exigência dos irmãos Cahill.

— Chega de canais — disse Dan, decidido. — Odeio canais.

Enquanto Amy e Dan tomaram longos banhos para se aquecer e tirar do corpo a água do canal, que não era lá muito limpa, Nellie se ocupou das páginas do diário. Eram apenas três folhas manuscritas. Porém continham informações surpreendentes.

— Vocês não vão acreditar nisso, meninos — disse Nellie. — Não foi à

toa que alguém arrancou estas páginas. Elas mostram como Nannerl estava preocupada. Ela achava que Mozart estava ficando louco.

— Louco? — disse Dan. — Quer dizer, tipo, louco de plantar bananeira e comer sabão?

— Ele estava profundamente endividado — explicou Nellie, seguindo com o dedo a escrita alemã cheia de floreios. — Gastando mais dinheiro do que ganhava. Mas vejam só... As coisas que ele estava comprando eram sem sentido e estranhas. Ele estava importando ingredientes raros e caros de outros continentes.

As orelhas de Amy se empinaram ao ouvir a palavra ingredientes.

— Lembram-se da solução de ferro? Também é um ingrediente. Tudo isso deve estar relacionado com as 39 pistas de algum modo.

— Mozart estava envolvido nisso até o pescoço — concordou Dan. — Assim como Benjamin Franklin.

Nellie passou para uma página diferente.

— O diário também menciona Franklin... bem aqui. Mozart estava se comunicando com ele. Sabe como Nannerl o chama? "Nosso primo americano." E vocês não vão acreditar quem também era uma Cahill... só a Maria Antonieta, pois é!

— Nós somos parentes da rainha da França! — exclamou Amy, estupefata.

— E da família real da Áustria também — continuou Nellie. — Essa era a conexão. Ela e Mozart se conheceram quando eram crianças. Quando Maria Antonieta se casou com o futuro rei Luís XVI e foi morar na França, tornou-se o contato entre Franklin e Mozart.

Amy ficou tão desnorteada com aquela sobrecarga de informações que quase não viu as linhas fracas escritas a lápis na margem junto à caligrafia pesada de Nannerl. Sua surpresa foi prosseguida por um jorro de emoção.

— Foi Grace quem escreveu isto! — ela disse numa voz chorosa. — Eu reconheceria a letra dela em qualquer lugar.

Dan encarou a irmã.

— Foi nossa avó que arrancou as páginas do diário de Nannerl?

— Não necessariamente, mas estas páginas passaram pelas mãos dela em

algum momento. Ela viajou pelo mundo inteiro. Está envolvida nesta busca de uns cinquenta jeitos diferentes.

Amy espremeu os olhos para entender a escrita rebuscada ao lado do nome de Maria Antonieta, e leu em voz alta:

A palavra que custou a vida dela, menos a música.

Dan deu um suspiro, fingindo incômodo.

— É, sem dúvida essa é Grace. Sempre esclarecedora, clara como a lama.

Nellie ficou exasperada.

— Qual é o problema de vocês, família Cahill? Por que tudo tem que ser uma charada? Por que vocês não podem simplesmente dizer o que querem dizer?

— Aí não seriam as 39 pistas — disse Dan. — Seriam as 39 afirmações.

Amy parecia pensativa.

— O que fez Maria Antonieta ficar famosa foi isto: quando alguém contou a ela que os camponeses estavam se revoltando porque não tinham pão, ela disse: *Que comam bolo.*

Dan fez uma careta.

— Uma pessoa pode ficar famosa por isso?

Amy revirou os olhos.

— Você não entende? Não tinha bolo! Não tinha comida nenhuma! Isso virou um símbolo de como os ricos estavam totalmente por fora das necessidades dos pobres. Essas palavras ajudaram a desencadear a Revolução Francesa. E foi durante essa revolução que Maria Antonieta morreu na guilhotina.

— Guilhotina... Legal! — aprovou Dan. — Agora está ficando interessante.

Nellie ergueu a sobrancelha.

— Então você tá dizendo que a palavra que custou a vida dela foi... bolo?

— Menos a música — acrescentou Amy. — O que isso pode significar?

— Bem — especulou Nellie —, Maria Antonieta falava francês, portanto...

— Peraí! — exclamou Amy. — Essa eu sei! Grace me falou disso quando eu era garotinha!

— Como você sempre consegue desenterrar alguma conversa bizarra que teve com Grace 1 milhão de anos atrás? — perguntou Dan, deixando suas emoções de repente virem à tona. — Só faz umas semanas que ela morreu, e eu mal consigo lembrar da voz dela.

— Essas coisas de antigamente eram importantes — insistiu Amy. — Nós conhecíamos Grace como uma avó bacana. Mas todos estes anos, acho que ela também tinha um plano secreto. Estava nos treinando para a caça ao tesouro... plantando informações de que íamos precisar. Esta talvez seja uma delas.

— Esta é exatamente o quê? — perguntou Nellie.

— A fala de Maria Antonieta — Que comam bolo — geralmente é citada com a palavra francesa brioche no lugar da palavra bolo. Só que Grace teve o cuidado de me contar que ela usou o termo mais comum para bolo em francês: *gâteau*.

Dan franziu a testa.

— Bolo é bolo. Não é?

— Só que isso não tinha nada a ver com bolo — sugeriu Nellie. — De acordo com Nannerl, Maria Antonieta estava enviando mensagens secretas entre Franklin e Mozart. Talvez seja algum tipo de código.

— Então *gâteau* é uma mensagem, e brioche não é... E as duas palavras significam a mesma coisa? — disse Dan, duvidando.

Amy balançou a cabeça.

— Não sei o que isso quer dizer, mas tenho certeza de que é uma peça do quebra-cabeça.

Dan estava estudando as páginas do diário de Nannerl por cima do ombro de Nellie.

— Tem outra anotação... olhem!

As linhas a lápis eram ainda mais fracas, porém não havia dúvida de que era a letra de Grace. Desta vez estava bem no meio da página.

Rede pois dodo final

Dan franziu a testa.

— REDE POIS DODO FINAL? Será que ela estava maluca?

— Olha... a anotação está bem em cima de um nome. — Amy espremeu os olhos para ver melhor. — FIDELIO RACCO.

— Esse é o nome do cara que estava no cartaz do tio Alistair! — disse Dan, empolgado. — Mozart se apresentou na casa desse cara!

Nellie traduziu do alemão.

— Aqui diz que ele era um poderoso comerciante e figurão dos negócios. Mozart o contratou para importar algum tipo de aço supercaro que só era feito no Oriente. Nannerl culpa Racco por cobrar caro demais do irmão dela e o afundar em dívidas. E adivinhem como ela o chama?

— Sanguessuga devorador de dinheiro? — sugeriu Dan.

— Ela o chama de "primo".

Dan arregalou os olhos.

— Outro Cahill?

Amy abriu o zíper da mochila de Dan e de dentro dela tirou o laptop do irmão.

— Vamos ver o que conseguimos descobrir sobre nosso parente italiano.

CAPÍTULO 19

NA ESCALA DE SUPERSTARS ENDINHEIRADOS DA FAMÍLIA CAHILL, Fidelio Racco com certeza estava na segunda divisão. Talvez até na quarta. O Google já tinha até ouvido falar dele, mas uma busca pelo sobrenome o colocou abaixo da Automecônica Racco, em Toronto, e da Trattoria Racco, em Florença, e só um pouco à frente da churrascaria irlandesa Rack O'Lamb, em Des Moines. O mercador milionário pode até ter sido um bambambã no século XVIII, mas o compositor que ele levara à falência havia se saído bem melhor aos olhos da História.

Embora não fosse nenhum Mozart, a grande riqueza de Racco o levara a fundar a Collezione di Racco, uma galeria particular em que eram exibidos os tesouros e obras de arte coletados por ele durante suas viagens pelo mundo. Foi ali que Amy e Dan decidiram continuar sua busca na tarde seguinte, enquanto Nellie ficava no hotel com Saladin e vários sabores de comida italiana para gato. Quem sabe com a mudança de país eles conseguiriam pôr fim à greve de fome.

A galeria ficava localizada na casa de Racco, uma construção do século XVIII que logo de cara deixou Dan desanimado.

— Casa de Racco, casa de Mozart — ele resmungou enquanto eles seguiam pelas ruas de pedrinhas. — Casa dos chatos seria um nome melhor.

Amy estava perdendo a paciência.

— Por que você sempre tem que dizer isso? Isto é chato, aquilo é chato! Se esta casa nos der a próxima pista, será o lugar menos chato do planeta.

— Amém, se isso for verdade — concordou Dan. — Vamos lá, quanto antes, melhor.

— Estamos chegando prometeu Amy. — Já estou sentindo o cheiro.

Dan torceu o nariz,

— Eu só sinto cheiro da água do canal. Acho que esse cheiro nunca vai sair das minhas narinas.

Veneza era de fato uma ótima cidade para pedestres, desde que você soubesse aonde estava indo, refletiu Amy. A caminhada até a Collezione di Racco demorou só vinte minutos. Essa curta distancia os levou de seu hotel podre até uma grande mansão de pedra numa parte da cidade que obviamente era muito cara.

— Pelo jeito, essa coisa de explorar o Mozart deu muito certo — comentou Dan.

— Não foi só o dinheiro que ele ganhou com o Mozart —explicou Amy. — Esse cara foi uma figura muito importante no comércio internacional. Ele tinha frotas de navios no mundo inteiro.

Dan concordou com a cabeça.

— Nossos primos de antigamente eram tão poderosos, O que aconteceu com todos os Cahill derrotados? Tipo, zés-ninguéns como a gente que nunca ficaram ricos nem famosos.

Na entrada principal, eles foram recebidos por uma estátua do próprio Fidelio Racco. Se fosse em tamanho natural, então o mercador milionário tinha sido um homem muito baixo: só uns cinco centímetros mais alto que Dan. E o que era mais surpreendente, Racco estava dedilhando um bandolim, e sua boca aberta parecia sugerir que ele estava cantando.

Dan arregalou os olhos.

— Outro Janus?

A irmã confirmou com a cabeça.

— Isso explicaria por que Mozart recorreu a ele para importar aquele aço especial. Ele imaginou que estaria seguro com alguém de seu próprio clã.

— Mandou mal, Wolfgang. Nunca confie em nenhum Cahill.

Eles entraram na mansão e pagaram o salgado preço do ingresso: 20 euros. Mesmo hoje, séculos após sua morte, Fidelio Racco ainda explorava as pessoas.

Eles passearam pelas várias salas, que abrigavam preciosidades do século XVIII: seda, brocados e cerâmica do Oriente; prata e ouro das Américas, diamantes, marfim e esplêndidos entalhes em madeira da África; além de fabulosas tapeçarias da Arábia e da Pérsia.

— Que coisas lindas! — Amy sussurrou para Dan. — Só um Janus poderia ter um gosto tão incrível!

As artes decorativas eram realmente impressionantes, porém o texto informativo explicava que a maior parte da grande riqueza de Racco viera do comércio de produtos menos glamorosos: chás, especiarias e um aço japonês raro com liga de wolfrâmio, que tinha o ponto de fusão mais alto de todos os metais.

— Com certeza esse é o aço que Racco estava vendendo para Mozart — Amy disse num tom de certeza absoluta.

— Wolfrômio — repetiu Dan, com um olhar distante no rosto. — Já ouvi essa palavra em algum lugar.

Amy estava cética.

— Tem certeza de que você não está pensando em Wolfgang?

— Não, é wolfrâmio, mesmo. Grace me falou disso. — Ele provocou a irmã. — Não era só pra você que ela contava coisas, sabia?

Amy deu um suspiro.

— Certo, o que foi que ela disse?

Ele parecia aflito.

— Eu não estava prestando muita atenção.

— É por isso que ela geralmente contava as coisas para mim, porque sabia que você ia esquecer tudo.

Eles percorreram um corredor com móveis finos entalhados e dourados de todos os cantos do mundo, que terminava num aposento circular. No centro, iluminado por uma luz azul, havia um cravo de mogno lustroso.

— Eu vou dar o fora — disse Dan. — Isto está começando a parecer coisa do nosso amigo Mozart.

Amy agarrou o braço do irmão com tanta força que deixou a marca dos seus dedos.

— Mas é o nosso amigo! Diz bem aqui: este é o instrumento que Mozart tocou em sua apresentação na casa de Racco em 1770!

— Só tem um problema: é um cravo. Isso não nos diz o que " rede pois dodo final" significa. E não tem nada a ver com bolo, nem em francês nem em nenhuma outra língua.

— Mesmo assim — insistiu Amy. — Tudo o que descobrimos tem nos conduzido a este instrumento. Ele vai nos dar a próxima pista. Tenho certeza.

Dan pôs a mão no bolso da calça e tirou um guardanapo dobrado, amassado.

— Ainda bem que eu não estava usando esta calça quando caímos no canal.

Amy estava confusa.

— O que é isso?

Ele desdobrou o guardanapo, revelando o logotipo do trem.

— A única coisa que dá pra fazer num cravo é tocar música. Isto é música. — Ele desvirou o guardanapo, e lá estava a versão da peça KV 617 que ele tinha reproduzido no trem.

Amy precisou se controlar para não dar um grito de comemoração.

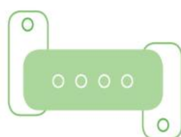
— Dan, você é um gênio! Nós pegamos uma pista musical de Benjamin Franklin e tocamos no instrumento de Mozart!

Eles olharam em volta. O cravo estava isolado por cordas de veludo. Um segurança de uniforme estava postado junto à porta.

— Bem, não podemos fazer isso agora — observou Dan. — Esse cara vai arrancar nossa cabeça se nós pusermos um dedo no precioso teclado dele.

— Tem razão — concordou Amy.

— A casa fecha às 17h — disse Dan. — Vamos ter que ficar escondidos até lá.



O banheiro em estilo *art déco* era velho, provavelmente dos anos 1920 ou 1930, com azulejos pretos e brancos e aparelhos imaculados de porcelana.

Como você pode pensar em azulejos e privadas numa hora dessas? Amy se repreendeu.

Bem, era justamente essa a intenção, não era? Se ela fosse se preocupar com as coisas reais, ficaria desnorteada. E se a mansão tivesse um alarme? Ou um exército de vigias noturnos? O que significava "rede pois dodo final"? Como era possível subtrair música da palavra francesa gâteau?

Era muita coisa para um cérebro de 14 anos.

E aquelas eram apenas as crises do momento. Aquela família! Descobrir que ela era parente de Benjamin Franklin e Mozart e Maria Antonieta...

Era uma sensação indescritível! Como se você tivesse nascido com sangue real ! Como se de fato fizesse parte da História!

Mas aqueles grandes Cahill do passado eram justamente isso: passado. Estavam mortos e enterrados havia muito tempo. Quem eram os Cahill de hoje? Jonah. Os Holt. Tio Alistair. Os Kabra. Irina. Traidores, brutamontes, farsantes e ladrões. Pessoas que sorriam e chamavam você de primo enquanto estendiam o braço para cravar uma faca nas suas costas.

Aquela caça ao tesouro era para ser algo importante e grandioso, uma chance de escrever o futuro. Mas, na verdade, parecia um reality show chamado *Quem quer ser um traidor?* A disputa ficava mais sanguinária a cada instante. Será que todos os Cahill eram tão terríveis? Ela não conseguia imaginar Mozart envolvido em uma perseguição de barco. Nem detonando uma bomba num túnel. Até onde poderia chegar tanta falta de escrúpulos?

O incêndio que matou mamãe e papai foi considerado um acidente. Mas o tio Alistair diz que sabe a verdade. Será que com isso ele quer dizer que não foi um acidente?

Só de pensar naquilo, Amy já ficava sem forças. Palavras como "busca" e "prêmio" faziam com que tudo parecesse algum tipo de jogo, mas a tragédia de sete anos atrás não era jogo nenhum. Tinha arrancado dela os pais que ela tanto amava. Tinha arrancado de Dan até mesmo a memória de ter pais. A mais leve sugestão de que o incêndio talvez fosse proposital...

De repente ela se sentiu inesperadamente exausta. Talvez devêssemos

simplesmente desistir. Voltar para Boston, dispensar Nellie. Nos entregar para o Serviço Social; ver se a tia Beatrice nos aceita de volta...

E no entanto, lá no fundo, Amy sabia que desistir era a última coisa que eles fariam. A última coisa que podiam fazer. Não com a próxima pista tão perto. Eles não tinham provas de que a morte dos pais tinha alguma coisa a ver com os Cahill. Mas mesmo se tivesse — principalmente se tivesse —, então era cinquenta vezes mais importante vencer a caça ao tesouro.

Ela se reacomodou na tampa da privada e tentou relaxar. Do outro lado do corredor, no sanitário masculino, sabia que Dan estava fazendo o mesmo. Ou talvez ele fosse burro demais para ficar com medo.

Não, burro não. O irmão dela era inteligente. Brilhante até, considerando seu curto período de concentração. Foi ele quem tinha bolado aquele esquema de se esconderem nos banheiros até que a galeria fechasse. Ela apenas seguira a liderança dele enquanto os dois percorriam as alas da velha casa, prestando muita atenção na localização dos seguranças. E quando um dos guardas começara a olhá-los meio desconfiado, fora o instinto de Dan que os instruíra a se dispersar em outra sala.

Ela provavelmente ainda estaria ali, balbuciando desculpas esfarrapadas.

Dan precisava dela, porém ela também precisava dele. Querendo ou não, eles eram uma equipe: o idiota maluco e sua irmã gaga. Não parecia ser exatamente a receita para dominar o mundo.

O rebuliço no estômago de Amy ameaçou se transformar em um maremoto. Dan tinha seus talentos, mas não estava levando muito a sério o que podia dar errado no plano. Amy invejava isso nele. Às vezes era só nisso que ela pensava. Ela era o Albert Einstein do pessimismo.

Ela conferiu seu relógio de pulso, cheio de água mas ainda funcionando. Tinha se passado meia hora desde que o anúncio — em seis línguas — de que a Collezione di Racco fecharia tinha sido dado.

Amy ouviu o estalo de um timer, e o banheiro de repente mergulhou na escuridão. Oh, não! Eles não tinham lanterna. Como chegariam até o cravo agora?

Com cuidado, ela tateou para sair da porta da cabine, fazendo esforço para lembrar como era o banheiro feminino. Precisava encontrar Dan, mas

antes tinha que conseguir sair dali!

O som de passos gelou seu coração. Um segurança! Eles seriam pegos, presos, deportados para os Estados Unidos e...

— Amy?

— Dan, seu idiota! Você quase me mata do coração!

— A barra tá limpa. Vamos.

— Assim, no escuro? — ela perguntou.

Dan riu na cara dela.

— Só está escuro nos banheiros. No resto do prédio tem luz.

— Ah. — Envergonhada, ela seguiu a voz dele, passando pela porta pesada. Dan tinha razão. A Collezione di Racco estava no modo noturno, com as luzes dos mostradores apagadas, contudo uma em cada quatro lâmpadas fluorescentes estava acesa. — Viu sinal de algum vigia noturno? — ela sussurrou.

— Não vi ninguém, mas a casa é grande. Talvez ele esteja vigiando o ouro e os diamantes. Eu, no lugar dele, estaria. Quem ia querer roubar um cravo?

Eles atravessaram depressa os suntuosos salões, agradecidos por seus tênis fazerem pouco barulho no piso de mármore.

A luz azul tinha sido apagada, mas mesmo na penumbra Amy conseguiu discernir o brilho de marfim do teclado que fora tocado pelo primo distante deles, o jovem Mozart, em 1770.

O entusiasmo invadiu seu corpo inteiro como uma corrente elétrica. A próxima pista estava perto, muito perto.

E então o silenciador frio de uma pistola de dardos encostado na nuca de Amy varreu de seu cérebro qualquer outro pensamento.

CAPÍTULO 20

— PRECISAMOS PARAR DE NOS ENCONTRAR DESTE JEITO — RONRONOU Natalie Kabra atrás dela.

Enfurecido, Dan correu para cima de Natalie. Mas lan surgiu das sombras e o agarrou pelo antebraço.

— Calma aí, Danny Boy. Vejo que você já se recuperou do mergulho de ontem. — Ele cheirou o cabelo de Dan. — Quer dizer, não totalmente.

— O que vocês querem? — desafiou Dan.

lan olhou para ele com pena.

— Você está brincando? Como se fosse coincidência estarmos todos aqui. Basicamente, o negócio é o seguinte: vocês vão ficar parados na frente da pistola da minha irmã, enquanto eu os entretenho com um pouco de música.

Com brutalidade, lan jogou Dan na parede e empurrou Amy para o lado do irmão.

Natalie os encarou, mantendo os dois na mira da pistola.

— Não se preocupem — ela prometeu com falsa meiguice. — O dardo não vai matá-los. Mas vocês vão acordar daqui a algumas horas com uma dor de cabeça daquelas.

— De novo — acrescentou o irmão dela.

lan passou por cima da corda de veludo e se sentou ao cravo, estalando os

dedos com ar de requinte.

— Você está blefando! — acusou Dan. — Você nem sabe o que tocar!

— Com certeza vou pensar em alguma coisa — disse lan com um sorrisinho. — Talvez "Atirei o pau no gato". Ou "Parabéns a você". Ou quem sabe uma melodia chamada KV 617?

— Como é que você sabe disso? — Amy cuspiu.

— Vocês se acham tão espertos, mas, francamente, os dois são patéticos — bufou Natalie. — Estamos seguindo vocês desde a estação de trem em Viena. Interceptamos o sinal de wi-fi do seu computador. Vocês baixaram esta música da internet, e depois nós baixamos de vocês.

— Tomei a liberdade de imprimir minha própria cópia — acrescentou lan, desdobrando uma página de partitura e colocando no suporte na frente dele.

Amy e Dan trocaram um olhar de cumplicidade. lan e Natalie não tinham como saber que a versão da internet da KV 617 não era a mesma que a da pista de Benjamin Franklin. Talvez nem tudo estivesse perdido.

lan começou a tocar. O som metálico do cravo reverberou no aposento tumular. Foi muito mais alto do que Amy estava esperando, e um pouco desafinado. Que instrumento magnífico! Ela esticou o pescoço e viu os dedos compridos de lan dançando pelas teclas de marfim. Foi então que percebeu: um minúsculo fio que se estendia debaixo do ré depois do dó final e desaparecia na madeira lustrosa do cravo.

Ré depois do dó final. Amy franziu a testa. Por que isso parecia tão familiar?

E então uma frase se formou em sua mente: REDE POIS DODO FINAL.

À anotação de Grace no diário de Nannerl! É um aviso! Essa tecla ré tem uma armadilha!

A ideia mal tinha lhe ocorrido quando ela percebeu o tom da música se elevar e viu a mão direita de lan pairando na direção do perigoso ré.

Sua reação foi tão natural, tão instantânea, que ela não teve tempo de pensar em como foi besta. Com um grito de Não!, ela pulou para a frente, derrubando Natalie. A pistola disparou, mas o dardo acertou a cortina. Amy correu, decidida a derrubar lan do banco antes que acontecesse um desastre.

Ela chegou meio segundo tarde demais: caiu em cima de Ian no exato instante em que o dedo dele tocou a tecla da armadilha.

BUUUM!

Com um clarão ofuscante, o cravo de Mozart explodiu, jogando Amy e Ian três metros longe. Amy conseguiu rolar, saindo ilesa. A cabeça de Ian bateu no chão de mármore. Ele ficou caído ali, desmaiado.

Natalie se levantou e tentou pegar a pistola de dardos, mas Dan foi mais rápido. Ele pegou o dardo preso na cortina atrás dele e o jogou feito uma lança na adversária. A ponta se cravou no ombro dela. Ela ergueu a arma, meio zonza, lutando contra o efeito da poderosa fórmula. Dan se preparou para o impacto, consciente de que o próximo dardo o acertaria. E então os olhos de Natalie reviraram, e ela desabou como uma pedra ao lado do irmão.

Dan correu até Amy.

— Você está bem?

Amy rastejou até os destroços do instrumento. A parte de madeira se desfizera em pedaços fumegantes, mas incrivelmente o teclado permanecera intacto. Ambos viram um segundo conjunto de fios, que desaparecia por um buraco no chão.

— Rápido! A música!

Dan olhou fixamente para ela.

— O cravo não vai tocar agora. Está pegando fogo.

— Dá isso aqui! — A menina desdobrou o guardanapo e se pôs a apertar as teclas. O único som que saía delas era um leve estalido. Mas Amy continuou "tocando", seguindo as notas exatamente como estavam na pista de Benjamin Franklin.

De repente, o chão começou a tremer.

— Mandou bem, Amy! — gritou Dan. — Agora a casa inteira vai desmoronar!

Um pedaço de 1 metro quadrado do piso de mármore se abriu, girando em dobradiças escondidas. Os irmãos Cahill se debruçaram sobre a nova abertura que aparecera. Diante deles, num leito de veludo preto, surgiu um par de espadas reluzentes.

— Samurai! — Dan disse num tom de reverência. Ele estendeu o braço,

segurou o punho dourado de uma das espadas, depois ficou de pé e brandiu a arma no ar. — Os samurais carregavam duas espadas, uma curta e uma longa. Estas devem ser as curtas. Bizarramente legal!

Amy puxou a outra espada e examinou os ideogramas japoneses gravados no metal.

— Aposto que estas espadas foram feitas com o aço especial em que Mozart estava interessado.

Dan confirmou com a cabeça.

— Mas como isso pode ser a nossa pista? Não tem nada a ver com as coisas que Grace escreveu naquelas páginas do diário.

— *Ré depois do dó final* era na verdade a tecla da armadilha no cravo — explicou Amy. — E *gâteau* menos a música... — Tudo se juntou na mente dela. — As notas musicais também podem ser representadas por letras, lembra? A, B, C, D, E, F e G. Tirando essas letras da palavra *gâteau*, sobram... T-U. — Ela parecia confusa. — Não faz sentido.

— Claro que faz! — explodiu Dan. — É o antigo símbolo químico do tungstênio! Foi isso que a Grace me disse e eu esqueci! Wolfrâmio era o antigo nome do tungstênio!

Os olhos de Amy faiscaram com a descoberta.

— É por isso que Maria Antonieta disse: *Que comam bolo*. Ela não estava falando sobre os pobres. *Gâteau* era a mensagem em código entre Franklin e Mozart, para indicar o ingrediente de que ele precisava. É isso! A primeira pista era solução de ferro; a segunda é tungstênio! É disso que se trata a busca às 39 pistas! Estamos juntando ingredientes para algum tipo de fórmula!

Foi um momento intenso: a fumaça da explosão, o aço das espadas, a emoção de uma descoberta. Entretanto, para Amy, foi muito mais. Aquela pista os deixava mais perto de vencer o desafio...

E mais perto de entender quem eles realmente eram!

De algum modo, ela soube que seus pais estavam sorrindo lá de cima.

Ela estendeu a mão, procurando a de Dan. Os dois tinham passado tanto tempo se infernizando, mas aquele era o momento deles.

Ainda estamos na busca às 39 pistas!

De repente, luzes fortes se acenderam, e um vigia noturno de uniforme

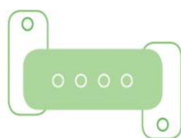
entrou na sala trotando desvairado, berrando em italiano. Chocado, Dan fez menção de enfrentá-lo, sem perceber que ainda segurava nas mãos a espada samurai, como um taco de beisebol, pronto para rebater. Com um gritinho de medo, o guarda deu meia-volta e saiu correndo na direção contrária.

— Vamos sair daqui — Amy decidiu, em tom de urgência.

— Mas e eles? — Dan apontou para os Kabra, desmaiados no chão.

— Esse guarda vai voltar com a polícia a qualquer instante. Eles vão chamar um médico.

Abraçando as espadas, os irmãos Cahill correram para a saída.



Nellie estava pronta para jogar a toalha.

Não aguentava mais ficar olhando para Saladin, mirrado e lânguido, mal conseguindo pronunciar um prrr decente. Tão logo Amy e Dan voltassem, ela ia encontrar uma peixaria e compraria salmão fresco. Assim estaria se rendendo totalmente, para não falar na despesa de 60 dólares o quilo. Mas era melhor que ter um gato morto.

Grace Cahill podia ter sido uma grande mulher, mas, como dona de bicho, não era muito boa em impor respeito.

Nellie franziu a testa olhando para o relógio. Já passava das 19h. Todos os museus tinham fechado duas horas atrás. Amy e Dan estavam atrasados de novo. Ela teve medo de pensar no que aquilo podia significar.

Com um suspiro, decidiu fazer mais uma tentativa. Abriu outra lata de comida para gato e a levou até Saladin, que estava jogado no braço do sofá, desanimado, assistindo a um programa do tipo "faça você mesmo" em italiano.

— 0k, Saladin, você venceu. Provou que é durão. Mas eu só posso te dar o salmão depois; então por que você não dá uma beliscadinha nisto pra enrolar a fome até Amy e Dan voltarem? — Ela pegou um pedacinho com o dedo e colocou na língua do gato enquanto dava um grande bocejo.

Foi como se o bichano tivesse levado um susto. Ele estalou a língua como um degustador de vinho, voou no dedo de Nellie e lambeu tudinho.

Com esse incentivo, a *au pair* estendeu a lata. Ficou vazia em trinta segundos.

— Isso, gatinho! — Nellie comemorou. — Eu sabia que você ia adorar se experimentasse! É comida pra gato... é pra gente como você!

Saladin estava na metade da segunda lata quando Amy e Dan entraram de repente pela porta.

Nellie estava fora de si, triunfante.

— Podem me dar os parabéns, pessoal! A greve de fome acabou... — Foi nesse momento que se deu conta de que Dan estava brandindo uma mortífera espada samurai dentro do quartinho de hotel. — Largue essa coisa antes que ela corte as suas orelhas!

Dan ignorou a advertência, mas Saladin parou de comer e se enfiou embaixo da cama.

Corada de empolgação, Amy brandiu a outra espada e disse:

— Está tudo bem! É a próxima pista!

— Espadas? — Nellie estava confusa.

— Tungstênio! É isso que tem na liga deste aço!

— Comecem a fazer as malas! — disse Dan. — Vamos para Tóquio! Ah, sim, e parabéns, Saladin. Nós sabíamos que você ia conseguir.

Um *Prrr!* nervoso veio de debaixo da cama.

Nellie ficou totalmente confusa.

— Mas por que Tóquio?

— É de lá que vêm essas espadas — Amy explicou, sem fôlego. — Foi lá que o aço foi forjado. E havia um texto na galeria que dizia que Fidelio Racco partiu para o Japão e nunca mais se ouviu falar dele!

— E nós temos que fazer isso também? — a *au pair* perguntou.

— Os vestígios apontam para lá — insistiu Amy. — É lá que vamos achar a próxima pista.

A lealdade com certeza era a melhor característica de Nellie Gomez. Sem dizer outra palavra de protesto, ela pegou o telefone e ligou para a companhia aérea japonesa.

Os Kabra tinham dinheiro; os Holt tinham músculos; Irina tinha malícia e treinamento; Alistair tinha experiência; e Jonah tinha fama. Amy e Dan Cahill tinham pouco mais que suas cabecinhas. E, no entanto, só eles tinham descoberto a segunda pista.

E a busca continuava.

CAPÍTULO 21

PARA OS MORADORES DE SALZBURGO, NA ÁUSTRIA, WILLIAM McIntyre parecia ser só mais um turista. Talvez com roupas muito formais, com seu terno escuro de executivo, mas apenas um visitante estrangeiro passeando pela praça pública. Ninguém pareceu notar o pequeno monitor portátil, nem ouvir os bipes fracos que o aparelho emitia enquanto se aproximava do transmissor de sinal.

Durante quase uma semana, o senhor McIntyre usara seu equipamento para não perder o rastro de Amy e Dan enquanto eles viajavam de Paris para Viena e depois para Salzburgo. Porém o sinal tinha parado de se mexer. Na verdade, fazia dois dias que não se mexia. Alguma coisa estava errada.

Conforme ele atravessava a praça apinhada de gente, os bipes se consolidaram num som contínuo, o que significava que o transmissor estava muito próximo.

McIntyre ficou olhando. Lá estava ele, preso como um alfinete de lapela na estátua de Mozart no meio da praça.

Uma mão forte pousou em seu ombro e o fez se virar. Era Alistair Oh,

espumando de raiva.

— Então foi você! — acusou o idoso. — Não quero que você se meta na busca! Cadê minha pista?

O advogado deu de ombros, confuso.

— Eu não tenho nada que pertença ao senhor.

— Eu tinha uma pista que achei no túnel na arquiabadia de São Pedro — disse friamente Alistair. — Quando fui pegá-la para mandar traduzir, descobri que tinha sumido e o seu localizador estava na ponta da minha bengala. Exijo que o senhor se explique.

— Não tenho explicação.

— Então o senhor confessa que estava tentando manipular a caça ao tesouro. — Seus olhos se estreitaram.

— Ou quem sabe o seu plano é sabotar tudo e ficar com o prêmio.

O senhor Mclntyre endireitou o corpo.

— Lamento por isso. Não há dúvida de que alguém ludibriou o senhor, mas não fui eu. O senhor deveria saber que, com um prêmio tão valioso, é de esperar que haja traições. E os Cahill são capazes de quase qualquer coisa.

— O senhor ainda me paga. Quando eu vencer a busca, vou tomar providências para que o senhor nunca mais trabalhe! — Alistair girou nos calcanhares e foi embora.

Mclntyre deu um profundo suspiro enquanto retirava o localizador da lapela de Mozart. Tinha sido grudado ali com chiclete. Enfiando o microaparelho no bolso, ele deixou a praça e andou três quarteirões até um café ao ar livre num pátio afastado. Sentou-se numa mesa, tranquilo, diante de um homem vestido inteiramente de preto.

— Você não vai acreditar — o advogado anunciou em tom de desolação. — Eles encontraram o localizador embaixo da coleira do gato e o plantaram em Alistair Oh.

O homem de preto esfregou a testa franzida.

— Então você está querendo dizer que perdemos o rastro das crianças?

Mclntyre confirmou com a cabeça, soturno.

— As crianças é que nos despistaram. Talvez eles sejam ainda mais espertos do que madame Grace imaginava.

Muito acima da mesa onde os dois homens se encontravam, o rastro de um avião traçou uma faixa branca no céu azul e limpo, rumo ao Oriente.



CONTINUA EM:

O LADRÃO DE ESPADAS